

novos tempo



ARTIGOS E DOCUMENTOS:

- ★ ALGUMAS QUESTÕES SÓBRE O MOVIMENTO SINDICAL — Juvenal Carvalho da Costa.
- ★ AS SOCIEDADES EM COMANDITA NA RDA — H. Schnittke.
- ★ CONSIDERAÇÕES SÓBRE A TÁTICA DO MOVIMENTO RENOVADOR — M. Cello.
- ★ O RELATÓRIO CANELAS.
- ★ PRESTES SÓBRE O DESENVOLVIMENTO PACÍFICO.
- ★ E mais: Artigos de Carréra GUERRA, Eurico MENDES, Calvino FILHO, Eros Sucena Martins TEIXEIRA.
- ★ SEÇÕES: Livros do Mês, Revista das Revistas, Cartas Abertas, Documentos Brasileiros, Notas e Comentários, Editorial.

4

NOSSOS VOTOS PARA 1958

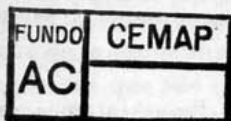
Nêste início de 1958 ainda não seria exigível um balanço das atividades e realizações desta revista, dado que o período de trabalho a examinar criticamente é muito reduzido, pois iniciamos o novo ano apenas com o quarto número de nossa publicação. Entretanto, para os que estão diretamente empenhados na feitura desta revista e para aqueles setores do pensamento avançado e progressista que já nos foi possível atingir — marxistas e não marxistas — “NOVOS TEMPOS” já pode permitir, sem dúvida, uma grande e justificada satisfação nêste alvo-cer de 1958. E’ que o ano novo se inicia sem a carga negativa de uma omissão que era o sintoma duma já insuportável estagnação teórica, da asfiriante falta de circulação das idéias, do desestímulo esterilizante ao estudo e interpretação da realidade e do pensamento brasileiros. Entramos em 1958 com uma tribuna para o debate, a divulgação de contribuições originais, a unificação, a controvérsia e a retificação de concepções, para a informação, o confronto e o intercâmbio. Realizando uma iniciativa como “NOVOS TEMPOS”, não chegamos a 1958 de mãos vazias, com um trabalho por começar.

A acolhida com que fomos estimulados e a repercussão das primeiras iniciativas demonstram-nos a validade e necessidade objetiva do programa de trabalho exposto no editorial de nosso primeiro número. Em realidade, num país que vive profundas transformações, como o Brasil, a aplicação dos princípios científicos do materialismo dialético à pesquisa e à interpretação da intensa movimentação da sociedade brasileira têm, agora, a sua oportunidade excepcional e representam ao mesmo tempo uma necessidade para o desenvolvimento do pensamento nacional. E’ hora dos marxistas darem a sua contribuição. Simultaneamente, dado o caráter democrático geral, pré-socialista, das transformações em curso, são mais do que desejáveis os contatos com o pensamento avançado, não-marxista, como já frisamos em nosso número inaugural.

Nossos votos para 1958, ano cujos entrechoques políticos reclamam crescente clareza, objetividade e profundidade científica na análise e interpretação dos fatos, só podem ser, portanto, que estas páginas sejam cada vez mais ampla e intensamente utilizadas.

Em 1957, iniciamos. Em 1958, queremos consolidar e realizar os projetos programados na mais ampla proporção. O pensamento teórico de vanguarda terá, nestas colunas, o seu instrumento de divulgação e penetração, a sua tribuna de debates.

Algumas questões sôbre o Movimento Sindical



JUVENAL CARVALHO DA COSTA

Ninguém é dono da verdade. Há, porém, que distinguir os que procuram a verdade, ou dela se aproximam, partindo de uma análise da realidade, dos que procuram a verdade na aplicação mecânica dos imensos volumes ou compêndios que leram, sem levar em conta fatores que merecem o primeiro plano, tais sejam, as condições específicas, as tradições, o terreno, as forças e o amadurecimento da consciência das massas que atuam, nas várias etapas do desenvolvimento social.

Partindo dêsse princípio e longe de querer tirar a verdade do bolso do colete, mas tão somente querendo contribuir para um debate que deverá tornar-se vivo no movimento sindical brasileiro, acho que o desenvolvimento do sindicalismo no Brasil precisa passar por uma radical revolução nos seus métodos e costumes, além do que, adquirir uma estrutura planificada, que busque encontrar na realidade, o caminho que deve seguir, e dar a contribuição obrigatória, que pode dar, ao desenvolvimento de toda a sociedade brasileira, em busca do seu caminho independente, soberano e de bem-estar para seu povo. Contribuição essa que lhe dá lugar de destaque nessa etapa de organização da classe operária no cumprimento de seu papel histórico.

— Qual o ponto de partida?

Levando em conta a deformação de que está possuído o movimento sindical no Brasil, pela qual todos somos responsáveis, acho que devemos partir para um amplo e honesto debate, do qual participem seus dirigentes, seus líderes, mas fundamentalmente a própria classe operária. Pois a ela, melhor do que a ninguém, cabe o papel de juiz supremo dêsse debate de opiniões, porque tem sido o bode espiatório de nossa má orientação e tem arcado com a responsabilidade de nossos erros e experiências. Dêsse debate sairemos mais fortalecidos e coesos. A unidade sindical só poderá florir depois de um choque de opiniões dessa amplitude.

Temos, neste momento, que procurar ouvir os trabalhadores. Parar um pouco de somente querer ensinar-lhes, para buscar em sua sabedoria coletiva as experiências de que carecemos e tanto necessitamos para traçar-lhes um cami-

nho justo, uma orientação segura que traga realmente vitórias, uma organização que nos fortaleça, uma *unidade de base* que desperte sua consciência e lhes dê conhecimento pleno de suas forças. Finalmente, uma confiança segura em seus dirigentes e líderes. Confiança essa que se adquire pelos acertos e vitórias das justas orientações e não que se impõe pelas facilidades administrativas.

Não creio que isto eliminará do movimento sindical, de vez, os desacertos. Mas bem pode diminuí-los e impedir suas repetições contínuas ou permanentes.

Por outro lado, não quero ser negativista. Houve e há, no movimento sindical brasileiro, uma contribuição grandiosa de seus dirigentes e responsáveis, no despertar de uma consciência classista, embora ainda débil, e nas inúmeras vitórias obtidas pela classe operária brasileira

Entretanto, não é demais dizer que essas vitórias foram precedidas e sucedidas de grande sacrifício e até mesmo sangue dessa classe heróica e abgenada. Além do mais, não devemos satisfazer-nos com os êxitos obtidos e, tratando-se de benefícios para a classe operária, devemos mesmo ser insatisfeitos.

A história do sindicalismo brasileiro está ainda por ser escrita. Creio que os velhos militantes do Sindicalismo brasileiro — e temos muitos — poderiam dedicar-se a êsse trabalho. O estudo, por nós, dessa história, em suas mais variadas fases de desenvolvimento e formas de organização, seria uma grande contribuição à tarefa que nos propomos. *Entrar na realidade para obter conhecimentos.*

Nos últimos tempos temos verificado que os sindicatos têm, em sua maioria, sofrido a influência de políticas partidárias e de líderes políticos, ficando à mercê dos caprichos e interesses dêstes, que geralmente são contrários aos da classe operária.

Assim é que o Pacto de Unidade Intersindical de São Paulo, ficando ora à mercê dêste, ora à mercê daquele, não encontrou até agora um centro capaz de aglutinar em tórno de si as massas dos sindicatos que representa e quanto mais fortalece sua unidade de cúpula, mais

equidistante fica das massas operárias, que é de quem deve estar a serviço.

Porque ao invés de, fundamentalmente, ouvi-las e atender os seus desígnios, procura adivinhar o que a classe operária de São Paulo deseja, para conquistar através de entendimentos ou contatos com políticos e partidos.

Essa incompreensão ali reinante, fruto das influências políticas, levou-o a deliberar falsamente por ocasião da greve marcada para o dia 20 de julho de 1956. Depois de inúmeras Assembleias sindicais e discussões com os trabalhadores, que culminaram na decretação da greve, o Pacto de Unidade, sem ouvi-los, resolveu suspender a greve geral. Os trabalhadores não compreenderam essa atitude e de lá para cá, cada vez menor tem sido o prestígio do Pacto de Unidade. Poderá, no entanto, recuperar seu prestígio e ir mais além ainda. Mas, sem que se rememorem os erros e se modifique a forma de trabalho, jamais atingirá seus objetivos.

Devemos ter em mente a preocupação de que precisamos, no Brasil, de uma Central Sindical. O que nos atemoriza, ao pensarmos nisso, é que os organismos de 1.º e 2.º grau, ou sejam, as Confederações e Federações, em sua maioria, como é o caso da CNTI e CNTTT, estão nas mãos de elementos comprometidos com o Ministério do Trabalho. Mesmo sendo assim, acho que se os organismos de 3.º grau, ou sejam, os sindicatos, estando em sua indiscutível maioria libertos desses elementos, em pouco tempo, dentro das instituições legais, libertaremos também as Federações e Confederações, dessa influência perniciosa, através de eleições livres, como já temos alguns exemplos. De forma democrática estaremos, posteriormente, também fundindo essas Confederações na futura Central Sindical. Mas ao invés de nos aproximarmos do trabalho com esses organismos superiores, mesmo contra a vontade deles, ou melhor, de alguns deles, nada mais temos feito do que nos afastarmos cada vez mais, deixando esses órgãos sindicais, que são subvencionados com o dinheiro da classe operária, contra os interesses da classe operária.

Nós que há tantos e longos anos gritamos alto pela autonomia e liberdade sindical, temos contribuído para que isso não se torne real. Autonomia e liberdade sindical só se conquistam quando a massa frequenta e participa dos destinos do seu sindicato, quando tem consciência de que aquilo lhe pertence, é sua trincheira e em suas mãos repousa a direção efetiva dos organismos.

— E que temos feito para efetivar isso?

Acho que há ainda, no sindicalismo, muito

obreirismo e pouca democracia. Muito obreirismo porque a nossa auto-suficiência atingiu a tal grau, que nos julgamos senhores da sabedoria coletiva da classe operária e que a nós cabe a tarefa de pôr tudo isso em prática. Pouca democracia, porque impedimos a efetiva participação da massa e reduzimos a pó sua capacidade criadora.

— Muitos dirão: “mas estamos cansados de convidar e apelar por essa participação!”

De fato. Mas o temos feito de forma falsa e incompreensível pela massa. Com palavras de ordem que não são as suas. Muitas vezes de forma mais elevada do que sua capacidade de luta.

Nesse sentido é que, enquanto a maioria dos trabalhadores discute diariamente o problema da carestia, em todos os cantos, a toda hora, esteja onde estiver, de todas as formas, não tem atendido ao nosso apelo à luta contra a carestia.

— Por que? — Eu também ainda não sei, definitivamente! Mas acho que o segredo está na forma por nós proposta. A nossa forma de luta contra a carestia, não está sendo compreendida pelos trabalhadores porque não é a deles, não obstante eles tenham o mesmo desejo que nós.

Outro exemplo é o de que ninguém pode negar que a classe operária não suporta mais a burocracia ministerialista e da justiça trabalhista. Entretanto, quantos de nós têm-se preocupado com esse problema? Quantos têm apresentado alguma modificação prática para que se lute por ela? — Como, por exemplo: acho que o trabalho da Junta de Conciliação e Julgamento, que é a primeira instância processual, deveria ser desenvolvido pelos sindicatos, que lhe dariam mais desembaraço e ao mesmo tempo mais autonomia aos Sindicatos. E isto, baseado na Lei que padroniza os estatutos das entidades sindicais, preconizando como uma de suas finalidades — “promover a harmonia entre os trabalhadores e empregadores: entre trabalhadores e os poderes constituídos.” Teríamos assim, se não fôsse possível a conciliação através dos Sindicatos, diminuído um tribunal nessa enorme escala que obrigatoriamente temos que percorrer até chegarmos ao S. T. F. que martiriza o trabalhador e facilita o empregador no abuso das medidas administrativas, da reação patronal que sonega diariamente a C. L. T. e faz hoje, através de seus organismos patronais, até programas de sonegações. Como é o caso da abolição da Estabilidade apreçoada pela C. N. I.

Outro assunto de que fugimos sempre de um estudo e de uma luta sem tréguas é o problema da Previdência Social, do qual nos temos servido apenas para demagogia em programas eleitorais nos Sindicatos. Uma vez eleitos, conside-

ramos uma luta de plano secundário e até mesmo sem importância. Fazemos congressos, vemos muita demagogia, aprovamos tudo e ao tentarmos pôr em prática paramos ante o primeiro obstáculo. Os trabalhadores continuam à disposição dos Institutos e Caixas. Todos eles se lastimam cada vez que são obrigados a recorrer a um Instituto. Essa fortuna imensa de que dispomos continua a ser desviada e mal empregada. Somos, nisso tudo, meros espectadores. Verificam-se, nessa luta, raríssimas exceções. Nesse particular, honra seja feita aos bancários, que se agarraram na luta pela aposentadoria ordinária e dela não se desgarram antes de conquistá-la. Têm dado uma importância relativa ao problema da Previdência Social, havendo mesmo eleito já, para a direção da Delegacia do IAPB em São Paulo, um elemento da categoria. Posteriormente esse elemento foi obrigado a se afastar da Delegacia, mas a luta pela sua volta ainda prossegue. Nós continuamos a gritar pela entrega dos Institutos à direção dos Trabalhadores, mas nada de prático se faz.

Os trabalhadores não são ingênuos e vêem que os sindicatos, em sua maioria, atiram fora as deliberações programáticas dos Congressos de Previdência já feitos.

Isso tudo leva a que a classe operária, cansada de aventuras e insucessos, fique sem a perspectiva de uma vitória próxima (por pequena que seja) e passe a ter como reivindicação mais imediata a Renovação.

Se não entendermos isso a tempo e nos encarregarmos da renovação nos métodos, na orientação e nos quadros, ela o fará por si e muitas vezes de forma radical e deformada, retardando seu próprio objetivo. Digo retardando, porque inevitavelmente alcançará seu objetivo, percorra as artérias que percorrer.

Contribui para esse espírito, de forma brutal, a crescente burocracia imposta ao sindicalismo, criando um verdadeiro entrave entre a classe operária e seus órgãos representativos, levando-a muitas vezes ao afastamento.

A burocracia, a papelada que estão acostumados a repudiar nos Institutos e no Ministério, começa a ter guarida nos sindicatos. Seus diretores começam a ser olhados como administradores, capatazes, importantes como os "homens de negócio", distantes deles e sem as características deles.

A única forma de se contrapor à burocracia nos sindicatos, e isso deve ser tarefa imediata, porque essa epidemia se alastra como erva daninha, é a invariável, justa e efetiva democra-

cia sindical, com tôdas as suas letras e sentidos verdadeiros.

—o—

O desligamento generalizado e completo do dirigente sindical da Empresa tem constituído outro sério problema, que merece o nosso estudo.

A meu ver, o afastamento do dirigente da Empresa, é uma faca de dois gumes. Se assim fôr, precisamos ver de que lado corta mais e então mantermos o mais importante. O lado positivo dessa medida é o de possibilitar ao dirigente mais tempo para o estudo da matéria necessária à ampliação de seus conhecimentos, consciente da missão que a classe operária lhe confiou; mais tempo para os contatos nas empresas com os trabalhadores; mais tempo para dedicação às tarefas sindicais, reuniões, organização e coordenação do trabalho. No entanto, pouco ou nada disso se tem feito. Com raras exceções, sempre que os dirigentes vão aos trabalhadores têm como missão um objetivo eleitoral, para si, para seu partido ou para outro.

O lado negativo é a burocratização do dirigente, muitas vezes a sua corrupção, sua dedicação ao trabalho de cúpula; a perda de sua característica operária e seu afastamento das massas, o que, com raras exceções, gera o enfraquecimento de sua ideologia proletária ou sua substituição por uma ideologia reformista. A falta de contato com os trabalhadores faz com que se afaste da realidade, das aspirações de seus companheiros e passe a imaginá-las e, ao mesmo tempo, desenvolver uma luta que é sua e não de sua classe. O seu afastamento, finalmente, leva-o a aproximar-se de uma atividade político-partidária, que, ao invés de unir sua categoria, cria divisões sérias, dadas as contradições e as diferentes opiniões existentes nesse terreno. O Sindicato deve ser o instrumento da classe operária na sua luta reivindicatória; a imposição de uma linha político-partidária pode levá-lo ao isolamento em relação aos trabalhadores.

De modo geral essa situação levou a que muita gente procure, hoje, emprêgo nos Sindicatos e não servir a sua classe.

Está claro também que alguns sindicatos, por condições específicas, apresentem a necessidade de algum desligamento de diretor. O que combate não é o desligamento puro e simples, mas sim a sua generalização de tão graves consequências.

—o—

Quantas e quantas vezes em sindicatos houve brigas e divisões para se aplicar uma determinada tarefa político-partidária, (moções, etc.) que se discutidas no local de trabalho com 10 tra-

balhadores teria mais valor educacional do que aprovadas numa assembléia com 100 trabalhadores, formalmente. Mas a preocupação não era tanto de esclarecer. Se se tratava de u'a manifestação oficial do Sindicato, era um problema de fachada. Honestamente, prefiro o silêncio do Sindicato e o esclarecimento dos trabalhadores, sôbre problemas políticos, ao pronunciamento do Sindicato e à incompreensão dos trabalhadores. Mas, ante a primeira e a segunda tarefa, a segunda é mais fácil e por isso sempre a aplicada. Pouco importam suas conseqüências. Resultado: os sindicatos e suas cúpulas são vistos hoje como organismos políticos e os trabalhadores continuam com sua consciência política pouco esclarecida e mesmo confusa. Essas posições políticas em sindicato é que levam à formação de grupos. Esses grupos por sua vez puxam a sardinha, cada um para seu lado, e não contribuem para a unidade tão reclamada. Essa unidade desejada e tão necessária para as conquistas da classe operária. O sindicato não tem côr política, pode desenvolver-se com tôdas as tendências. Se fizermos exclusivamente uma política de classe e operar dentro desses princípios básicos, a unidade sindical será mantida, porque as tendências ficarão fora do sindicato.

Enfim, surgem líderes e com a mesma facilidade caem no desprestígio e no ostracismo, quando uma das maiores necessidades da classe operária continua sendo a formação de líderes.

Antes que surja a nova geração de líderes que a classe operária, sem dúvida, vai produzir, é preciso fazermos uma revolução no sistema, nos métodos e na orientação sindical no Brasil; caso contrário, também esta safra estará destinada a cair no desprestígio e conseqüentemente no ostracismo. Há os recuperáveis e os ainda não atingidos por essa deformação. Começemos, pois, esta revolução com êles na vanguarda.

O sindicalismo, no Brasil, precisa ser a escola educacional e criadora de uma classe operária consciente, forte e revolucionária. Um potencial que até agora ficou à mercê da classe dominante e que não pode continuar desperdiçado.

Atualmente, precisamos tornar o sindicalismo uma tribuna operária, onde, com entusiasmo e democracia, se discutirão êstes temas e outros. Para isso seria útil a elaboração de um projeto de programa, onde, entre outras, se incluíssem as seguintes questões:

- Como deve atuar o Pacto de Unidade Intersindical?
- Que fazer para enfrentar o problema da Previdência Social?
- A Estabilidade ainda está ameaçada? — Que fazer para garanti-la?
- Como lutar contra a burocracia Ministerialista e Judiciária Trabalhista?
- Como acabar com a burocracia nos sindicatos?
- A extensão da C. L. T. ao campo deve ser geral? Ou será mais viável somente aos assalariados agrícolas?
- Deve ser elaborada uma nova Consolidação para os demais trabalhadores do campo, de acôrdo com as suas condições específicas de trabalho?
- Que medidas tomar contra o desconto do Impôsto sôbre a Renda nos salários?
- A escala movel de salário interessa à classe operária brasileira?
- Como os trabalhadores poderão lutar contra a alta do custo de vida?
- Os Conselhos de Empresa e os delegados sindicais são a forma ideal de organização sindical? — É tudo?
- Como entregar aos trabalhadores as Federações e Confederações que estão nas mãos de falsos trabalhadores?
- Devemos desprezá-las ou procurar ganhá-las?
- Os Sindicatos devem ser autônomos ou devem sofrer influência político-partidária?
- Precisamos no Brasil de uma Central Operária ou não?

São Paulo, 1957.

O Movimento Revolucionário Brasileiro na encruzilhada

EURICO MENDES

1) O surgimento da "Corrente Renovadora" não é a primeira tentativa de revivescência do movimento comunista brasileiro e nem será a sua última. Durante mais de trinta anos, grupos maiores e menores se desligaram ou foram expulsos do partido oficial, e enquanto este continuava com sua presente política, novas gerações de revolucionários se rebelarão e seguirão o mesmo caminho. No passado a grande maioria dessas cisões abandonou, não só o Partido, mas também o movimento comunista em geral, integrando-se em organizações reformistas ou ficando completamente perdida para o movimento operário. Deve-se isso, em parte, ao fato de que a maioria dessas tentativas recuou de uma revisão radical da linha política oficial, limitando-se a propor paliativos que não resolveram os problemas fundamentais. De outro lado, essas cisões se deram numa fase de declínio do movimento revolucionário, no auge da crise ideológica, quando as perspectivas da luta pareciam remotas e, para muitos, incertas.

O que distingue a presente situação de anteriores é que demonstra perspectivas muito mais favoráveis. A falência do stalinismo se tornou tão evidente que a revisão se iniciou no seu sustentáculo mais forte, na própria URSS. O campo socialista, inclusive a própria União Soviética, iniciou um processo de desburocratização, que está fortalecendo a sua posição material e ideológica no mundo. A economia capitalista, após a reconstrução das ruínas criadas pela guerra, chegou novamente a um ponto de saturação. Enfrentamos o espectro de uma crise de superprodução agrícola, assistimos há mais de um ano à queda dos preços de matérias primas e encontramos novamente à beira da crise cíclica industrial. O proletariado do Ocidente está passando por um processo de radicalização, indicando uma nova intensificação das lutas de classe em escala mundial.

2) A plataforma ideológica mais ou menos definida, sobre a qual se desenvolve o atual processo de renovação, tanto na órbita socialista,

como no Ocidente, é a "volta ao leninismo". É evidente que não se trata de uma simples volta ao passado. O comunismo, como movimento político, ostenta, hoje, uma idade respeitável. De Babeuf a Blanqui, Marx e Lênin, ele cresceu, desenvolveu-se e expandiu-se. Nos últimos trinta anos passou por uma das suas piores crises. Não podemos ignorá-la, nem começar simplesmente de novo, de onde parou há trinta anos passados. Os tempos são outros e o movimento também. Não se submerge duas vezes no mesmo rio. Temos, todavia, de encontrar um ponto de referência e uma base ideológica, que permita enquadrar-nos dentro da evolução dialética do movimento. Só assim podemos de fato aplicar as experiências do passado e subsistir como comunistas.

COMO ACONTECEU

3) A Internacional Comunista, quando fundada em 1919, reuniu as alas e os grupos dos movimentos operários, que queriam seguir o exemplo do proletariado russo e que visavam à revolução socialista nos seus próprios países. Eram, todavia, poucos os Partidos que já dispunham de uma experiência própria nessa luta. A maioria das seções da Internacional se limitava a imitar e copiar a tática, a linguagem e as formas de organização do movimento revolucionário russo.

Lênin e outros viam os perigos que esse fenômeno representava. Ele não encarava a Internacional como prolongamento do P.C. soviético. Basta lembrar que entre os fundadores da Komintern havia uma Rosa Luxemburg e um Antônio Gramsci, que freqüentemente defenderam pontos de vistas diferentes dos dos bolcheviques, e os quais, cada um ao seu modo, contribuíram para o enriquecimento do comunismo. Lênin via na Internacional a coordenação da "estratégia global" da classe operária mundial, à base dos princípios do marxismo revolucionário. Em um dos seus últimos discursos, no

quarto Congresso da Internacional, Lênin lançou uma advertência contra a tentativa de adotar resoluções "russas".

4) A "tática", todavia, perdurou na prática e, até certo grau, era inevitável esse fenômeno. A primeira reação de revolucionários sem experiência própria é imitar outros, principalmente quando êsses são bem sucedidos. A tentativa do proletariado mundial de "falar russo" falhou, entretanto, e condenou a maioria dos Partidos a uma existência de seitas. Para compensar essa situação, desenvolveu-se um certo culto de símbolos revolucionários, que deu origem às correntes ultra-esquerdistas, a "teoria" do social-fascismo, obreirismo, etc.

Essas tendências, que surgiram espontaneamente, foram reforçadas e alimentadas, em seguida, pelo centro de Moscou, durante as lutas de facção no Partido Soviético. As diversas facções russas procuravam apoio na Internacional e mais tarde transferiram os problemas russos para a Internacional. Tanto Stálin, como Trotskky se serviram da Internacional, destruindo-a como movimento soberano, pregando a "bolchevização" das secções nacionais.

5) A "bolchevização" tinha de fracassar no Ocidente. Os bolcheviques tinham adaptado o marxismo revolucionário às condições russas e nessa base criaram a sua tática e sua organização, formando o Partido proletário de moral revolucionário mais alto que conhecemos. Tarefa do movimento nos países burgueses teria sido criar organizações partidárias que, nas condições dadas nos seus países, poderiam preencher o mesmo papel que os bolcheviques tiveram na Rússia. As tentativas de imitação só poderiam dar em degenerescência.

Havia muitas diferenças entre as condições existentes na Rússia pré-revolucionária e as da Europa Ocidental. A mais importante era talvez o fato de terem os revolucionários russos praticamente criado o movimento operário no seu país. Encontraram êles um campo virgem, sem sindicatos e outras organizações de massa. Representava isso a sua força — e mais tarde a sua fraqueza. Os revolucionários do Ocidente, ao contrário, já encontravam formas de organizações tradicionais, sindicatos, cooperativas, sem falar dos Partidos reformistas propriamente ditos. Êles tinham de respeitar as formas de organizações e de lutas, que as diversas classes operárias criaram, dando-lhes um conteúdo revolucionário. Em vez disso, recomendaram padrões bolcheviques, se isolaram das massas operárias e deixaram as suas organizações nas mãos de uma liderança reformista.

6) A tarefa dos companheiros russos teria sido ajudar às incipientes organizações comunistas do Ocidente, até que amadurecessem e se tornassem de fato independentes, aprendendo na prática a aplicar o marxismo na política diária nos seus diferentes países. Nas condições particulares da União Soviética, depois das lutas de facção, os líderes russos não mais tiveram essa paciência. Já que a Internacional não fazia revoluções, ela devia servir de outro modo. Tornou-se um braço prolongado da diplomacia soviética.

Êsse processo se iniciou depois da conquista do poder pelo nazismo na Alemanha, o fundamento "teórico" da nova orientação foi fornecido pelo VI Congresso, que devia iniciar a fase da colaboração dos Partidos Comunistas oficiais com as "burguesias progressistas" dos países europeus que, numa provável guerra, poderiam ser aliados da URSS. A palavra de ordem foi a conquista das simpatias da pequena burguesia e a aliança com os governos burgueses antifascistas. O patriotismo nos países capitalistas foi reabilitado e a luta de classe "congelada". Toda propaganda revolucionária foi eliminada: êsse campo foi deixado livre para os trozkistas, que a continuaram nos velhos moldes "bolcheviques". E todos aquêles que não se conformaram com êsse estado de coisas e que insistiram no caráter revolucionário do movimento comunista foram declarados "trozkistas". A revolução mundial ficou a cargo do Exército Vermelho.

Para a União Soviética isso pode ter trazido vantagens passageiras. Para o movimento revolucionário no Ocidente ela trouxe a maior das suas crises.

OS EFEITOS NO BRASIL

7) Um movimento que se põe como tarefa renovar o comunismo no Brasil, enfrenta ainda como tarefa, que o Partido Comunista não solucionou durante toda a sua existência — a de aplicar os princípios do marxismo revolucionário à realidade brasileira. Ainda não foram criadas as bases teóricas e práticas do marxismo brasileiro.

Temos de partir de uma base de princípios gerais para poder tirar as conseqüências para uma situação particular. Essa base nos é fornecida pelas experiências do movimento revolucionário de uma certa época, quando não foi desvirtuado ainda por interesses separatistas. Isto é, concretamente, enquanto os problemas russos ainda não se fizeram sentir no movimento internacional. As experiências teóricas que, como vimos, nem sempre foram cumpridas na

prática, encontram-se provavelmente condensadas nos protocolos dos primeiros quatro Congressos da Internacional. Essa herança leninista, tentativa de aplicação do marxismo na época imperialista, fornece-nos uma base comparativa para o desenvolvimento do comunismo no Brasil. De certo modo, êsse procedimento nos forçará a dar um passo atrás mas não é essa a única vez na história de um movimento operário, que se dá êsse recuo, para poder avançar dois passos para frente. Temos de preencher o vácuo, que o stalinismo deixou. Para nós é o meio de formar o movimento capaz de enfrentar os problemas do presente.

8) Para o proletariado brasileiro, o impacto do stalinismo teve conseqüências mais trágicas do que para as classes irmãs nos países europeus. Lá, a classe operária tinha criado suas organizações próprias, a Segunda Internacional tinha realizado a obra da independência orgânica do proletariado, que dispunha de sua imprensa própria e de uma consciência de classe que o distanciava da sociedade burguesa. O problema do operário europeu não era mais a definição pelo socialismo. O problema e as divergências que surgiram eram sobre os meios de chegar até lá. A atividade dos Partidos Comunistas se desenvolvia à base dessa consciência e das tradições socialistas em geral, que conservavam a independência do movimento operário nos países industrializados.

No Brasil não havia essas tradições. Era tarefa histórica do Partido Comunista dar ao proletariado brasileiro essa consciência de classe, que lhe permitisse preencher um papel independente na política nacional. O Partido falhou. E o resultado é que a classe operária fornece a base eleitoral do chamado "populismo", seja de côr getulista ou ademarista, sob uma liderança latifundiário-burguesa, dispondo de uma vida sindical incipiente, sob o contróle do Ministério do Trabalho. Há explicações para essa situação única, mas não há justificativas do ponto de vista comunista. Ela se explica unicamente pela completa falência do fator subjetivo, do Partido, que durante 35 anos de atividade ainda não chegou a compreender o seu papel no ciclo da revolução brasileira.

A tarefa primordial de qualquer movimento marxista renovador no Brasil é preencher essa lacuna que o Partido deixou. Grande parte das energias de qualquer futura organização comunista, ou de grupos que tendem a se estabelecer como tal, terá de ser dedicada a êsse processo de transformar o proletariado brasileiro "de uma classe em si em classe para si". Temos de realizar todo êsse trabalho educacional diá-

rio e prosaico, que se realizou no movimento europeu, décadas antes da revolução russa, num prazo infinitamente mais curto, pois os acontecimentos não nos esperarão. As condições objetivas nos favorecem. A revolução proletária não é mais uma hipótese. Temos a nosso favor o exêmplo de uma terça parte da humanidade, que rompeu com o capitalismo. Dois satélites, que hoje circunfluem o globo, mostram a superioridade de um sistema econômico que não se baseia mais na caça do lucro e que, no curto espaço de quarenta anos, transformou o país mais atrasado da Europa na segunda potência do mundo. A sociedade capitalista, apesar de tôdas as tentativas de adaptação, não solucionou nenhuma das suas contradições fundamentais, que já a abalaram, quando Rosa Luxemburg a chamou de "Cadáver em putrefação".

O processo de industrialização do Brasil transplantou as contradições da economia capitalista em geral para as nossas terras "subdesenvolvidas". Criou um jovem proletariado e iniciou o processo da proletarização da classe média. A fábrica moderna ensina ao operário a divisão do trabalho, a disciplina industrial e a cooperação. Nós temos de dar a êle a consciência do seu papel. "Temos 10, 20, 50 anos de lutas em nossa frente, não só para mudar as condições objetivas da sociedade, mas para modificar a própria classe operária e prepará-la para o poder", disse Marx.

A BASE IDEOLÓGICA

9) A questão da independência orgânica do movimento político da classe operária na sociedade burguesa é, antes de tudo, um problema ideológico. "A ideologia, quando toma conta da massa, torna-se um poder material", dizia Marx aos seus companheiros, quando começaram a organizar o proletariado europeu. A ideologia revolucionária, o marxismo, visa a dar ao proletariado uma perspectiva para sua luta e imunizá-lo, de certo modo, contra o tremendo impacto, que êle sofre diariamente, por meio de imprensa, rádio e outros veículos da ideologia burguesa. O proletariado tem consciência de classe quando sabe que dentro da sociedade burguesa não há solução para seus problemas. Quando sabe que a única propriedade que a burguesia lhe concede é a sua força de trabalho, que não representa mais do que uma mercadoria, que não vale mais do que o necessário para restabelecê-la no dia seguinte. Quando sabe que sua emancipação será a emancipação de toda uma sociedade. O Partido ou os grupos revolucionários existentes, que velam

sobre essa consciência e a nutrem, ensinam à classe operária a tirar as conseqüências práticas da sua situação objetiva e procuram enquadrar a luta diária e latente dentro de objetivos ulteriores, tirando seu caráter imediatista. O objetivo ulterior do movimento comunista será sempre a revolução proletária e o estabelecimento de uma sociedade socialista. Esse motivo terá de ser deixado claro em tôdas as fases da luta — sob pena de desvirtuá-lo. É esse objetivo que distingue o Partido proletário de todos os outros partidos, que dá à luta de classe proletária as suas características determinadas e que imuniza a classe explorada contra os demagogos burgueses, que procuram dominá-la em troca de um prato de lentilhas. Foi por isso que Marx, na aurora do moderno movimento socialista, num momento em que a Alemanha ainda estava para fazer a sua revolução burguesa e travar a luta pela unificação nacional, disse aos operários alemães que eles não tinham pátria. Foi por isso, também, que Lênin proclamava aos trabalhadores russos: "Patriotas só seremos quando tomarmos o poder".

É um engano pensar que só se fala do socialismo e dos meios de sua realização, quando o problema está na ordem do dia. Quando a classe, a quem cabe realizar a obra, não está sendo preparada durante anos de luta para preencher o seu papel, será tarde para aproveitar as ocasiões históricas — como mostra o exemplo europeu, depois de duas guerras mundiais. E, ao contrário, o caso das duas maiores revoluções do século, russa e chinesa — demonstra os efeitos de uma luta ideológica prolongada.

10) Para nós, no Brasil, o problema coloca-se com tôda a urgência. A nação, de certo modo, está desprotegida pela falta da existência de um proletariado com consciência socialista, capaz de polarizar, reunir em torno de si e impulsionar um movimento de emancipação mais amplo, para o qual as condições estão maduras. Enquanto não existir no Brasil um proletariado como fator político independente, em condições de arrastar camadas mais vastas da população na defesa dos interesses vitais do país, a resistência ao imperialismo dependerá dos oscilantes e inconseqüentes movimentos pequeno-burgueses e burgueses, que capitularão nos momentos decisivos, isto é, tôdas as vezes em que o imperialismo der uma prova de força, como no caso de Fernando de Noronha.

A Internacional, nos seus bons dias, combatendo o "esquerdismo" da infância do movimento revolucionário, já assinalava que os comunistas devem apoiar os movimentos anti-imperialistas e de libertação nacional, mesmo

quando se encontrem ainda sob liderança burguesa, mas terão de fazê-lo de modo a conquistar a confiança das massas, para que cheguem a conquistar a chefia do movimento, a fim de libertá-lo da sua mediocridade pequeno-burguesa.

Dispomos das condições objetivas para isso. Não somos nenhum país árabe, recém-saído do "status" colonial, com um proletariado industrial incipiente. Em relação ao número da população, a classe operária brasileira é maior do que era a russa em 1917 e é muito maior do que é presentemente a chinesa. Do ponto de vista geográfico, estamos destinados a reagrupar em torno de nós a solidariedade dos povos latino-americanos, o que representa o único modo efetivo para resistir à pressão do Imperialismo, materialmente mais forte.

11) O problema foi colocado em termos de nacionalismo. Não temos dúvidas de que um movimento nacionalista ainda tem um papel progressista a preencher no Brasil. Na fase atual da luta seria um aliado da classe operária, dentro de um movimento anti-imperialista mais vasto. Não passará de um aliado, todavia, e se tornará nocivo, se tentar dominar ideologicamente ou organicamente à classe operária. Isso atrasaria os ponteiros e adiaria a formação de um proletariado político no país.

O nacionalismo é evidentemente uma ideologia burguesa e sua expansão no seio da classe operária deixaria esta à mercê da liderança ideológica e — para isso basta apenas um passo — orgânica da burguesia. Getúlio falava uma linguagem nacionalista e Jânio e Agemar não terão dificuldades em empregá-la amanhã. Terão mais recursos para isso do que nós. Se não soubermos mostrar onde se dividem as águas, deixamos eternamente as portas abertas para que um demagogo qualquer, que tenha tais recursos, se apodere da classe operária, usando-a para seus fins. Não faríamos mais do que passar um recibo a 20 anos de stalinismo.

12) Existem nacionalistas e existem comunistas, mas o que não é possível é abraçar as duas correntes ao mesmo tempo. Os companheiros que não compreenderam isso, não se deram simplesmente ao trabalho de estudar o comunismo como teoria. É evidente que a maioria sabe do que se trata, mas aceita o termo de nacionalista por motivos táticos imediatos. É essa uma tática perigosa, que no passado somente teve como resultado uma profunda desmoralização do movimento operário e de uma completa desorientação dos novos quadros.

Somos políticos, evidentemente, e nem sempre podemos dizer o que sentimos — mas nunca devemos dizer o que não corresponde às nossas convicções. Foi êsse sempre um dos axiomas de movimentos verdadeiramente revolucionários, tanto na clandestinidade como na legalidade, que souberam conquistar e conservar a confiança das massas. Na luta diária teremos resultados muito mais sólidos, se renunciarmos às táticas maquiavélicas do passado e não escondermos as nossas convicções aos nossos aliados. Eles não aceitarão talvez as nossas opiniões mas as respeitarão e os melhores elementos da pequena-burguesia se juntarão a nós no decorrer da luta. Para isso, todavia, temos de ser honestos com êles e não deixar dúvidas quanto ao seu modo de luta unicamente nacionalista, meramente defensivo, que, por si só, não resolve os problemas internos e externos do Brasil. Temos de deixar claro para êles que a atual situação internacional do país é um produto de sua estrutura interna. Sem reforma social radical não há emancipação nacional. Somente o socialismo transformará os nossos caboclos em homens do Século Vinte e fará do Brasil uma nação verdadeiramente livre e independente, com direitos iguais a outros povos emancipados dêste mundo.

13) O fato de estarmos prestes a participar de um movimento de libertação nacional não nos torna nacionalistas — assim como não se tornaram burgueses os comunistas que participaram de revoluções burguesas. O que distinguia os comunistas de tôdas as outras correntes, inclusive socialistas reformistas, nas revoluções burguesas clássicas, no século passado e princípio dêste, — tanto Marx na Alemanha, como Lênin na Rússia, — pode ser resumido no celebre “marchar separado, bater junto”. A preocupação máxima dêles era a conservação da independência e integridade do movimento operário revolucionário, que impulsionava ademas classes para a frente, as quais em virtude de suas hesitações, sòzinhas, não conseguiram nem as meias medidas, que elas estavam propagando. Foi na aurora dêste movimento de 1848, que a Liga dos Comunistas definiu, pela primeira vez na história, as reivindicações independentes do proletariado. Lênin não hesitou em cindir a social-democracia russa, quando a ala reformista propunha deixar aos liberais a liderança da revolução burguesa. Impõe-se evidentemente a pergunta: por que hoje, quando o comunismo atingiu uma força antes não imaginada, os nossos companheiros receiam dar êste passo decisivo, que pequenas seitas souberam dar em situações com menos perspecti-

vas? O que sabemos, com certeza, é que nunca teremos movimento revolucionário do proletariado brasileiro enquanto não dermos êsse grito de independência ideológica. O ato de nacionalização que mais interessa à classe operária no momento é a nacionalização do marxismo no Brasil, é a formação de um legítimo movimento comunista brasileiro.

—o—

O PROBLEMA DO PARTIDO

14 — A formação de um partido revolucionário, que represente as aspirações da classe operária, é um processo orgânico, que leva determinado tempo. É claro que qualquer facção saída do PC poderia estabelecer-se como partido, mas isto só indicaria uma intenção e poderá, possivelmente, prejudicar o processo da formação de um organismo partidário.

Temos de colocar o problema diferentemente do PC. Para êste basta um núcleo dirigente, ao qual os militantes aderem. Não havendo verdadeiro debate, não existindo o problema de uma constante aplicação do marxismo na prática diária, o partido tipo stalinista é formado para executar uma política imposta de cima. Um futuro partido revolucionário tem, desde o início, de assegurar uma estrutura democrática interna, garantindo a elaboração da orientação política por meio de debates e criando, ao mesmo tempo, uma estrutura bastante sólida, que lhe permita seguir a linha uma vez tomada. Fariamos bem se partíssemos do ponto de vista de que não somos os únicos que contribuirão para a formação dêste visado partido. Na efervescência social que o país passará em futuro próximo, surgirão muitos argumentos e se produzirão novas cisões no PC. Todos êles contribuirão para o debate geral. Temos de nos preparar para um processo de cristalização, pois muitos que deixam a linha partidária, no fundo, estão querendo abandonar o movimento comunista e irão para a direita, visando a objetivos políticos mais imediatistas. Temos de levar em consideração êsse fenômeno e reagrupar as forças revolucionárias conscientes.

15) Devemos recomendar a todos os grupos existentes que adotem um mínimo de disciplina partidária, necessária para a sua sobrevivência. Depois de vinte anos de coação stalinista, nota-se hoje a tendência para abolir todos os laços orgânicos e todos os compromissos organizatórios. Apesar de tôda a compreensão que temos em relação a estas reações psicológi-

cas, não podemos aprová-las, pois, se se impusessem, liquidariam todo o movimento e prejudicariam as possibilidades da formação de um futuro partido.

Os grupos existentes, de certo modo, devem fornecer a prova das possibilidades da existência de um partido verdadeiramente revolucionário no Brasil, tanto pelo seu conteúdo, como pela sua forma de organização. Devem dar um exemplo de vida partidária, baseado na responsabilidade dos seus quadros. Devem restabelecer os laços humanos, de respeito e solidariedade, base da disciplina voluntária, que caracteriza as organizações revolucionárias. E devem, finalmente, procurar preservar a existência de todos os organismos e evitar a sua decomposição, pois eles são as cabeças de ponte para a atividade no futuro.

16) O que influirá, decisivamente, a estrutura de um partido revolucionário no Brasil,

é a sua atitude frente à classe operária. O PC fez política à custa da classe operária e dos seus votos eleitorais. Temos de identificar-nos com a classe e vencer o abismo que ainda existe entre o intelectual comunista e o operário de fábrica. Temos de criar grupos compostos de intelectuais e de operários comunistas, que encontram uma linguagem comum e que asseguram os laços entre a classe e a sua vanguarda. Temos de criar o tipo de revolucionário para o qual a hegemonia da classe operária na luta política, é mais do que um postulado teórico, ou uma reação sentimental. Temos a matéria prima para isso: Os nossos intelectuais da esquerda, freqüentemente autodidatas, capazes de se dedicarem integralmente a uma causa e os melhores elementos da nossa classe operária, que já no passado revelaram abnegação e tenacidade na sua luta contra as patas da cavalaria. São esses os herdeiros das melhores tradições do povo brasileiro, aos quais cabe a obra de transformar a qualidade em quantidade.

L E I A M

HISTÓRIA SINCERA DA REPÚBLICA

DAS ORIGENS A 1889

(Tentativa de Interpretação Marxista)

de LEÔNCIO BASBAUM

UMA EDIÇÃO DA LIVRARIA SÃO JOSÉ

A venda nas livrarias

As sociedades em comandita na RDA

H. SCHNITKE

A casa "Zico-Holzwaren", P. Zimmermann und Co. KG, de Deutschneudorf, recebeu pedidos para o Irã e Turquia, na Feira de Leipzig... Isso eu li no jornal berlinense *Der Morgen*. Pouco depois vi diversas notícias com aquela enigmática sigla. O que significa "und Co.", todo o mundo sabe, mas que quer dizer "KG"?

Falando com o diretor do Banco Alemão de Investimentos, doutor Charles Dewey, e com seus empregados fiz-lhes essa pergunta.

— "KG" — Kommanditgesellschaft — quer dizer sociedade em comandita, respondeu-me Vogel, diretor de uma seção do Banco. E ao notar que o nome por extenso não me esclarecia muito, fez-me uma pequena preleção sobre o direito comercial alemão.

NOVO CONTEÚDO DE UMA VELHA FORMA

Na Alemanha existem há muito as sociedades em comandita. Em geral, são pequenas companhias que constam de vários sócios, aliás de dois sócios, via de regra. Um dirige a empresa, responsabiliza-se por seus compromissos, com toda a sua fortuna, e os outros só contribuem com uma determinada parte e não se intrometem na administração. Estes últimos se denominam "sócios mudos" ou comanditários. Esta velha forma tão usual se emprega hoje na República Democrática Alemã para a participação do Estado nas empresas de capital privado.

Compreende-se, porém, que do velho só ficou o exterior, pois o conteúdo mudou radicalmente. Porque agora o Estado socialista é sócio de uma empresa capitalista, e esta circunstância implica na modificação básica de todo o trabalho da empresa, da situação do patrão e dos operários.

Em janeiro de 1956, o governo da RDA permitiu ao Banco Alemão de Investimentos representar o Estado na qualidade de sócio comanditário nas empresas de capital privado. A que obedecia essa decisão?

DOIS SETORES

Antes de responder, é preciso conhecer a situação da indústria da RDA. Esta indústria se desenvolve num ritmo assombroso. O seguinte quadro é bastante eloqüente.

AUMENTO DA PRODUÇÃO INDUSTRIAL DE 1950 A 1955

(1950 = 100)

RDA	— 190
RFA	— 178
França	— 137
Estados Unidos	— 124
Inglaterra	— 119

Em 1956 e no primeiro semestre de 1957, a produção industrial da RDA continuou aumentando. Quando se fala de "milagre econômico", esta expressão corresponde mais à República Democrática Alemã do que à República Federal da Alemanha.

A passagem dos meios de produção às mãos do povo, o crescimento da produtividade dos operários, que agora trabalham para si mesmos, para seu Estado popular, a ajuda dos países do campo socialista, tudo isto proporcionou grandes êxitos à RDA. Além disso, não se deve esquecer que este país teve que desenvolver sua indústria com uma base de matérias primas e de combustível bastante débil.

As posições-chave da economia da República estão hoje em mãos das empresas socialistas, populares. Em fins de 1955 essas empresas respondiam por 85,3% da produção global. A formação do setor socialista com domínio exclusivo nos ramos mais importantes da indústria e seu fortalecimento inflexível representam o maior progresso da classe operária, penhor do desenvolvimento de todos os ramos da economia da RDA e da elevação do bem-estar do povo.

Mas na RDA existe também o setor capitalista. Em começos de 1956 sua parte na produção global da indústria era de 14,7%; na indústria leve, de 28,3%; na de alimentação, de 21,2%.

O peso relativo das empresas do setor capitalista no total da produção diminui constantemente. É natural. Aumenta o número das empresas socialistas, cresce a produção e se eleva o rendimento do trabalho (no primeiro Plano Quinquenal — 1951-1955 — a produtividade do trabalho nas empresas industriais do Estado aumentou de 54,4% em relação a 1950).

Mesmo, porém, diminuindo o peso relativo das empresas de capital privado, na produção global da indústria do país aumenta seu volume de produção em expressões absolutas. Em 1955, o montante da produção do setor privado foi de um bilhão de marcos a mais que em 1950.

Este incremento prossegue. No primeiro semestre de 1957, por exemplo, as empresas privadas produziram 11% mais do que no mesmo período de 1956.

Estes fatos demonstram quão tendenciosas são, para falarmos com suavidade, as afirmações da propaganda reacionária germano-ocidental, intensificada sobretudo durante a recente campanha eleitoral, segundo as quais as empresas privadas da RDA são "asfixiadas", "expropriadas", "privadas de toda perspectiva". Ao fortalecer o setor socialista que é o principal na indústria, o Poder popular busca atrair as empresas privadas para a construção econômica, para o aumento da produção de artigos necessários à satisfação das crescentes demandas dos trabalhadores e ao alargamento do comércio exterior.

Presta-se ajuda às empresas industriais de capital privado, em sua maioria pequenas e médias (de 10 a 50 operários) proporcionando-lhes matérias primas, combustível e créditos; firmam-se contratos de fornecimento de mercadorias por atacado às organizações comerciais do Estado e assim por diante.

Sob o capitalismo, o destino de tais empresas é decidido pelas leis da concorrência. Assim, na República Federal da Alemanha somente de 1952 a 1954 se arruinaram mais de doze mil empresas desse tipo, principalmente porque não puderam obter créditos bancários. Este processo continua ainda hoje.

"Os proprietários de empresas médias e pequenas consideram que são mais prejudicados do que ajudados a subsistir — refere o balanço do Industriebank A. G., da Alemanha Ociden-

tal, concernente ao exercício de 1955-1956. Até agora não foram levadas em conta as necessidades da indústria e do comércio médios, dos artesãos e de outros ramos semelhantes, na distribuição de créditos ou na aplicação de outros programas de ajuda, embora eles mesmos careçam de possibilidades para inverter os recursos imprescindíveis..."

A política do governo de Adenauer leva à ruína as empresas médias e pequenas. Ao mesmo tempo, a propaganda de Bonn, seguindo o clássico exemplo do "Pega o ladrão!", inventa as mais variadas fábulas a respeito do destino dos proprietários privados na RDA. Enquanto isso, na República Democrática, onde o poder popular tem interesse vital no aumento contínuo da produção em conjunto, criaram-se as premissas para que as empresas de tipo privado aumentem a produção de artigos e participem assim no desenvolvimento da economia do país.

"Nosso Partido — escreve *Einheit*, órgão teórico do Partido Socialista Unificado da Alemanha, em seu número 3 deste ano — disse com toda a clareza que na presente etapa de desenvolvimento, o setor capitalista privado subsistirá ainda muito tempo, ao lado do setor socialista da economia nacional".

BASE DE COOPERAÇÃO

Conforme se depreende da imprensa, nas empresas de capital privado da RDA estão empregados dezenas de milhares de operários de alta qualificação e bons especialistas. Via de regra, os proprietários têm grande experiência de direção e sabem organizar a produção de artigos de alta qualidade. Muitas empresas privadas são fornecedoras das empresas do Estado, contribuem para o aumento da exportação e para a produção de artigos de consumo popular.

É claro que os capitalistas produzem para obter lucros, mas a exploração da mão de obra está substancialmente limitada pelas leis do Estado de operários e camponeses. Os lucros estão limitados a um determinado teto, e neste sentido é evidente que os interesses do patrão médio e pequeno não coincidem com os interesses de toda a sociedade.

Neste caso não se pode modificar nada com medidas administrativas. É possível, contudo, transformar as relações de propriedade, concedendo às empresas privadas um capital suplementar para que o Estado seja co-proprietário da empresa.

Existem bases para semelhante operação? Sim, existem. Além das contradições entre a República Popular e os patrões médios e pequenos, existem também aí comunidade de interesses. Esses patrões não podem deixar de ver que o capital monopolista da Alemanha Ocidental condena à morte as "camadas médias" e que com sua política aventureira e revanchista põe em perigo o futuro do povo alemão. Dos interesses comuns da luta pela paz e pela rennificação do país, surge a possibilidade de atrair os patrões para que se incorporem à edificação econômica do Estado socialista.

No outono de 1955, o XXV Pleno do Comitê Central do Partido Socialista Unificado da Alemanha resolveu que o Estado facilite aos patrões — cujo capital não lhes permita continuar aumentando a produção de mercadorias necessárias à economia nacional, ao abastecimento da população e à exportação — os capitais de que os mesmos precisarem.

Desde janeiro do ano passado, por determinação do Conselho de Ministros da RDA, o Banco Alemão de Investimentos recebeu a faculdade de participar nas empresas de capital privado.

COMO SE APLICA NA PRÁTICA

Para essa cooperação, escolheu-se a sociedade em comandita. Ao criar tal sociedade, a administração da empresa fica em mãos do proprietário, com a particularidade de que o Estado não terá aí subdiretores nem outros representantes. Em tôdas as questões relacionadas com a organização da produção, contratos, admissão e dispensa de operários, o patrão deve observar somente a legislação da República.

O patrão continua sendo proprietário, na sociedade comanditária, do capital básico e do capital circulante com que participa na empresa, e recebe o lucro correspondente. Como, além disso, dirige uma empresa industrial em que há capital do Estado, percebe uma remuneração adicional que oscila entre 800 e 3.000 marcos, segundo a importância e as proporções da empresa.

O Estado, por sua vez, recebe uma parte do lucro, correspondente a seu capital, e tem a possibilidade de aplicá-la para os fins da edificação socialista.

Dessa forma, nasceu na economia da RDA uma modalidade completamente nova de empresas industriais. Entre os economistas ainda se discute o nome que devem ter: uns as consideram semi-socialistas; outros, capitalismo de Estado, e há também os que se limitam a cha-

má-las de "empresas com participação do Estado". Enfim, sua existência e desenvolvimento é um fato.

MODIFICA-SE O CARÁTER DAS EMPRESAS

A participação do Estado nas empresas privadas exerce inevitável influência em todo o seu funcionamento. Surge a oportunidade de orientar, em maior grau, seu trabalho para resolver os problemas importantes da economia nacional.

A transformação de uma ou outra empresa em sociedade em comandita está com frequência ligada à modificação, às vezes essencial, do caráter de produção da empresa.

Vejamus um exemplo. A fábrica Drescher produzia aparelhos de fumigação agrícola. Seus negócios não iam bem; a procura era inferior à oferta. Depois de sua transformação em sociedade em comandita, a empresa se pôs a fabricar maquinária de construção. Para isso não se requeriam grandes trabalhos de reequipamento. E desta maneira aumentou a produção dos artigos que mais interessavam ao país.

As sociedades em comandita são absolutamente voluntárias. É sintomático que o número de patrões que solicitam a participação do Estado no Banco Alemão de Investimentos duplicava, a 1.º de agosto último, o número de contratos firmados.

Em cada caso concreto, o Estado comprova a rentabilidade da empresa, seu balanço e suas possibilidades de produção, a conveniência de aumentar a mercadoria em questão.

Os organismos estatais procuram não construir novas fábricas nos ramos onde são suficientes inversões de pouca monta para pôr em funcionamento as reservas potenciais da indústria privada. Citaram-me o seguinte exemplo. Tendo subido a procura de charutos puros, as tabacarias do Estado pediram recursos para reequipar as fábricas. Em compensação, na indústria privada não se utilizavam as instalações para a produção de puros. O Estado preferiu entrar numa empresa privada deste ramo e empregar em outras atividades os meios assim economizados.

O Estado participa em empresas de diferentes magnitudes, mas principalmente nas menores. Com os proprietários de empresas que têm menos de cem operários, firmaram-se 68% dos contratos; com menos de quinhentos operários, 30,5%, e com mais de quinhentos operários, 1,5%. O capital global das sociedades em comandita era em abril deste ano de 83.700.000 marcos, dos quais correspondem ao

Estado 36.700.000, ou seja, 43,9%. Os recursos investidos pelo Estado diferem em cada caso, conforme as necessidades concretas da empresa.

A transformação das empresas privadas em sociedades em comandita com a participação do Estado dá também outro importante resultado. Contribui para a diminuição da diferença entre a situação dos operários ocupados nas empresas socialistas e nas empresas privadas.

Nas empresas privadas a produtividade do trabalho é inferior e, por conseguinte, é também inferior a retribuição, não existe o "fundo do diretor", não se concedem prêmios, não há outras muitas vantagens de que gozam os que trabalham nas empresas socialistas.

Imediatamente depois da reorganização, a situação econômica dos operários das empresas privadas não pode mudar, é claro. Mas a participação do Estado cria as premissas para elevar a produtividade do trabalho, pôsto que, em certa medida, se modifica a atitude dos operários ante o trabalho. O operário Hensel, ocupado numa empresa privada com capital do Estado (a casa Kreisel, de Krauschwitz), me disse que agora os operários encaram de outra forma o trabalho, porque já não trabalham apenas para o patrão e sim, em grande parte, no interesse de toda a sociedade.

A imprensa da RDA salienta que a participação do Estado nas empresas de capital privado tem grande importância para o fortalecimento da unidade da classe operária da República.

PERSPECTIVAS

As novas relações econômicas entre o Estado socialista e as empresas privadas passam ainda pela peneira da vida. A princípio, boa parte dos patrões encarava com receio as sociedades em comandita. Chegavam do estrangeiro cartas com avisos e, às vezes, com amea-

ças, intimidando-os. A prática, contudo, demonstrou que as empresas com capital do Estado prosperavam.

— Desde o 1.º de outubro de 1956, trabalho com a participação estatal — disse a um correspondente do *Der Morgen* o senhor Ulrich, dono de uma fábrica de aparelhos de calefação de Berlim-Lichtenberg, ao terminar a Feira de Leipzig, desta primavera. — A produção foi ampliada graças a isso e assim pude realizar na Feira bastantes transações mais.

— Nós trabalhamos também com capital de Estado — disse a proprietária da empresa privada Erni Hennecke KG, de Erfurt — e isto nos permitiu aumentar em 20% a produção de calçados para crianças.

A transformação de uma empresa privada em sociedade em comandita implica igualmente em mudanças na situação social. O patrão cumpre os encargos do Estado e isso altera suas relações com o pessoal da fábrica, contribui para fazê-lo compreender as tarefas do Estado de democracia popular.

— A participação do Estado nas empresas privadas significa um chamamento às camadas médias para que participem, ao lado da classe operária, em estreita ligação com ela, na edificação do regime novo, socialista, em nossa República — disse Karl Martens, fabricante de tecidos de lã, de Apolda. — Temos confiança absoluta na política econômica de nosso governo.

Não faz muito tempo que na República Democrática Alemã se desenvolve uma forma nova de relações econômicas entre o Estado e as empresas privadas. Ainda é prematuro para chegar a um juízo definitivo. Mas uma coisa está clara: essas transformações permitem atrair as empresas privadas para a construção do socialismo na República Democrática Alemã.

Considerações sobre a tática do Movimento Renovador

MAURICIO CELLO

O Brasil não está na categoria dos países atrasados e recentemente libertados do colonialismo, como a Índia, Indonésia ou Egito. Sua produção "per-capita" situa-se ao redor de 130 dólares por ano (1); quer dizer, muito longe dos 40 a 60 dos países do tipo colonial, mas também longe dos 500 a 800 dos países capitalistas, excetuados os EE. UU. (França, Inglaterra, etc.) Também o Brasil não conheceu a opressão imperialista na sua forma mais aberta e chocante do colonialismo; a sua economia apresenta-se com aspectos mistos de capitalismo adiantado e mesmo de Estado, nas cidades, e uma agricultura de tipo latifundiário-colonial, com amplas penetrações de tipo capitalista ou semicapitalista. Todas estas estruturas características de uma sociedade em plena transformação explicam a instabilidade político-social do país, a falta de definição clara dos partidos políticos e a divisão das classes sociais entre vários partidos.

Decididos a seguir um "caminho brasileiro para o socialismo", todo o nosso programa de ação tem que se fundamentar nas realidades objetivas da sociedade brasileira. O restabelecimento no país de uma atmosfera de legalidade constitucional, assim como também a pouca probabilidade de se ver o país envolvido em qualquer guerra, indicam, como o mais provável, um desenvolvimento pacífico das relações sociais brasileiras, sem abalos graves que poderiam levar o país a uma crise revolucionária. Ao mesmo tempo constatamos uma rápida industrialização do país e a oposição cada dia mais marcada entre as camadas mais progressistas da burguesia, de um lado, e os setores entreguistas, de outro. Isto facilita uma **certa colaboração entre a burguesia e vastas camadas da pequena burguesia, da intelectualidade e do proletariado**, no sentido da defesa das riquezas nacionais e da sua exploração para o benefício e progresso do país.

Sendo nossa rápida industrialização uma condição **absoluta** de sua sobrevivência num mundo de plena revolução industrial e tecnológica, e estando esta industrialização e o futuro do país estreitamente ligados à rápida realização de uma ampla acumulação de capitais, os problemas mais urgentes do país relacionam-se com a independência econômica e com a luta anti-imperialista. O **nacionalismo** constitui, pois,

uma etapa indispensável do progresso em geral e do estabelecimento de condições objetivas favoráveis a uma luta socialista. Não se trata de lutar contra o capital estrangeiro, mas de obrigá-lo a se sujeitar às nossas necessidades, a colaborar com o progresso industrial e a valorização de nossas riquezas, e a não considerar o país uma colônia, fonte de enriquecimento rapidíssimo, fonte de mão de obra e de matérias primas baratas.

Porém, a colaboração de classes, possível e desejável no âmbito do movimento nacionalista, não acabará com as contradições de interesse e com a luta de classes. A defesa dos interesses das classes exploradas terá que representar o elemento fundamental de nossa atividade e, nisso, o nosso nacionalismo diferenciar-se-á nitidamente do nacionalismo burguês. A industrialização do país e a acumulação do capital primitivo podem realizar-se sem sacrificar o nível de vida das massas trabalhadoras. Pelo contrário, tem ela que contribuir e simultaneamente estar **condicionada** pela formação de um proletariado com alto nível de formação tecnológica e um nível de vida decente, tanto como de uma "inteligência" especializada, gosando não só de boas condições materiais, mas também de alto conceito social. **O proletariado e a intelectualidade podem e devem constituir as sólidas bases sociais de nosso movimento.**

Pôsto na presença de vários partidos nacionais de tendências mais ou menos esquerdistas (PCB, PSB, PTB e mesmo o PSP), o nosso movimento não deve esperar transformar-se também num partido político, com sua burocracia, seus pequenos interesses de igreja, seu imobilismo e sectarismo inevitáveis. Ao contrário, nossa missão teria que ser de constituir o elemento dinâmico, efervescente, renovador de todo o movimento socialista, trabalhista e progressista do país, a fim de promover uma aproximação entre as várias tendências que os referidos movimentos representam, e facilitar, no futuro, um governo democrático delas emanado. Esta política não tem nada de utópica e poderia concretizar-se no dia em que o movimento social-trabalhista penetrar com coragem no interior do país e conquistar a aliança das largas camadas agrárias, as quais por sua emancipação econômica, promoveriam o

Organizar para o estudo e a ação

EROS SUCENA MARTINS TEIXEIRA

Era minha intenção iniciar o estudo das "TESES SOBRE A REALIDADE BRASILEIRA" e procurar comprovar as afirmações por mim feitas em artigo anterior. As discussões, porém, dentro do Movimento Renovador, trouxeram-me a convicção de que o tema da organização está em primeiro lugar na ordem do dia. A vida é mais forte que nossos desejos e, por isto, sou levado a adiar o estudo referido. Cuidarei, pois, da organização.

Muitas pessoas vendo explodir internacionalmente a discussão dentro do movimento comunista e constatando mesmo cisões em vários partidos, concluem, simplistamente umas, maldosamente outras, pelo início da grave crise do movimento comunista mundial.

Tôda crise, como não poderia deixar de ser, tem seu principio e seu fim, geralmente se inicia desaperebidamente e sempre finda abruptamente. Crise, noutras palavras, é o aguçamento de uma contradição, o aceleração do processo de sua resolução, de sua superação. Assim, no terreno da teoria, para substituir velhas concepções que já tiveram seu momento de validade e aplicação, novos conceitos surgem, evidentemente que não por obra e graça de alguns "iluminados", mas, fundamentalmente, em consequência de *nova realidade material e social*. Não é por acaso que ao novo movimento surgido dentro do próprio movimento comunista se denominou **RENOVAÇÃO**.

E por assim compreendermos as crises é que podemos confirmar a sua existência no movimento socialista, ao mesmo tempo que negamos a crise do movimento socialista. Não é somente um simples jôgo de palavras parecidas. Neste último caso, subentende-se que a resolução de tal crise seria a liquidação do próprio comunismo. É esta a "interpretação" que os inimigos procuram dar e divulgar. Já no primeiro caso, é evidente que o comunismo sairá mais forte, uma vez superada a crise e vitoriosas as novas idéias. Assim pensam os renovadores e é o que procuram propagar.

Temos ingresado numa nova etapa histórica cujo marco inicial foi o XX Congresso do PCUS que, não só com suas novas teses levantadas, mas, particularmente, com as graves revelações feitas, fez os comunistas de todo o mundo (com exceção dos que não querem ver), de fato, avançar meio caminho na correção de seus erros, pois o que necessitávamos inicialmente era ter "... consciência dos defeitos, coisa que no trabalho revolucionário equivale a mais da metade da correção dos mesmos". (Lenin — Obras Escolhidas, tomo I — pág. 166).

Aqui em nosso país muitos camaradas, após o XX Congresso do PCUS, romperam com o que de velho havia. Grande parte dêles, não mais reconhecendo no partido ao qual pertencem

Brasil da situação de país semiatrasado à situação privilegiada que o seu território, a sua população e as suas riquezas, hoje ainda pouco exploradas, permitem-lhe almejar.

Esta missão do nosso movimento pode ser realizada, propugnando-se pela participação ativa em todos os movimentos de massas relacionados com os problemas sociais do país: nos vários partidos políticos, nos sindicatos de classe, nas organizações profissionais, no movimento nacionalista, etc., etc. Mas esta participação não tem

que ser oculta, por infiltrações mascaradas; nosso movimento pode afirmar abertamente a sua finalidade de **unificação** do social-trabalhismo brasileiro para a independência e o progresso social e econômico do país.

O marxismo vivo, guia intelectual e instrumento de trabalho para nós, não precisa ser imposto a ninguém. É suficiente que êle nos ajude a descobrir o verdadeiro caminho brasileiro para o socialismo, que nos libere de todo dogmatismo e do imobilismo sectário.

cia como o partido revolucionário que subjetivamente imaginava, pois aquêlé, paradoxalmente, minguava e minguava justamente quando as idéias do socialismo se expandiam e se expandem (ultrapassando, inclusive, os limites da classe operária), foi, então, também, ao rompimento orgânico.

Evidentemente que ao abandonarem a velha casa, por inservível, não poderão os renovadores permanecer desabrigados. Por isto mesmo é que a sua imensa maioria, por todo o país, começa a edificar um novo e moderno lar.

Mas se a reavaliação dos velhos conceitos é justa, não o é a posição negativista que considera tôda ou quase tôda conquista teórica do marxismo anulada, antes mesmo de qualquer "reavaliação". Há nuances variadas na defesa desta posição, mas têm tôdas elas o mesmo conteúdo. Evidentemente que é errado pensar que voltamos ao *marco zero* e os pontos de vista dos que assim pensam podem ser caracterizados e resumidos dêste modo:

1.º) Teoricamente tudo está em reavaliação, nada é cientificamente válido; não definimos ainda os princípios em torno dos quais se unificarão os renovadores; não possuímos uma linha ou um programa político.

2.º) A teoria, o estudo teórico, deve ter prioridade sobre a atuação prática, sobre a ação política.

3.º) Devemos, senão unicamente, ao menos fundamentalmente estudar, pois não sabemos "o que somos" nem "o que queremos..."; portanto, não sabemos "para que" devemos nos organizar. Em primeiro lugar devemos elaborar a "linha política que nos falta".

4.º) Mesmo sem um novo estudo, sem uma "reavaliação", é duvidosa a concepção da "necessidade do partido" para a luta de classes.

Sobre estas opiniões, e por considerá-las um obstáculo à luta dos renovadores marxistas e por conseguinte à Revolução, tecerei algumas considerações, mais com o intuito de, sobre elas, estimular os debates que esclarecer o problema. Consta-se que êstes "duvidadores" só levantam dúvidas e não argumentos. Para mim, a melhor maneira de duvidar, a maneira científica, é argumentando, refutando as teses já possivelmente caducas e não somente dubitativamente como agnosticistas mas em nome da posição científica de duvidar sempre. Assim sendo, só poderei analisar as questões já, bem ou mal, fundamentadas.

— x —

As divergências em comum que levaram os renovadores ao rompimento foram, em minha opinião e em linhas gerais, referentes:

- a) à estrutura partidária e aos métodos antimarxistas de funcionamento que imperavam;
- b) à própria concepção do socialismo, particularmente após a constatação de sérias deformações;
- c) à concepção do internacionalismo proletário, e
- d) aos caminhos da revolução brasileira.

Indiscutivelmente que um conjunto de idéias comuns caracteriza os renovadores. Iniciemos pelo funcionamento partidário.

Passamos a, firmemente, considerar eivada de erros, que mal percebíamos anteriormente ou por ignorância justificávamos, a estrutura partidária. Em poucos meses, tornou-se claro para nós que a estrutura do partido de uma época em que inexistia no mundo um país socialista e cujo partido lutava, justamente, por conquistar pela primeira vez o poder para a classe operária onde imperava dura autocracia, não mais poderia servir de modelo para nós e nem para aquêlé mesmo país, após a vitória. O partido leninista que tinha, então, como séria, permanente e justificada preocupação a opressão czarista, policial e que, por isto, seguia em sua organização o critério central da vigilância revolucionária, possuindo, assim, características próprias, condizentes com as circunstâncias (partido pequeno e bom, composto fundamentalmente de quadros profissionais e sendo rigorosamente ilegal e secreto), uma vez mudadas as condições ambientais, não mais poderia servir de paradigma aos outros partidos.

Após o memorável Outubro de 17, para outros países e para outras épocas, lançar mão de idêntico tipo de organização teria já o mesmo grotesco significado que, em pleno ano de 1958, sairmos para o trabalho... num velho "Ford de bigode". E o partido leninista foi muito anterior a êste modelo automobilístico... Mas, por outro lado, sabemos muito bem como foi valoroso e eficiente aquêlé tipo de veículo para as condições de então e como tal partido foi capaz de, brilhantemente, conduzir, na despótica Rússia Tzarista, a classe operária ao poder. Isto só aconteceu porque êle, de fato, correspondia às condições do momento.

Não só o marxismo deve ser considerado como um guia para a ação. O leninismo, também, não deve ser considerado como um dogma, mas encarado como um guia para os revolucionários. Sua aplicação não pode ser mecânica,

por simples transposição através o tempo e por sobre condições várias. Assim, deve também, leninistamente, ser compreendida a concepção do partido leninista...

Consideramos que a luta dos partidos é a expressão política da luta de classe. Portanto os partidos políticos, expressando as classes sociais, têm correspondência material na estrutura da sociedade, da qual resulta. Evidentemente que não se trata de pura "reprodução" fotográfica. Mesmo porque as contradições das próprias classes dominantes impõem critérios outros, secundários é verdade, mas também diferenciadores das organizações político-partidárias. Assim, as classes sociais, independentemente de nossa vontade, podem e deverão ter, historicamente, os seus partidos. A classe operária e o povo, em nosso país, terão o seu.

Sabemos ou devemos saber que a luta de classes tem vários aspectos, não sendo ela unicamente econômica. Daí o proletariado estar também envolvido em lutas políticas e teóricas. Vários partidos operários e populares podem atender aos dois primeiros aspectos das lutas sociais, mas só um partido comunista, socialista, ou direi melhor, marxista, poderá empreender com sucesso a luta de classes conseqüentemente, enfrentando-a no campo econômico, político e teórico. É o que a própria vida nos tem ensinado. Partidos populares ou mesmo de trabalhadores têm existido e participado da vida política nacional, inclusive com sucesso, mas suas direções se encontram em mãos, no melhor dos casos... da burguesia nacionalista! O que, certamente, não deve nos afastar da ação em conjunto com estes partidos nem impedir que mantendo a nossa independência orgânica atuemos *democraticamente* dentro dos referidos partidos, respeitando, *rigorosamente* seus estatutos, o que é perfeitamente possível e justo, apesar dos camaradas baianos cuja atuação admiro, não compreenderem isto e se colocarem voluntária e esquematicamente frente a um dilema que só existe para eles: ou partido independente ou participação.

Levando em consideração as peculiaridades de nosso país, onde a classe operária poderá lutar em frente única (que não é organização, mas aliança em torno de ampla plataforma comum) ao lado de outras classes menos conseqüentes, onde o proletariado apóia o "nacionalismo como movimento político progressista, da mesma forma que apóia a revolução democrático-burguesa, porque esta representa um passo adiante no caminho de sua libertação", para usar as palavras de O. Peralva, que trans-

crevo de seu valioso artigo; onde aquela classe vanguardeira tem a consciência de que o nacionalismo é a ideologia da burguesia e que a "ideologia do proletariado é o internacionalismo", como ainda acentua o mesmo articulista; por considerar tudo isto, e levando ainda em conta que quanto maiores as possibilidades de alianças, maior a necessidade de luta teórica para a classe operária, julgamos urgente e de grande necessidade uma organização que lhe pertença e cujas portas estejam abertas às demais classes e camadas populares.

Organização é, simplesmente, a garantia da melhor eficiência na luta. E como nas lutas sociais o objetivo é a conquista do poder, este também será o objetivo do partido popular: a conquista do poder para o povo como realmente for possível e atravessando as etapas que as condições objetivas exigirem. As características próprias da classe operária tais como a sua maior consciência de classe, sua melhor predisposição para se organizar (a natureza de seu próprio trabalho contribui para ambos); sua maior combatividade; garantir-lhe-ão o papel vanguardeiro neste partido, onde a intelectualidade (incluindo aí os operários intelectualizados) terá certamente um papel decisivo no trabalho de elaboração teórica e onde os camponeses e demais camadas pequeno-burguesas, provavelmente, em quantidade, predominarão.

Penso continuar sendo justo o *centralismo democrático* (perdoem-me os que sofrem "idiosincrasias"), que hoje tem tôdas as possibilidades de ser aplicado em tôda a sua amplitude e sem as deformações devidas ao anômalo predomínio do centralismo sobre o democratismo, aspectos que, muitas das vezes, foram mecânica e mal intencionadamente separados.

Eis, resumidamente, como penso poderem ser expressos os princípios organizativos que definirão o caráter do partido democrático, legal e popular que necessitamos e teremos:

1.º) Princípio de trabalho que rege tôda ciência: *a crítica e autocrítica* (que exige a concepção, *como um todo*, da teoria e da prática):

2.º) Princípio da *democracia interna*, expresso:

- a) pelo acatamento da minoria à maioria;
- b) pelo caráter coletivo das resoluções e das direções;
- c) pelo direito de a minoria defender periodicamente e publicamente seus pontos de vista sobre qualquer assunto:

- d) pelo caráter eletivo de todos os cargos e direções;
- e) pelo voto secreto e direto;
- f) pelo direito de os eleitores, em qualquer tempo, retirar o mandato de seus dirigentes eleitos;
- g) pelo caráter federativo de todos os escalões, (nacionalmente segundo a divisão administrativa do país) e representação proporcional ao número de militantes, em todos os organismos.

3.º) Princípio da *vigilância permanente das massas*.

Segundo êle, o partido não só deve estar intimamente ligado às amplas massas, delas colher as críticas e observações que o nortearão, como êle mesmo deve ser *o mais amplo partido das massas trabalhadoras*, um partido popular (e não somente proletário).

4.º) Princípio do *partido instrumento e não objetivo da Revolução*.

Assim, deve ser êle organizado no sentido de possuir a maior eficiência na luta revolucionária e obrigatoriamente deverá ser condizente com as peculiaridades de nosso país e de nosso tempo.

Deve ser êle, por conseguinte, um partido LEGAL.

Eis, sintetizando, de que necessita nossa classe operária e nosso povo:

De um partido DEMOCRÁTICO, LEGAL e de MASSAS.

— x —

Analisemos rapidamente as divergências em torno da conceituação do socialismo e do internacionalismo proletário. Neste sentido, sério motivo para elas foi que, uma vez reveladas e conhecidas as deformações do sistema socialista, ainda que fôsem de sua superestrutura (embora já começassem a afetar as próprias bases) passamos a considerá-las, não como conquistas do socialismo, mas como deformações que efetivamente eram.

Graves defeitos do sistema, como a manutenção dos "grandes segredos", em torno de sérias divergências teóricas na URSS e particularmente no PCUS; como a "conquista" das inexpressivas unanimidades dos Sovietes, que outrora foram verdadeiros órgãos do poder popular; como a coação e a desinformação a que é submetido o grande povo soviético; como a dependência dos outros partidos ao PCUS; como

a identificação do internacionalismo proletário com a negação da crítica e com a subserviência, foram considerados pelos renovadores como sérias guinadas para fora da rota do socialismo, mas e que, para os dogmáticos, continua a ser considerado como "excelências do regime", "conquistas do socialismo" ou, na melhor das hipóteses, como "algumas ligeiras e inevitáveis dificuldades".

Coerentemente, ao rejeitarmos as "novas" e deformadas características, mantemos a mesma concepção do socialismo. Para nós, continua a ser êle, em traços gerais, a apropriação dos meios de produção e da própria produção pelas classes que produzem; a conquista da mais ampla e progressiva liberdade individual através, justamente, da produção e direção coletiva e popular do Estado; a solidariedade e o apoio a todos os povos em sua luta de libertação; a defesa intransigente da auto-determinação dos povos e da independência dos partidos comunistas de cada país. O socialismo continua a ser, para nós, como o caminho da felicidade para a humanidade, quando, então, *cada um dará o que puder à sociedade e dela receberá o que precisar*, onde não mais haverá a *exploração do homem pelo homem*. O internacionalismo proletário, princípio inerente ao socialismo, continua a ser ajuda mútua: dos povos que já conquistaram as bases socialistas em seus países aos outros povos, e destes àqueles através a propaganda e divulgação das conquistas lá obtidas, e o simultâneo e enérgico combate ao baluartismo enganoso e desprestigiante referentes aos países socialistas ou democrático-populares.

Eis alguns conceitos que, em linhas gerais como dissemos, são definidores do socialismo e do internacionalismo proletário e que estabelecem, também, pontos de união entre os renovadores, ou entre sua imensa maioria.

— x —

Passemos às nossas discrepâncias relacionadas com o caminho brasileiro da Revolução.

A constatação da caducidade do programa do PCB que era por nós aceite, e sua conseqüente rejeição, apesar do acerto de algumas de suas afirmações, ligadas à estratégia e à tática: o convencimento de que é maior o avanço da luta antiimperialista do que da luta agrária; a nova caracterização do poder, compreendendo-se que dêle já participa a burguesia nacionalista, (a fuga portanto do esquema programático: "um governo de latifundiários e grandes capitalistas ligados ao imperialismo norte-americano"); a

determinação da etapa revolucionária como *etapa nacionalista*, a melhor compreensão da frente única portanto, assim como muitas outras questões táticas, identificaram também os renovadores. Neste particular, e infelizmente só aí, também Prestes de nós se aproxima, embora com imenso atraso, ao tentar indicar o caminho próprio de nossa revolução, mas desencorajado para afirmar que a "obra do marxismo criador" não era nem marxista, nem criadora, ficando por conseguinte... muito pouco daquela pretensão.

E uma vez compreendido que "sabemos o que somos" e "o que desejamos", voltemos novamente ao problema de organização.

Claro que muito precisamos estudar e muito nos falta para elaboração de uma acertada linha política. Mas pensamos com Lenin que, traduzindo o pensamento de Engels e transcrevendo-o por sua vez, nos diz no *Préface à "Correspondência de Marx, Engels e outros com F. A. Sorge e outros"*:

"... que mais valeria que o partido operário começasse a se formar, ainda que não fôsse sobre a base de um programa torpecer a coesão nacional do partido operários compreenderiam o *que* do assunto" (e grifo é meu — ESMT) — e citando Engels: "aprenderiam de seus próprios erros" e "eu consideraria como um grave erro entorpecer a coesão nacional do partido operário qualquer que fôsse o programa em que se baseasse" (Marx, Engels e o Marxismo, pág. 197).

E Lênin mais adiante, no mesmo trabalho, ainda se refere às idéias de seu mestre Engels ao reforçar o argumento da necessidade do partido independente para a classe operária devida, justamente, à influência ideológica que a burguesia exerce sobre ela.

E como a "teoria da prioridade da elaboração teórica sobre a organização" é uma faceta desta outra "teoria" anti-materialista da "prioridade da teoria sobre a prática", deixarei ainda com Lênin a palavra para, por mim, refutá-las, pôsto que os que me leem no momento só ganharão com isto:

"Sublinhando assim a necessidade, importância e grandiosidade do labor teórico dos social-democratas, de maneira alguma

quero dizer que este labor está situado em primeiro plano, antes que o labor *prático*" (e em nota ao pé da página: "Pelo contrário. Em primeiro plano se situa indefectivamente, sempre o labor *prático* de agitação e propaganda..."). Continuando após a nota: "e muito menos que o segundo (o labor *prático*-ESBT) seja adiado até a terminação do primeiro (labor teórico-ESMT). A esta conclusão poderiam chegar unicamente os seguidores do "método subjetivo em sociologia" ou os partidários do socialismo utópico. Naturalmente, se a tarefa dos socialistas se estriba em buscar "outros caminhos do desenvolvimento (que não sejam os reais)" do país, então é natural que o labor *prático* se faça possível unicamente quando filósofos geniais descobrem e mostrem estes "outros caminhos"; e pelo contrário, descobertos e mostrados estes caminhos, termina o labor teórico e começa o labor *dos* que devem dirigir a "pátria" pelo "novo caminho" "recém-descoberto". De outra maneira totalmente distinta está colocada a questão quando a tarefa dos socialistas se reduz a serem eles os dirigentes ideológicos do proletariado em sua efetiva luta contra os inimigos verdadeiros e efetivos que seguem a via *efetiva* do presente desenvolvimento econômico-social". Marx, Engels e o Marxismo — "Quem são os amigos do povo?" (Lênin: pág. 92).

A seguir, na mesma obra, comentando a fusão em *um só todo* do trabalho teórico e do trabalho *prático*, indica a Lênin como o *medicamento específico* para as enfermidades que ainda, até hoje, grassam: o dogmatismo e o sectarismo. Eis sua "receita" para os que dêsses males vêm padecendo:

"Esta maneira de colocar a tarefa preserva a social-democracia daquelas deficiências de que tão a miúdo adoecem os grupos de socialismo: o dogmatismo e o sectarismo.

Não pode haver dogmatismo ali onde o critério supremo e único da doutrina é sua conformidade com o processo efetivo do desenvolvimento econômico-social; não pode haver sectarismo quando a tarefa se reduz a contribuir para a organização do proletariado..." (Marx, Engels e o Marxismo, pág. 93).

E, anteriormente Lênin resumia nesta frase de Liebknecht a tarefa dos socialistas, que, para mim, continua de pé:

ESTUDAR. PROPAGAR. ORGANIZAR.
Apenas eu acrescentaria: AGIR.

Houve degenerescência do Partido, da Burocracia, do Estado, Regime ou sistema Soviéticos?

CALVINO FILHO

Após a vitória da Gloriosa Revolução de Outubro, em 1917, os inimigos do Socialismo começaram por proclamar a incapacidade do proletariado russo de se manter no Poder, donde, ao mesmo tempo, tropas de 14 países capitalistas invadirem a pátria dos trabalhadores para derrubar o governo soviético. Junto a isso, insurreições internas eram fomentadas e estipendiadas pela oligarquia financeira.

Aos golpes militares os inimigos acrescentaram os econômicos. Isolaram a URSS do mundo, num bloqueio econômico completo, determinando o "Comunismo de Guerra", fase intensamente dolorosa da revolução. Impiedosamente, submeteram os povos soviéticos à fome, que culminou mesmo em isolados atos extremos de canibalismo. A "civilização ocidental cristã" procurava esmagar a revolução proletária a ferro, fogo e fome, embora os protestos das massas trabalhadoras de todo o mundo, numa demonstração viva de internacionalismo proletário.

Todavia, o proletariado soviético a tudo resistiu e venceu, passando a construir as bases do primeiro Estado Socialista no mundo.

Vencidos pela resistência do proletariado soviético, os inimigos do Socialismo, para que êle não se estendesse rapidamente ao mundo, por força do exemplo soviético, tiveram que usar outros métodos de luta, novas mentiras em face da realidade concreta. Passaram a proclamar a impossibilidade de ser construído o Socialismo em um só país, a falência inevitável do Estado soviético e a inviabilidade dos planos quinquenais.

Mais uma vez, vencidos pela consciência e abnegação do proletariado e espírito de sacrifício incomparável dos povos soviéticos, outras balelas tiveram que criar e propagar, a fim de enganarem as massas trabalhadoras muito atrasadas do mundo capitalista.

Buscando material no arsenal dos renegados do comunismo, com ridículo porque injustificável interesse, os inimigos do Socialismo passaram a defender a "pureza" do comunismo, a profligar o que chamavam de degenerescência de partido bolchevique, burocratismo soviético, degeneração do regime e sistema soviéticos, procurando dessa forma apagar as grandes e incomparáveis conquistas do Socialismo triunfante, que qual farol poderoso atraía e orientava as massas trabalhadoras de todo mundo.

Como era de se esperar, a estrada larga e admirável que hoje leva para o Comunismo, entre a selva bárbara do capitalismo, foi construída penosamente, à custa de sacrifícios inenarráveis, pelos povos soviéticos. Como é óbvio, mil e um erros teriam que ser cometidos na realização de tão gigantesca tarefa, inteiramente nova para a humanidade: materializar o que só até então existira como sonho e aspiração das massas conscientes e certezá no cérebro do genial Marx e de seus discípulos.

Se na construção do Socialismo foram cometidos erros e injustiças, até mesmo crimes, que a alguns surpreendem, hoje, e a muitos horroizam, por terem idealizado a construção do Socialismo, como obra de homens medidos não sei por que gabarito moral e intelectual, êles, na verdade, não passam de simples aspectos dolorosos, inevitáveis, das fabulosas dificuldades encontradas na construção do Socialismo. Pretender negar o todo pela parte é atitude de quem vê a árvore e não vê a floresta, na afirmação de Lênin.

Pretender destacar o particular, o singular, generalizando-o, dando-lhe inteiro caráter universal, é anticientífico, ou ainda, produto da ignorância ou malícia interesseira.

Permito-me lembrar que a história, embora épica, da vitória do proletariado russo, no Grande Outubro de 1917, continuada com a construção do primeiro país socialista do mundo, nas condições da mais feroz luta entre o NOVO e o VELHO, como nunca dantes houvera, essa história, embora épica, fôï esculpida por homens, que continuaram homens, independentemente das grandes massas do mundo os terem tornado semideuses, tal a façanha realizada.

Essa história épica não se realizou, é claro, numa linha reta, mas cheia de zigzagues; não da forma que muitos idealizaram, mas de acôrdo com a realidade; não partiu do sistema bárbaro da luta de todos contra todos, da sociedade de classes, imediatamente para um sistema perfeito, civilizado, em que classes, com os seus preconceitos e privilégios, por milagre, deixassem de existir, mas através de feroz luta de classes, em que o NOVO, impiedosamente, para abrir caminho, teve que esmagar o VELHO, que fúrioso teimava em sobreviver, lançando mão de todos recursos humanos, na mór parte das vêzes desumanos.

Como, pois, pode alguém, honestamente, abandonar a luta pelo Socialismo, a pretexto de que a sua construção não fôra feita segundo os esquemas que idealizara? Afirmar que o Socialismo não existe, muito embora existam a URSS, a China e as demais democracias populares, apenas porque não foram construídos segundo as regras estabelecidas por qualquer um, sábio ou cretino?

O que cabe a quantos lutam pela extensão do Socialismo a todos os demais povos do mundo, reduzir-se a aprender com os erros e a não mais cometê-los, sempre que possível, evitando-os com medidas adequadas.

Nas novas condições do mundo, os demais povos poderão chegar ao Socialismo mais rápida e menos dolorosamente. Isto é o que vale, e por isso todos devemos lutar.

É evidente que palavras não modificam os fatos. Como no XX Congresso do PCUS muitas críticas foram feitas aos métodos de direção do Partido e do Estado Soviético, durante os últimos anos de vida do grande e inesquecível líder Stálin, muito "comunista" ingênuo agora passou a repetir as mentiras da pertinaz e permanente propaganda anti-soviética, sem ao menos se dar ao trabalho de pensar um pouco sobre elas ou examiná-las séria e honestamente.

A essa gente, ingênuo e crédulo, dedico as considerações e perguntas que a seguir apre-

sento, a fim de que reveja os conceitos errôneos que sem maior discussão aceitou e por si própria reencontre o caminho da verdade sobre o Socialismo, nela se apoiando para a ação que deve desenvolver no presente e no futuro, sem servir de instrumento cego à mais negra reação.

—o—

Um marxista ou um comunista consciente pode afirmar que houve degenerescência do PC (b), da burocracia soviética, do Estado Soviético e do regime ou sistema soviético?

Tais absurdas afirmações não significarão o mesmo que afirmar não existir *Socialismo* na URSS, que nem se o constrói nas Democracias Populares, ou então que o *Socialismo*, o NOVO, já apodreceu e se decompôs?

Algum "comunista", por mais ignorante, honestamente, pode apresentar fatos objetivos lastreando tal afirmação, de que a URSS e as democracias populares não são países socialistas? De que a propriedade socialista na URSS não liquidou definitivamente a propriedade capitalista privada? De que ainda existem capitalistas na URSS, gente que possui capital?

Ou apenas pode afirmar, com segurança, que, muito embora a marcha acelerada e vitoriosa para o Socialismo, fato de máxima importância, durante certos períodos, na URSS, heuve abusos graves de autoridade, individuais ou de grupos, abusos mais ou menos extensos, com infração da legalidade soviética? Abusos, aliás, que se não realizaram sobre o povo em geral, mas sobre ativistas políticos em particular.

—o—

"Não somos utopistas — dizia Lênin, em 1917 — não discutimos absolutamente a possibilidade e a inelutabilidade dos excessos cometidos por indivíduos, assim como a necessidade de reprimir êsses excessos"...

Os abusos de autoridade, individuais ou de grupo, e infrações da legalidade democrática podem ser *completamente* eliminados em sociedades que necessitem do Estado, do aparelho estatal, que se dividem em dirigentes e dirigidos? Não.

Se as "classes" nos países socialistas não se distinguem pela posse ou não posse dos meios de produção, mas tão só pela sua função so-

cial, os abusos de autoridades individuais ou de grupo e infrações da legalidade socialista podem perdurar por todo um período histórico ou mesmo por largo espaço de tempo? Sim.

É de se acreditar que esses abusos individuais ou de grupo possam estender-se além de círculos restritos de indivíduos, com maior força, e a toda a sociedade, com menor força, sem provocar por fim a revocação dos dirigentes que cometeram os abusos e infrações? Não.

No sistema socialista, assistimos e estamos assistindo que a substituição dos quadros dirigentes se faz pacificamente.

Se os homens no sistema socialista ainda estão presos mentalmente ao passado por mil e um fios invisíveis da psicologia, da tradição e preconceitos; se o seu pensamento, com pequenas exceções, estará sempre atrasado em relação ao desenvolvimento material da sociedade, não será por um prolongado, exaustivo e diuturno trabalho de reeducação, que poderão elevar-se acima dos atuais valores éticos burgueses, dentro de um Estado burguês mas sem burguesia, e evitar cada vez mais a sua contingenciamento humana individualista, tornando-se realmente um ser social, um ser para nós, na medida que se desenvolvem as forças produtivas? Sim.

Sem dúvida que até se chegar à sociedade comunista, à sua fase superior, os abusos individuais ou de grupo e infrações da legalidade socialista se repetirão, muito embora decrescentemente até a sua eliminação, no Comunismo.

Os homens continuarão a cometer novos erros indefinidamente, no tempo e no espaço, embora não primários, grosseiros e brutais como os atuais que conhecemos, sem todavia repeti-los quando superados pelo conhecimento, pela eliminação de suas causas.

No comunismo, as contradições na sociedade não se fundamentarão nas diferenças determinadas pela distribuição, segundo a capacidade de produção de cada um, como ocorrem na sua fase inferior, no socialismo.

A psicologia humana, no Comunismo, completamente diferente da que existe no Socialismo, não permitirá os excessos e abusos individualistas, porque não existirão bases materiais para tanto.

Até lá, contudo, a crítica e a autocrítica, corajosa e honesta, corrigirão os abusos individuais e os limitarão cada vez mais.

Por que, entre nós, muitos comunistas ainda permanecem perplexos com os erros cometidos pelo PC (b) da URSS, sob a direção de Stálin, por força dos quais se desencantaram do movimento comunista que criou a URSS e exigem o absurdo de se criar um Partido que não erre, de uma direção que não cometa abusos e infrações?

Porque desconhecem as leis fundamentais do desenvolvimento social, porque idealizam os hemens e os isolam do meio e da época em que vivem, divinizando-os.

O POSDR errou muitíssimo, o PC (b) da URSS errou bastante, o PCUS ainda errará também, mas cada um vai errando menos do que o antecedente, até que o Partido se torne supérfluo na organização social.

Assim pensando, significa que reconhecemos a inevitabilidade do erro, e, portanto, antecipadamente, justifiquemos todo e qualquer erro? Não.

Todos os erros cometidos, se são estudados e conhecidas as suas causas e estas removíveis, poderão ser evitados no futuro, não deverão ser repetidos.

O conhecimento humano, no seu processo de desenvolvimento, parte do empírico. Vai do simples para o complexo, do inferior para o superior, dentro de limites estabelecidos pelas condições históricas em que se realize.

Conseqüentemente, se o erro é possível e, até mesmo, em certos casos, inevitável, em determinadas condições históricas, ele também é perfeitamente evitável, e se pode impedi-lo, desde que conheçamos as suas causas e possamos removê-las.

Quando se afirma errada ou maliciosamente que o PC (b) da URSS degenerou, ou o Estado Soviético degenerou, ou ainda o regime ou sistema soviético degenerou, portanto, o Socialismo na URSS é degenerado, com isso estaremos elevando ou rebaixando até a extinção o espírito e entusiasmo revolucionários das massas de todo mundo?

Extinguir o espírito revolucionário das massas não se admitir como ação revolucionária ou de contra-revolucionários?

—o—

Que significa degeneração? Se considerarmos como a perda de qualidades naturais, teremos

que considerar a degenerescência do PC (b) como sendo a perda de suas qualidades revolucionárias?

Todavia, o PC (b) teria que manter o seu conteúdo e suas formas revolucionárias, que atingiram o nível máximo em 1917, mesmo depois da revolução vitoriosa, quando as tarefas do Partido já eram outras, a da construção do Estado Socialista? Evidentemente, não. Se o seu conteúdo continuou revolucionário, muitas das suas formas de ação passaram a ser pacíficas, segundo as novas tarefas a cumprir. Isto significa degeneração ou transformação obrigatória, para estar de conformidade com as novas condições históricas?

Se o PC (b) da URSS cumpriu brilhantemente a sua função precípua, após a revolução de Outubro, de orientar e dirigir a construção do Socialismo, de maneira a surpreender o mundo, isto não desmascara a mentira veiculada pelos inimigos do Socialismo, de que havia degenerado?

Houve, sem dúvida, erros reconhecidos no estabelecimento da correlação obrigatória entre o centralismo democrático e a democracia interna do Partido, um desajuste nessa correlação em face das novas condições sociais em que atuava o Partido, possivelmente com a manutenção além do tempo devido de métodos de direção e formas de organização que não mais tinham razão de existência. Contudo, tôdas essas falhas internas, produto da luta interna, que a própria direção do Partido reconheceu no XX Congresso e procura agora eliminar definitivamente, não foram de molde a impedir que o Partido cumprisse fiel e cabalmente a sua missão histórica.

Falar, pois, em degeneração do Partido é prova apenas de inconsciência ou de defesa de interesses dos inimigos do Socialismo.

Se o PC (b) da URSS tivesse degenerado não poderia mais recuperar-se como não puderam recuperar-se os Partidos da II Internacional, que hoje são meros instrumentos do imperialismo, das burguesias nacionais. São partidos operários a serviço da burguesia. Se não tivessem degenerado, seriam contra a burguesia.

Não, não houve degenerescência, mas uma simples doença, como outras tantas houve no movimento operário mundial, para falarmos em termos médicos. É tão simples e fugaz, que o próprio organismo, o PC (b), reagiu e eliminou o mal que subrepticiamente se instalara em seu seio, através da sua direção. Doença perfeitamente localizada e por isso facilmente elimi-

nável, como estamos vendo. Tanta vitalidade possuía o PC (b) que se transformou no PCUS. Por que? Porque o seu caráter de Partido criado para realizar a revolução, *partido dos bolcheviques*, não mais existia, pois que já havia cumprido a sua missão. Isto não significou degenerescência, pelo contrário. Vitalidade e saúde, que permitiram a sua evolução, transformação, para atuar em novas condições históricas, sob novas formas.

A essência revolucionária do PCUS, que se mantém intacta, manifesta-se no quadro internacional através do consciente, ativo e decisivo internacionalismo proletário.

—o—

O Estado soviético degenerou, como afirmam os inimigos do Socialismo, papagueando Trotsqui?

Entretanto, contraditoriamente, que dizia o próprio Trotsqui, em seu livro "A revolução traída", págs. 53 a 54?

"Engels escrevia em sua célebre polêmica contra Dühring:

"... quando desapareçam, ao mesmo tempo que o domínio de classes e a luta pela existência individual gerada pela atual anarquia da produção, os choques e os excessos que nascem dessa luta — já não haverá nada que reprimir e a necessidade de uma força especial de repressão não se fará sentir no Estado" —. O filisteu crê na eternidade da polícia. Em realidade, a polícia dominará o homem, enquanto este não tiver dominado a Natureza. Para que o Estado desapareça é necessário que desapareçam "o domínio de classe e a luta pela existência individual". Engels reúne estas duas condições em uma só: na perspectiva da sucessão dos regimens sociais, umas dezenas de anos não contam mais. As gerações que suportam a revolução sobre seus próprios ombros consideram a coisa de outra maneira. É exato que a luta de todos contra todos nasce da anarquia capitalista. Todavia, a socialização dos meios de produção não suprime automaticamente a "luta pela existência individual". Este é o eixo da questão.

"O Estado Socialista, ainda que na América, sobre as bases do capitalismo mais avançado, não poderia dar a cada um o necessário e se veria obrigado, portanto, a incitar a todo mundo a que produzisse o mais possível. A função de excitador lhe corresponde naturalmente nestas condições e não pode deixar de recorrer, modificando e suavizando, aos métodos de distribuição do trabalho elaborados pelo capitalis-

mo. Neste sentido, Marx escrevia em 1875, que o "decreto burguês"... é inevitável na primeira fase da sociedade comunista (socialismo), sob a forma de que se reveste ao nascer da sociedade capitalista depois das prolongadas dores do parto. O direito jamais pode elevar-se por cima do regime econômico e do desenvolvimento cultural condicionado por êsse regime".

"Lênin, comentando essas linhas notáveis, ajunta: "O direito burguês, em matéria de distribuição de artigos de consumo supõe naturalmente o Estado burguês, pois o direito não é nada sem um aparelho de coerção que imponha as suas normas.

"Resulta, pois, que o direito burguês subsiste durante certo tempo no seio do comunismo (na sua primeira fase — socialismo. C. F.), e ainda mais, que subsiste o Estado burguês sem burguesia".

"Esta conclusão significativa tem uma importância decisiva para a compreensão da natureza do Estado soviético de hoje ou, mais exatamente, para uma primeira aproximação nesse sentido. O Estado que se impõe como tarefa a transformação socialista da sociedade, como se vê obrigado a defender a desigualdade (a cada um segundo o seu trabalho. C. F.)... continua sendo, em certa medida, um Estado "burguês", embora sem burguesia...

"As normas burguesas de partilha, ao precipitar o crescimento do poder material, devem servir a fins socialistas. Todavia, o Estado adquire imediatamente um duplo caráter: socialista na medida em que defende a propriedade coletiva dos meios de produção; burguês na medida em que a partilha dos bens se realiza por meio de medidas capitalistas de valor, com todas as conseqüências que se derivam deste fato. Uma definição tão contraditória assustará, provavelmente, aos escolásticos e aos dogmáticos; não podemos fazer outra coisa que lamentá-los".

Agora, com mais facilidade, o leitor poderá compreender a infâmia da acusação de que o Estado soviético degenerara. Senão vejamos.

O Estado soviético ainda é necessário existir? Sem dúvida, pois os povos soviéticos ainda não se encontram na fase do comunismo superior, na sua segunda fase. Ainda vivem em regime socialista.

O Estado soviético degenerou? Em que sentido?

Teria readmitido a restauração da propriedade privada sobre os meios de produção? Não. Teria estabelecido normas privilegiadas de

distribuição que não as baseadas no valor e na capacidade de trabalho de cada um? Não. Pelo contrário, deu-lhes um caráter superior, visando ao desenvolvimento amplo e rápido da sociedade, minando por conseqüência as suas próprias bases de existência. Não acabam de reconhecer os expoentes de todos os matizes dos países capitalistas que os cientistas na URSS ganham mais do que os dos países capitalistas 3 e mais vezes. O salário mais alto na URSS não é pago ao Presidente da Academia Soviética de Ciências? (O Globo — 15-11-57 — pág. 5, pé da 5.^a col.).

Em 1947, o Estado soviético não mudou a sua moeda, nivelando nos limites do possível a acumulação de dinheiro individual, de forma a que cada um dispusesse adequadamente dos meios de compra necessários à sua existência?

Não é público e notório que o nível de vida do trabalhador soviético melhorou de várias vezes sobre o que tinha antes da gloriosa revolução de 1917?

Só podem, pois, falar de degenerescência do Estado soviético apenas os caluniadores, os negadores dos fatos objetivos.

Teria o Estado soviético, como órgão de coerção, educador e disciplinador exorbitado por vezes desta sua função? É possível, em casos isolados, por força de exorbitâncias individuais, mas que sempre foram corrigidas por pressão da própria sociedade. O fato mais brilhante e comprovador desta verdade foi o XX Congresso do PCUS.

Se o Estado soviético tivesse, por degeneração, como acontece nos Estados capitalistas, se transformado num presídio militar, num Estado terrorista, teria podido sobreviver à última guerra, quando largas extensões do seu território foram invadidas pelos nazistas?

Se o Estado soviético tivesse degenerado num regime de terror, a instrução, em geral, e a ciência e a técnica, em particular, poderiam ter alcançado os altos níveis que conhecemos, ultrapassando todos os países capitalistas em conjunto? Os povos soviéticos irradiariam a felicidade e tranquilidade em que vivem, assinaladas por milhares de pessoas insuspeitas e altamente categorizadas do mundo capitalista?

Na verdade, o Estado soviético involuiu, perde forças, limita-se como era de se esperar, de acordo com o desenvolvimento da sociedade soviética, até chegar a sua desapareição no Comunismo.

—o—

Outra infâmia propalada pelos inimigos do Socialismo e da URSS, em particular, é que o

regime ou sistema soviéticos teriam sofrido um processo de degenerescência, portanto, a democracia soviética estaria degenerada.

Que são os soviets? São a forma das organizações administrativas, econômicas, militares, culturais e demais organizações do Estado, unidos a uma quantidade inumerável de associações de massas de trabalhadores surgidas espontaneamente, que rodeiam essas organizações e as unem com a população.

Lênin ensinou que o lado mais forte do regime soviético, em comparação com as formas anteriores da vida da sociedade, é a participação de todo o povo na construção da nova sociedade; que o socialismo vencerá graças à atividade criadora, histórica, independente, da maioria da população. O leninismo deu uma explicação científica dessa particularidade do desenvolvimento da sociedade socialista.

Todos os regimes sociais do passado nasceram sem a participação consciente das massas populares. Assim, o desenvolvimento do regime burgues não exigiu a atividade criadora consciente das massas, como tão pouco o exigiu o trabalho de organização de qualquer partido, pois esse regime nasceu espontaneamente no próprio seio da sociedade feudal.

“O socialismo não nasce nem se desenvolve por si só, espontaneamente; é construído conscientemente, obedecendo a um plano, por todo o povo, sob a direção do Partido Comunista.

“Compreende-se que não se pode edificar conscientemente uma nova sociedade e transformar a base de vida de milhões de homens, sem a ajuda de todo um povo, sem desenvolver todas as forças criadoras, toda a energia e o talento do povo. Compreende-se, pois, a idéia de Lênin, segundo a qual a proporção da massa da população que é o fator histórico consciente, deve crescer na medida em que se impulsionem as massas populares a uma vida ativa, ao trabalho criador da história.

“Nossa democracia soviética, precisamente, é a expressão desse fato histórico: o povo soviético se converteu no criador consciente do novo regime social. O camarada Stálin disse que, agora, são os milhões de trabalhadores que constituem as massas, que decidem acima de tudo os destinos dos povos e dos Estados. “Os operários e camponeses que constroem as oficinas e fábricas, minas e estradas de ferro, kolkhozes e sovkhozes, sem alarde e sem ostentação, que criam todos os bens da vida, que sustentam e vestem o mundo todo: estes são os verdadeiros heróis e os criadores da nova vida” (Stálin).

“Na sociedade soviética, onde não existe mais nem classes hostis, nem nações oprimidas, mas onde o Estado garante os interesses de todos os trabalhadores, o povo faz verdadeiramente a política e a executa em sua atividade criadora. Esta particularidade da democracia soviética, explica por que seu movimento para a frente, cada vez mais forte, é a lei da vida da sociedade soviética”.

G. F. Alexandrov — A Vitória do Leninismo e a Democracia Soviética — in “Problemas” — pág. 102 n.º 25 — 3-4-50.

“Com seu sistema parlamentar, a democracia burguesa não dá senão em palavras o poder às massas; e as organizações dessas são completamente afastadas do poder verdadeiro e da verdadeira administração do país. No sistema dos Soviets, as organizações das massas governam, e, por elas, essas mesmas massas, os Soviets, chamando à administração do Estado número sempre maior de operários...

“A democracia burguesa e o parlamentarismo, pela divisão dos poderes legislativo e executivo e a ausência do direito de revocação dos mandatos, acabam de separar as massas do Estado. Ao contrário, o sistema dos Soviets, pelo seu direito de revocação, pela reunião dos poderes legislativo e executivo, e, conseqüentemente, pela aptidão dos Soviets de se constituírem em coletividades de trabalho, ligam as massas aos órgãos da administração. Esse laço é ainda fortalecido pelo fato de que, no sistema dos Soviets, as eleições não se fazem segundo subdivisões artificiais, mas coincidem com as unidades locais da produção.

“A essência da democracia burguesa reside em um reconhecimento puramente formal dos direitos e das liberdades, precisamente inacessíveis ao proletariado e aos elementos semiproletários, porque para tanto são necessários recursos materiais e estes lhes faltam, ao passo que a burguesia tem toda possibilidade de tirar partido desses recursos materiais, de sua imprensa e de sua organização para mentir ao povo e enganá-lo. Ao contrário, a essência do sistema dos Soviets — desse novo tipo de poder governamental — consiste em que o proletariado recebe a possibilidade de ter, de fato, seus direitos e sua liberdade”.

(Leonidas Rezende — Pequena Hist. Rev. Bolch. pág. 49 — Editorial Calvino Ltda.)

O Poder soviético que caracteriza o regime soviético, é verdadeiramente um poder popular, a serviço de todo o povo, que comparar não

se pode com o poder governamental dos países capitalistas. A profunda democracticidade do regime soviético consiste em que na base do Estado político se encontram os interesses e vontade das classes trabalhadoras, ao contrário do que ocorre nos países capitalistas, em que os interesses e vontade são apenas dos de uma pequena minoria, classe dominante.

Tudo o Poder da URSS se encontra nas mãos dos trabalhadores das cidades e dos campos, representados pelos Soviets de deputados trabalhadores, eleitos por sufrágio universal, igual e direto, em escrutínios secretos.

Basta que se saiba que só o número de deputados dos Conselhos regionais da Federação Russa somam 844.337, eleitos em março deste ano. Dêstes, 508.946, ou seja 60,3%, de operários em produção e kolkozianos. Membros e candidatos a membros do PCUS somam 384.198 ou seja 45,5%, e de sem partido somam 460.139 ou seja 54,5%. As mulheres deputadas somam . . . 332.640 ou 39,4% da composição dos Conselhos. Que significam tais números expressivos de operários e kolkozianos nos Soviets? Que o Poder se encontra nas mãos do povo. Em 1956, nos Conselhos regionais atuaram, mais de 240.000 comissões permanentes, nas quais participavam cerca de 500.000 trabalhadores. Isto somente na Federação Russa, sem contar as demais Repúblicas Socialistas. (*Pravda*, 24-10-1957).

Durante os quarenta anos de existência do Estado Socialista os Conselhos de deputados trabalhadores são os órgãos responsáveis do verdadeiro poder popular. Neles se concentra todo o poder, se encarnam a inteligência e a experiência coletivas do povo.

Pode-se, pois, honestamente, falar em degenerescência do regime ou sistema soviético, quando vemos com os nossos olhos a direção da URSS, dia a dia, tornar-se cada vez mais expressão da direção coletiva, em que os indivíduos cada vez mais vão perdendo expressão?

Não é puro subjetivismo pretender-se que na URSS, em sua etapa de desenvolvimento histórico atual, Socialismo, primeira fase do Comunismo, a direção seja efetiva e inteiramente coletiva, sem a influência ainda individual?

O que se pode esperar e garantir é que o fenômeno Stálin jamais se repetirá na URSS. A luta contra o culto da personalidade, honesta, científica, que se desenvolve intensamente na URSS, com o nosso testemunho, pois tomamos conhecimento dos atos recentes do CC do PCUS, liquidará definitivamente a possibilidade de ressurgimento de outro Stálin.

A direção coletiva, o regime soviético, cada vez mais faz com que todos os povos soviéticos mais e mais participem do desenvolvimento ininterrupto e espetacular da sociedade.

Os indivíduos cedem seus lugares às massas conscientes.

—o—

Os marxistas sempre ressaltaram o papel representado pelo burocratismo, na sociedade como força frenadora do seu desenvolvimento, a serviço das forças caducas. Marx examinou exaustivamente o assunto na "Crítica da Filosofia do Estado, de Hegel", principalmente no capítulo "O Poder Governamental", que se encontra no T. IV das Obras Filosóficas.

Os marxistas soviéticos, vivendo num Estado Socialista, tiveram e têm oportunidade de estudar a fundo o burocratismo na nova sociedade, revelando as suas tendências, espírito e interesses, continuação direta de um passado que não mais encontra bases para sobreviver e desenvolver-se.

Está comprovado que enquanto não atingir a sociedade a fase do Comunismo, em que os níveis de produção material e desenvolvimento intelectual se encontrem a alturas incomparáveis com tudo quanto conhecemos e podemos prever, a burocracia existirá como tal e com ela os fenômenos de burocratismo, embora cada vez mais atenuados, porque pertinazmente denunciados e combatidos.

Desenvolvendo-se a sociedade, que se desenvolve sobre sua estrutura econômica, desenvolvem-se concomitantemente suas relações sociais, de tal forma que a simples "autoridade" inicial se transforma em *governo*, que de simples mecanismo administrativo e controlador da produção e distribuição se transforma no Estado num sistema complexo de órgãos, a serviço exclusivo dos interesses e vontade das classes economicamente dominantes, e, pois, politicamente.

Esse complexo mecanismo administrativo e controlador da produção e distribuição, junto com os órgãos de repressão e defesa nacional, é constituído por uma minoria de indivíduos que forma o corpo de funcionários, civis ou militares, que se designa como burocracia estatal. É um setor particular de pessoas especializadas, por sua cultura e posição, colocada em uma situação privilegiada em face do povo. Teoricamente deveria estar a serviço do povo, que lhe paga os préstimos, mas praticamente se considera seu senhor. Por que?

Porque "Na burocracia a identidade do interesse do Estado e do fim privado particular é estabelecido de tal maneira que o *interesse do Estado* torna-se um fim privado *particular* em face de outros fins privados.

"A supressão da burocracia não é possível senão quando o interesse geral se torna *realmente* geral, e não, como em Hegel, puramente no pensamento, na *abstração*, o interesse particular; senão quando o interesse *particular* se torne realmente o interesse *geral*". (Marx — Œuvres Philosophiques — T. IV — Critique de la Philosophie de l'État, de Hegel — b — Le Pouvoir gouvernemental, la bureaucratie, págs. 104 — Alfred Costes, éditeur, 1948).

No Socialismo, que herda a mór parte da burocracia do Estado burguês, e que se desenvolve como Estado burguês sem burguesia, não se pode exigir a "abolição repentina da burocracia em tôda parte e até as suas últimas raízes. Isto é utopia".

(Lênin — O Estado e a Revolução, pág. 53 — Editorial Vitória, 1946).

A luta contra o burocratismo, que mais não é que a expressão do espírito do burocrata que transforma o interesse geral em particular, privado, com tôdas suas conseqüências, só pode desenvolver-se vitoriosa e conseqüentemente na medida em que os velhos quadros burocráticos burgueses, ou novos ainda com mentalidade burguesa, forem sendo substituídos paulatinamente pelos trabalhadores. É a vitória completa, ou seja a liquidação do burocratismo, só se realizará quando a população tôda participar da administração, no Comunismo.

O que os observadores superficiais, equivocada ou maliciosamente, chamam de degenerescência do aparelho burocrático soviético, mais não é que a manifestação de sobrevivência do espírito burocrático burguês dentro do Estado Socialista, Estado burguês sem burguesia. Sobrevivências que ainda não puderam ser totalmente liquidadas, muito embora os desejos da suprema direção comunista e as exigências do povo. O passado ainda retém de alguma forma com mil mãos a força invencível de desenvolvimento do Socialismo, que implica na extinção gradual do Estado. Enquanto o Estado, porém, se elevar sobre uma infraestrutura econômica que mais não permite que uma distribuição segundo a capacidade de cada um, a burocracia sobreviverá com manifestações de tôda ordem de burocratismo, embora combatidas, reprimidas.

A burocracia é um mal inevitável, bem como fatais os fenômenos do burocratismo, mesmo nos Estados em transição para o comunismo.

"Em palavras, o aparelho soviético é acessível a todos os trabalhadores, porém, na prática, como todos sabemos, dista muito de sê-lo. E não porque o impeçam as leis, como ocorria sob o regime burguês; pelo contrário, as leis são favoráveis, porém as leis só não bastam. É preciso um ingente trabalho educativo, cultural e de organização, trabalho que não se pode realizar por meio da lei, senão que exige um esforço imenso e prolongado". (Lênin — Informe sobre o programa do Partido". Obs. Escog. T. II, pág. 557 — VIII Congresso do PC(b) da Rússia).

Não é fácil a luta contra o burocratismo, enquanto possui bases materiais de existência, porisso mesmo terá que ser tenaz e diuturna. Mesmo assim, de vez em quando, ocorrerão fatos de tal forma escandalosos que exigirão maior tenacidade e estimularão a vigilância permanente, que limitarão cada vez mais as suas danosas conseqüências.

Manifestações de burocratismo, na China, também já foram e são denunciadas por Mao-Tsé-Tung. O mesmo tem ocorrido nas Democracias Populares. Significam, entretanto, processo de degenerescência do aparelho burocrático estatal?

Absolutamente, não. A tendência ao burocratismo é mal inerente à burocracia, que assume proporções espantosas no sistema capitalista, como somos testemunhas, porque é estimulada pela própria estrutura social. No Socialismo, ao contrário, mantem-se viva luta contra o burocratismo e as condições que o geram; justamente por isso vai-se atenuando com o tempo.

Por isso mesmo, embora ainda ocorram manifestações isoladas de condenável e surpreendente burocratismo no Socialismo, os fenômenos de burocratismo irão perdendo força até se extinguirem, com a concomitante extinção do Estado. Até lá, muito ainda se fala á dos males do burocratismo e dos meios de combatê-lo.

A prova provada de que o burocratismo soviético, nunca bastante criticado, denunciado e reprimido, já é uma forma crescentemente atenuada do burocratismo czarista anterior, todopoderoso, brutal, irresponsável, venal, bárbaro, corrupto e parasitário, ninguém pode contestar. Que na sociedade burguesa fortes grupos sociais interessados mantêm a situação privilegiada da burocracia e impedem a completa democratiza-

ção dessa instituição, ninguém poderá também contestar. Que a completa democratização da burocracia e a eliminação final do burocratismo só é possível no Comunismo, porque se modifica, totalmente, a base material da sociedade e isso coincide com os interesses do povo em geral, também ninguém contesta, penso eu.

Não se pode, pois, falar em degenerescência do aparelho burocrático soviético, pois que êle, herdeiro do aparelho burocrático tsarista, só tem evoluído, nas novas condições, corrigindo as manifestações de burocratismo, sob a mais calorosa crítica e autocritica e renovação de seus quadros por funcionários saídos da classe operária e kolkozianos, em nível intelectual e ideológico nunca dantes possível.

Se a burocracia soviética ainda não é uma instituição inteiramente democrática, isenta das manifestações do burocratismo, isto se deve às suas origens e bases do Estado socialista, mas nunca a um processo de degenerescência.

—o—

Somente para argumentar. Se houve ou há um processo de degenerescência na superestrutura, especificamente do Partido, Estado, Regime ou Sistema soviéticos, por que em outros setores como a Instrução (Ciência, Técnica, etc.) não houve? Pelo contrário! Se a política e a economia estão intimamente ligados, são inseparáveis, existem juntos e atuam conjunta e reciprocamente, por que só a Política degenera, enquanto a Economia cresce e se revigora, dá saltos dantes inimaginados? Setores da Política, como a instrução, progridem num ritmo aceleradíssimo, em progressão geométrica, como em época alguma se realizou?

Penso, portanto, que falar-se em degenerescência em geral é um absurdo. Quanto muito, por corresponder à realidade, poderemos falar de focos de abusos, de exorbitâncias e de parciais e limitadas deturpações ou deformações funcionais, por toda a sociedade combatidos.

Se no PC (b) da URSS houvesse degenerescência, como deveríamos considerar o XX Congresso, por êle convocado, que revelou os erros dos métodos de direção e infrações à legalidade socialista? Que desencadeou a luta pela correção desses erros e procura desenvolver a legalidade socialista, compensando, sempre que possível, as vítimas das infrações antes cometidas contra a legalidade socialista?

Se se pudesse falar de degenerescência do Estado Soviético, da sua transformação de instrumento de coerção e repressão da sociedade socialista contra os inimigos internos e externos, em instrumento de coerção e repressão de um indivíduo ou grupo ou casta de uma classe social, êsse Estado só poderia ser modificado, restaurado nas suas primitivas funções, revolucionariamente, e nunca pacificamente. Ao que nos conste, até agora, apesar dos apelos dos trotsquistas e reação imperialista, a revolução não se efetivou.

Se o regime soviético, a mais ampla democracia proletária degenerou, então deve prevalecer o regime de terror policial de que falaram Trotsqui e a reação imperialista, esta condição da sorte dos trabalhadores soviéticos...

Todavia, como poderemos conciliar êsse regime de terror com o mais amplo desenvolvimento da Ciência e da Técnica soviéticas? Com a alegria e felicidade do povo que todos visitantes honestos da URSS têm assinalado?

A criação espiritual necessita ou não da liberdade para se desenvolver?

O ideal comunista, que visa através da ciência e da técnica submeter a natureza ao serviço do homem, libertando-o de todas as contingências que permitirão o salto para a verdadeira liberdade, está ou não sendo realizado na URSS? Os cientistas soviéticos não acabam de dar uma prova concreta indiscutível?

Se o terror policial perseguisse as massas soviéticas, os que constróem as bases do Comunismo, dirigidos pelo PCUS e pelos técnicos e cientistas, seriam possíveis os êxitos colossais, sob todos os aspectos, incomparáveis no tempo e no espaço, da URSS? Por que o capitalismo, o imperialismo, o fascismo, não lograram idênticos êxitos com a sua famosa liberdade burguesa? Não se torna claro que a liberdade soviética é mais ampla que a burguesa, melhor caldo de cultura para o florescimento do gênio humano?

Só os de má fé, a meu ver, poderão falar de degenerescência na URSS. Ou a degenerescência que muitos "comunistas" admitem existir na URSS não passa da própria degenerescência do seu espírito revolucionário, que os transformou em oportunistas de todas as espécies?

NOTA: — A 2.^a parte do meu artigo "Trotsquismo: fantasma que quer materializar-se" será publicado oportunamente. Dei preferência a êste trabalho, por julgá-lo momentoso e mais útil.

BRASIL; PAZ E AMIZADE ENTRE OS POVOS (*)

E. CARRÉRA GUERRA

Comecemos pelo princípio... Quando, em 1500, os portugueses aportaram por estas plagas, os índios receberam-nos muito bem, sem a menor demonstração de medo, suspeita ou hostilidade. Ao contrário, estabeleceram imediatamente com os descobridores lusos, um contato amistoso, um comércio de trocas, ajudaram o trabalho de reabastecimento das náus, cortaram madeira para o soerguimento do altar, da cruz, e assistiram, curiosos e boquiabertos, às cerimônias da primeira missa.

Dir-se-ia que os nossos índios representavam então, a contento, o papel do "homem naturalmente bom" que, mais tarde, lhes seria atribuído por Jean Jacques Rousseau.

A verdade é que, só depois de muitos anos de colonização, depois que se viram reiteradamente expulsos da terra, caçados, aprisionados, escravizados, dizimados pelos conquistadores, passaram os índios a odiar o branco, a guerreá-lo, a vingar-se dele com tôdas as armas e forças de que dispunham. O resultado, como se sabe, foi o quase total extermínio da população índia brasileira.

Não seria um grande exagero dizer que o homem brasileiro médio, principalmente o do interior, ainda guarda hoje, perante o estrangeiro que nos visita ou que aqui se fixa, um pouco daquela curiosidade ingênua, algo daquele espírito desprevenido ou daquela atitude basbaque do nosso indígena do século XVI.

A terra imensa, espaçosa, como que infunde a sensação de que há aqui lugar para todos. O povo brasileiro, de um modo geral, não sofre de xenofobia; é notória e tradicionalmente hospitaleiro.

Contudo, se quisermos aprofundar as causas e os efeitos dessa virtude, vamos encontrar alguns aspectos negativos. Por exemplo, essa predisposição brasileira para admirar e, mais

que isso, para superestimar tudo que é estrangeiro, às vezes em detrimento próprio, decorre, em grande parte, do fato de ainda não se ter forjado completamente a unidade nacional. O processo de formação da nacionalidade ou, em outras palavras, o ciclo da revolução democrático-burguesa ainda não se encerrou. A nossa independência política (1822) — mais aparente do que real — não se seguiu a independência econômica. Vivemos debruçados sobre a nossa imensa janela atlântica, olhando embevecidos para a velha Europa e, de lá e da América do Norte, importando quase tudo. Por outro lado, os trustes e monopólios internacionais, por si e por seus representantes estatais, sugam o país, exaurem-no economicamente, atrazam-no, impedem o seu pleno desenvolvimento industrial e cultural, ao mesmo tempo que, através de uma propaganda maciça e multiforme, mantêm o povo sob o impacto de uma influência desfiibrante, desnacionalizadora. Ora, como esse tipo de dominação imperialista prescinde da ocupação militar, direta e visível, nem sempre é fácil ao homem da rua — herdeiro longínquo daquela ingenuidade índia — aprender a distinguir, entre os estrangeiros visitantes ou imigrantes, os amigos dos inimigos.

Dêsse conjunto de circunstâncias, que explicam a nossa dependência intelectual e a nossa excessiva reverência aos estrangeirismos, procedem também, como corolários, certos traços do nosso caráter, tais como a capacidade de imitação e de improvisação, dos quais, — na medida em que são defeitos — ainda não nos libertamos, apesar das inúmeras auto-críticas que fazemos nos livros, na imprensa ou nas tribunas.

Vejamos agora outra peculiaridade brasileira.

Somos um povo mestiço, resultado do cruzamento de brancos, negros e índios.

Quando, em 1938, pouco depois do golpe parafascista, que instituiu o chamado Estado Novo, o Prof. Arthur Ramos, saudoso antropologista da Universidade do Brasil, visitou os Estados Unidos, foi, logo ao desembarcar, assediado pelos jornalistas, que lhe queriam arrancar uma declaração comprometedora, sobre a natureza do regime então vigorante entre nós. O ilustre professor, democrata sincero, viu-se en-

(*) Em princípio de outubro de 1956, recebemos uma carta do sr. A. Tchaikovski, redator-chefe da revista soviética *Literatura Estrangeira (Inostrannaja Literat.)*, pedindo-nos uma entrevista sobre assunto referente ao título acima. Por motivos que ignoramos, a entrevista não foi publicada. Considerando-a, no entanto, de interesse para o pensamento nacionalista brasileiro, resolvemos agora dá-la a público através de NOVOS TEMPOS. (ECG).

baraçado, pois não podia responder livremente, sem o temor das represálias policiais, que poderia sofrer ao voltar ao país. Mas, ainda assim, soube encontrar a resposta adequada, retrucando aos jornalistas: — “O Brasil é uma democracia racial”. Ora, Tio Sam não podia, nem pode dizer o mesmo.

Sim, somos uma democracia racial. Somos mestiços em tudo. Mesmo os brasileiros brancos de pele são culturalmente mestiços.

Mestiça e negra é a nossa música popular, mestiços foram dois dos nossos maiores romancistas, Lima Barreto e Machado de Assis; “misto de celta e de tapuia” dizia-se o nosso grande Euclides da Cunha; negra e mestiça é a nossa maior festa popular, o carnaval; negras e mestiças são algumas das melhores qualidades do nosso futebol, notadamente, a agilidade, a malícia, a ginga de corpo; negra é boa porção de nossas tradições folclóricas, a cozinha baiana, a atmosfera, a paisagem e muitas personagens das obras de Jorge Amado. E assim por diante. Seria interminável uma lista completa de nossos valores culturais mestiços, negros ou índios.

No Brasil, não há, nunca houve discriminação racial ostensiva. Nunca houve, entre nós, um caso de linchamento motivado pela cor da pele. Faz poucos anos, o Congresso votou uma lei para punir como crime a discriminação racial, isto porque, sob a influência recente do “american way of life”, a prática discriminatória começou a surgir em alguns colégios e hotéis. Acrescente-se que a lei já foi aplicada, pelo menos uma vez, redundando na condenação de um diretor de colégio que se recusara a matricular uma criança de cor.

Todavia, a verdade inteira manda dizer que, também neste passo, a nossa possível virtude anda longe da perfeição.

Se o mestiço, especialmente o mais disfarçado, moreno, de cabelos lisos, é moeda corrente, de livre curso, e pode ascender aos mais altos postos, a tôdas as dignidades sociais, não observaremos o mesmo quanto ao negro retinto.

A discriminação, o preconceito racial contra o negro subsistem sob formas larvares, ocultas, não ostensivas. E, sobretudo, pesa sobre a nossa população negra a opressão econômica, a herança da escravidão, uma enorme miséria crônica. Assim segregados em cortiços e favelas da pior espécie, por força da miséria econômica, os negros brasileiros, na sua grande maioria não têm oportunidade de disputar os lugares (em escolas, hotéis, clubes, barbearias, institutos de beleza, etc.) que os brancos não estão dispostos a partilhar com eles. O lado positivo desta situação está em que os nossos racistas eventuais têm medo da opinião pública e se

vêm obrigados a ocultar, a dissimular os seus preconceitos. Daí por que raramente há escândalos dessa natureza e a aparência geral é a de uma perfeita democracia de raças. Na ausência de conflitos agudos, pode-se esperar que, para o futuro, quando os negros e o povo trabalhador em que eles se integram alcançarem uma condição econômica elevada e digna, não nos seja muito difícil libertar-nos do que nos resta de preconceitos racistas.

Outro tópico que nos singulariza vincula-se diretamente às nossas tradições pacifistas. Não é isto uma frase vazia ou uma afirmação meramente sentimental, dessas em que são férteis a presunção patriótica ou a demagogia política. Não. Trata-se de uma realidade comprovada por fatos históricos.

O pacifismo na política externa do Brasil tem, pelo menos, a idade da República (1889) e, como veremos, se não é uma tradição vetusta, representa, sem dúvida, uma prática reiterada e das mais exemplares.

A primeira Constituição republicana (1891) consagrou o princípio de repúdio às guerras de conquista, no que foi repetida pelas demais (1934 e 1946), com exceção apenas da de 1937 que, aliás, não era republicana, mas corporativista.

Alguns dados numéricos ilustrarão melhor o assunto.

O Império legou-nos fronteiras indecisas, quando não litigiosas, com quase todos os Estados latino-americanos. Apenas em dois casos, com o Uruguai (1828) e com o Paraguai (1872), o Império demarcara fronteiras definitivas e, assim mesmo, depois de operações militares.

Já a República, dos 16.340 quilômetros que constituem as nossas fronteiras ocidentais, conseguiu fixar 14.002 kms., por acôrdo ou arbitramento.

Em 1895, o Presidente norte-americano Cleveland foi o árbitro do nosso litígio com a Argentina, no caso do Território das Missões, decidindo a nosso favor.

Em 1900, o Amapá nos era atribuído por decisão do Presidente do Conselho Federal Suíço, e, assim, cessava a nossa controvérsia com a Guiana Francesa.

Em 1903, era assinado o Tratado de Petrópolis, pelo qual compramos o Território do Acre.

Em 1904, ganhamos metade do território que nos era disputado pela Guiana Inglesa, por sentença arbitral do rei da Itália.

E assim por diante.

Nesses êxitos pacíficos extraordinários consiste a maior glória de José Maria da Silva Paranhos Júnior, Barão de Rio Branco, que foi

nosso Ministro das Relações Exteriores, no período 1903-1912.

Para resumir em poucas palavras a obra do Barão do Rio Branco, basta dizer que, em 9 anos, assinou êle cerca de 30 tratados internacionais e acresceu pacificamente ao território nacional mais de 436.000 quilômetros quadrados.

A política caudilhista e intervencionista do Império nas repúblicas do Prata — ainda hoje vivamente discutida e criticada por nossos historiadores — deu motivo a muitos conflitos armados, do qual o maior foi a guerra do Paraguai (1864-1870).

Todavia, o povo brasileiro não guardou ressentimentos, nem alimenta qualquer rivalidade com aquelas repúblicas irmãs. As tentativas ocasionais de uma ou outra facção política, no sentido de atizar ódios ou de fomentar intrigas dessa natureza, têm esbarrado na mais completa indiferença popular.

Por tudo isso, cremos que é para expressão da verdade afirmar, não só que o povo brasileiro ama a paz, mas que, além disso, é magnificamente dotado para a convivência, para o intercâmbio com todos os povos.

Gente de boa índole, sentimental, tolerante, paciente e, ao mesmo tempo irônica, capaz de rir-se da grandiloquência ridícula ou das carretas da força bruta; cultura tradicionalmente democrática, mestiça, pacifista, aberta a todas as influências fecundantes; o Brasil, o povo brasileiro, precisam apenas de conquistar a sua total independência política e econômica, para desenvolver ao máximo as suas melhores qualidades humanas e participar a fundo de todas as iniciativas que sirvam à confraternização universal.

Não suponham os leitores soviéticos que estamos aqui idealizando o povo brasileiro. Quase sempre, somos os primeiros a reconhecer os nossos inúmeros defeitos e a criticá-los com acerba ironia. Mas, nesta conversa despida de convencionalismos, preferimos falar das virtudes que nos aproximam, em vez dos defeitos que nos separam. E as observações aqui registradas são dessas que nem sempre se aprendem nos livros, mas na experiência direta de toda uma vida, no convívio longo, íntimo e amoroso com o seu próprio povo.

Rio de Janeiro, 18 de outubro de 1956.

E. CARRERA GUERRA

O presente número de NOVOS TEMPOS já se achava totalmente composto, quando fomos surpreendidos pela consternadora notícia do falecimento do nosso colaborador e companheiro E. Carrera Guerra.

De forma imprevista e prematura, desaparece o poeta de "Canto Grosso e Outros Poemas" e "Poemas do Companheiro", obras com as quais granjeara justa reputação em nossos meios literários. Exemplo de honestidade intelectual, tornara-se conhecido, também, por sua colaboração constante em jornais e revistas do Rio. Carrera Guerra intelectual de vanguarda, era um entusiasta desta revista. Estimulou sua fundação e não deixou de colaborar em nenhum de seus números. Recentemente, a Civilização Brasileira lançou as poesias completas de Fagundes Varela, em edição crítica, organizada por Carrera Guerra, em colaboração com o escritor Mécio Tatí. Para essa edição E. Carrera Guerra escreveu uma introdução que ficará como um dos mais importantes subsídios para o estudo da biografia e da obra de Varela. Com a mesma editora, se encontram os originais do livro "Vida e Obra de Malacovski" que o poeta concluiu recentemente.

Com a idade de 41 anos, quando muito ainda se poderia esperar de sua obra literária, E. Carrera Guerra desaparece consternando os nossos meios intelectuais onde contava com inúmeros amigos e admiradores.

Livros do Mês

"Democracia coroada"

GARCIA RAMOS

Há algum tempo, João Camillo de Oliveira Tôrres sentenciava em palestra que o marxismo estava morto. Alguém, alegre e surpreso, parodiou o velho Coelho Rodrigues, perguntando-lhe: "Quem o matou? Foi o senhor?" Lançava, agora, a obra sobre a teoria política do Império atiramo-nos com sofreguidão à leitura do ilustre monarquista que, num certo dia em Belo Horizonte, certificara o óbito do materialismo dialético.

O escritor mineiro pretendeu pesquisar os diferentes sistemas ideológicos que exerceram influência no desenvolvimento político do Brasil. São as origens, a estrutura e as transformações das idéias que movimentaram os políticos do século dezenove e também os estudos das instituições do regime. "Não, propriamente, a história do século XIX brasileiro através dos acontecimentos, ou pelas pessoas, ou, por exemplo, a estrutura e as transformações do complexo ideológico que estava na raiz da ação dos homens políticos do Império, a "ideologia que impulsionou a nossa história no período imperial. É, portanto, o quadro em que se moveram homens e acontecimentos".

Assunto sedutor e pouco estudado sob o ponto de vista sociológico. "Democracia Coroada", entretanto, elaborada por um espírito metafísico, torna-se seca, desbotada e sem cheiro. As instituições e as idéias são examinadas sem a mais leve referência à estrutura econômica do país. Traslados e traslados de constitucionalistas, sem a análise paralela do processo de desenvolvimento de nossa economia no século passado, acomodam a obra de Oliveira Tôr-

res na bitola de um estudo de Direito Público. Não sendo, porém, jurista o seu autor, ressentem-se de falhas técnicas de exposição e na hermenêutica. Vê-se, fundamentalmente, o propósito em elogiar as instituições monárquicas, num intempestivo saudosismo que incita o escritor a aplicar papelotes na cabeça de S. Majestade e a colorir alegremente as mazelas de nossa sociedade rural. "Para um brasileiro de hoje, revelamos acostumado às tremendas restrições que o Estado Moderno tem imposto aos cidadãos, quase tudo, nestes velhos dispositivos (constitucionais) parece utópico. Invejamos os nossos bisavós tão felizes que, plácidamente, se faziam defender por leis tão sábias".

O nosso povo, segundo Oliveira Tôrres, sempre foi juridicamente falando, uma sociedade sem classes. Consegue-se, dessa forma, escalar o pico da metafísica, divorciando-se o jurídico do social. Para resolver o problema da existência dos escravos, já que se considera a sociedade "juridicamente" sem classes, recorre o autor a um sofisma afirmando que não podemos considerar os escravos cidadãos e sim uma população dentro do povo brasileiro, isto é, estrangeiros não assimilados...

Éis a história das idéias desunida da realidade objetiva. Apresenta-se-nos, sob o mesmo critério, a investigação sobre o movimento da independência

Na verdade, a conciliação do comércio com a escravatura iria gerar o espírito da transação que apelaria para Benjamim Constant, Filanggiere e outros. Antes de ser política e jurídica, a conciliação fôra econômica

Havia, de imediato, a necessidade de mudar as nossas relações externas de produção, de criar um comércio internacional e de dotar o país de uma estrutura política para isso adequada. Quanto às nossas relações internas de produção, isto é, relações de produção no complexo rural, a escravidão tornar-se-ia sólida desde que se transformassem as relações externas de produção.

Oliveira Tôrres não se reporta a problemas de tal ordem. Preocupa-se com a justificação jurídica da Independência: "O que há de mais espantoso, de mais extraordinário, de mais inaudito na Independência do Brasil, provem de ter sido uma revolução legítima", diz-nos enternecido.

Mas o que há de mais inaudito, de mais extraordinário, de mais espantoso é um escritor, cem anos após a emancipação, acreditar num senso jurídico determinando um movimento revolucionário. Cumpre-nos esclarecer que se considera legítima a revolução por ter D. Pedro I permanecido no trono. Esquece-se do fato de já serem os reis em Portugal, chefes de comunidades de comerciantes e de que a escolha de um rei português fôra possível, em razão de ser o arcabouço comercial brasileiro composto de elementos lusitanos. Com tais preocupações de legitimidade, torna-se Oliveira Tôrres mais cauteloso que os próprios homens de 1822. Temos a impressão de que em pleno século XX, ele ainda teme a Santa Aliança, pois crê piamente no espírito subversivo do movimento liberal.

A "soi-disant" teoria política do Império do Brasil, desenvolvida em "Democracia Coroada",

pode ser resumida na história do rei bonzinho. Era uma vez um país muito grande, cujas terras foram habitadas por nossos bisavós. Nem todos eram cidadãos, nem toda a população constituía povo. Quem, porém, estivesse dentro da categoria de cidadão, era realmente livre. Outorgara-se uma Carta consagradora de direitos para os homens livres. Havia, no entanto, alguns males, inclusive escravidão. Desconhecia-se o sufrágio universal, as eleições eram feitas pelo partido no po-

der e este nunca as perdia. Não votavam os escravos, não votavam também as mulheres, nem menores de 25 anos, nem os filhos-famílias, nem os criados domésticos, nem administradores de fazendas, nem religiosos que vivessem em comunidade claustral e, finalmente, nem cidadãos que não auferissem determinada renda líquida. Não havia opinião pública, existia, porém um rei bonzinho que a substituiu e corrigia todos os erros do regime.

O estudo, em tom apologético,

calcado sobre as lições dos tradadistas do Império, principalmente Uruguai, Pimenta Bueno e Brás Florentino, alcançaria o merecido bom êxito se publicado antes de 1868. Então, no alvorecer da crise do Império, seria uma dádiva preciosa de súdito ou uma elogiável tentativa de salvamento ou consagração daquela fatigada engrenagem política. Mas aparece com quase cem anos de atraso. Em pleno século de nossa revolução industrial, chega a ser cruel tão inconseqüente saudosismo.



O ANJO AMARELO

(EDIÇÃO E. B. — S. PAULO)

O conto é, talvez, na atualidade, o gênero mais controverso e o que maior número de problemas apresenta para quem deseja praticá-lo ou analisá-lo. São muitas vezes os próprios contistas e seus admiradores interessados ou sinceros os que concorrem ainda mais para complicar o assunto. Para explicar ou exaltar certos autores, recorrem a todo um arsenal de nomes estrangeiros. Kafka, Joyce, Saroyan, Mansfield, Virginia Wolfe, Tchekhov, O'Hara, além de outros impronunciáveis ou impubescíveis, são atirados sobre o leitor ou crítico desprevenido que acaba esmagado sob a avalanche invencível. Todos os absurdos, impropriedades, caprichos, acabam sendo enquadrados em determinada "linha" do conto alienígena e postos a circular em livros ou suplementos dominicais. Trânsfuga da poesia, onde o seu prestígio tem declinado, o hermetismo foi adotado por alguns dos nossos jovens contistas com grandes aplausos dos balcões e galerias.

Diante desse panorama, os que como nós conservam o retrógrado preconceito de que o conto deve contar alguma coisa ficam às vezes num impasse. Solicitados a externar a sua opinião sobre determinados trabalhos literários que os autores batizaram de conto, vêem-se na contingência de humildemente se confessarem impossibilitados para tal.

Estas considerações não se aplicam, evidentemente, a "O Anjo Amarelo" (Edição E.B. — S. Paulo — 1957), de autoria de Roberto Simões. Embora prês a certos modismos e, de alguma forma, a determinada temática que constituem a "atmosfera" de vários contistas da chamada

nova geração, o autor, entretanto, é dos que procuram contar uma história com princípio, meio e fim.

Neste sentido, os 4 contos finais são, a nosso ver, os que mais fielmente se atêm ao gênero: "Um Honrado Funcionário", "Angústia", "Tenente Timóteo" e "Diário de um Juiz de Província". Escritos com nitida preocupação realista, constituem, indubitavelmente, os melhores do livro. Entre os seis primeiros, o que se intitula "Natal", lembra, por vezes, pelo tema, "A missa do galo", de Machado. É, também, um conto razoavelmente realizado.

É em "O Anjo Amarelo", "O poço" e "Scherzo", que Roberto Simões mais se compromete com determinadas tendências do conto brasileiro contemporâneo para escolher a atmosfera sinistra da anormalidade e da loucura como, praticamente, a única digna de servir como pano de fundo às suas narrativas.

"Paula", dados os elementos poéticos que o envolvem, é lido com agrado, assim como "A Sabatina", onde o autor com alguma felicidade consegue criar reações psicológicas de um estudante adolescente em dia de exame.

Estreando como contista, Roberto Simões nos parece oscilar entre várias tendências sem ter decidido ainda qual a linha que adotará definitivamente. É possuidor, contudo, de evidentes qualidades como ficcionista, motivo por que aguardaremos com interesse o romance que informa ter em preparo: "Canejo". Nesta nova obra ele nos dará, talvez, toda a medida do seu valor.

E. M.

Uma política de preconceitos

LOURIVAL FONTES — Livraria José Olímpio - 1957

o

ONALDO FREIRE DINIZ

O sr. Lourival Fontes é um dos políticos brasileiros em melhores condições de analisar os problemas nacionais. Tendo exercido, durante vários anos, postos importantes no aparelho administrativo (Diretor do DIP, Embaixador, Chefe da Casa Civil da Presidência da República), adquiriu conhecimentos diretos desses problemas, que dão à sua opinião singular valor. O que diz não é o resultado de divagações, de generalizações ou de conceitos abstratos: resulta do contato direto com os fatos, com a vida; das dificuldades encontradas no exercício das funções a que fôra alçado.

É o depoimento da experiência de quem não se apega às fórmulas dogmáticas, de quem meditou muito, de quem viveu o suficiente, o necessário, o indispensável. Daí o significado e a importância do livro que acaba de publicar — “Uma política de preconceitos” —, na primeira parte do qual analisa com vigor, objetividade e profundidade a atual conjuntura política internacional, estabelecendo paralelo entre a ação da União Soviética e a dos Estados Unidos, para concluir que estes últimos “se não adotarem uma nova política — política positiva em atitudes, programa e ação, começarão perdendo os clientes e acabarão por perder aliados”.

Para o autor, diante do equilíbrio de forças existente no mundo, só a política de cooperação e entendimento econômico poderá subsistir, permitindo a liderança desta ou daquela grande potência.

A coexistência entre os sistemas socialista e capitalista é uma decorrência normal do statu quo atual, é a saída que o processo histórico apresenta aos olhos dos estadistas. A União Soviética, por assim entender, tem desenvolvido sua ação, ajudando não somente os países de democracia popular, como também aqueles que lutam contra o colonialismo e procuram se afirmar como Estados Soberanos, adotando a neutralidade ativa ou o nacionalismo puro e simples.

Rompendo com o insulamento stalinista, que a levava a realizar uma política internacional estreita, demasiadamente cautelosa, a União Soviética, compreendendo o sentido universal de seu papel, patenteando a natureza internacionalis-

ta da revolução que a criou, instala indústrias na China, monta siderurgias na Índia, ajuda o Egito a construir hidrelétricas, realiza transações comerciais de notável envergadura com a Birmânia, o Paquistão, com os países árabes em geral, renova sua atitude em relação à Iugoslávia, acena, enfim, com grandes vantagens econômicas e técnicas para a América Latina.

E tudo isso sem exigir qualquer compromisso de natureza política ou militar.

O mesmo não acontece, todavia, com os Estados Unidos, que insistem na política de pactos militares, na política “improficua e mediocre que se concentra — segundo Lourival Fontes — no anticomunismo sem nada oferecer para eliminar os fermentos da inquietação social e os venenos do retrocesso econômico que são a vida de multiplicação dos extremismos”; na política negativista, egoísta que sustenta ditaduras desmoralizadas, derruba governos progressistas, advoga as pretensões dos trusts, dos monopólios, menospreza as tradições, as necessidades e os anseios dos povos, política imperialista de quem ainda não se apercebeu das transformações que se verificam no mundo.

É evidente que neste quadro, como era de se esperar, o pêndulo tende a se inclinar para a União Soviética, que vem conquistando rapidamente a simpatia dos novos afro-asiáticos e latino-americanos que lutam pela completa independência política e econômica, que desejam ser tratados como irmãos, no mesmo pé de igualdade, e não como escravos ou servos.

E nenhuma nação, por mais poderosa que seja, impedirá o desenvolvimento desse curso. A exuberância do novo destruirá toda e qualquer resistência do velho. O mundo de hoje não comporta as fórmulas antigas que sustentaram e fizeram progredir o sistema colonial europeu. Os povos de hoje querem a colaboração técnica, financeira e cultural sem discriminações ou imposições políticas. Esta a constante de nossos dias. Ressaltando-a, Lourival Fontes coloca-se entre os homens públicos brasileiros credenciados a proporcionar ao nosso país uma política flexível, independente, progressista e sem preconceitos.

Revista das Revistas

CONJUNTURA ECONÔMICA

TENDENCIOSIDADE NA PESQUISA

Em nossas mãos o número de novembro de Conjuntura Econômica, comemorando o 10.º aniversário da Revista. Como sempre, alguns tópicos registrando dados da "evolução dos negócios", quadros contendo índices econômicos, exames de conjunto da situação de alguns ramos (neste número estão os têxteis, os seguros, fumos, jósforos e vidros), um estudo do comércio interestadual, etc. Sendo órgão de documentação, o que valeria, acima de tudo, seria a fidedignidade de seus dados: Não é o que ocorre em relação aos tópicos conjunturais e aos índices econômicos. O melhor da Revista — digamos francamente — são os resumos da situação anual dos setores da indústria, contendo a síntese dos balanços, etc.

O surgimento da revista mensal Conjuntura Econômica, há dez anos, marcou uma nova fase no desenvolvimento dos estudos econômicos no Brasil. Não há que negar o papel destacado desta revista editada pela Fundação Getúlio Vargas na informação e na pesquisa econômicas. Divulgando regularmente índices econômicos, dados analisados da situação dos principais setores da economia, apreciações abalizadas sobre a conjuntura dos negócios, fazendo previsões sobre a evolução próxima das tendências verificadas, a equipe inaugurada pelo velho economista Richard Lewinsohn adquiriu enorme projeção nos círculos especializados e entre industriais e homens de negócio. Entretanto, a medida que cresceu a Revista, foi nela penetrando um outro espírito, bastante pernicioso, mesmo para um órgão apenas documentador. A redação do órgão passou a "orientar" suas pesquisas para um rumo tortuoso, no qual a defesa de certos interesses predetermina a própria coleta dos dados e sua apresentação.

Costuma-se definir a "Conjuntura" como a revista do

professor. Com isto quer-se significar a tendenciosidade das matérias centrais que a compõem. Nos últimos tempos, mais se acentuou essa tendência. "Conjuntura" se fez porta-voz dos inimigos do desenvolvimento econômico do Brasil, dos entreguistas em matéria de petróleo, etc. Tudo em prejuízo da veracidade de suas cifras, da fidedignidade de suas análises, da seriedade de opiniões ou críticas nela inseridas.

Quem patrocina a revista é o chamado Instituto Brasileiro de Economia, com o professor Gudin à frente. Seu redator-chefe, dr. Garrido Tôrres, é homem que reza pela cartilha de Gudin. Toda a inacreditável e audaciosa defesa de teses entreguistas, em particular no capítulo dos capitais estrangeiros, reponta na "Conjuntura" sem limitações. Lendo-se um balanço "negro" que aponta os males da inflação brasileira, encontra-se a velha pendente guinéiana — é melhor abrir as portas ao capital estrangeiro, para salvar a moeda interna, é melhor liquidar a indústria para assim sanear o cruzeiro, etc. A inflação para eles, se exprime no crescimento econômico. Combatendo a inflação, ferem o progresso.

Esta polémica já está superada entre os setores mais importantes de técnicos e políticos nacionalistas. Não se admite nada que venha a tolher o desenvolvimento. E o combate à inflação terá que ser conduzido dentro do esquema de estímulo à industrialização. A inflação que está corroendo a economia começa já a frear o progresso. Para estancá-la, valem muitos remédios, menos os indicados por Gudin com sua política de portas abertas.

Z. C.

REVISTA BRASILIENSE

CONCEITO DE SOCIOLOGIA

O n.º 14 da Revista Brasiliense, correspondente a novembro-dezembro, apresenta-se tão volumoso como o anterior e de matéria mais variada, mas em

conjunto, a nosso ver em nível inferior.

Chamamos a atenção do possível leitor interessado no assunto para o trabalho de Heitor Ferreira Lima, Primórdios da Siderurgia no Brasil, onde se faz excelente estudo histórico da indústria do ferro e do aço em nosso país.

Souza Barros, autor de ótimo trabalho sobre as populações do Nordeste — Êxodo e Fixação — comparece com um estudo que desmerece o livro antes mencionado: Aspectos do Subdesenvolvimento na América Latina. Neste artigo, o problema do latifúndio, das condições semifeudais de trabalho, da reforma agrária, comum a todos os países desta parte do Continente, é oculto ou disfarçado com belos quadros estatísticos. Maneira de fugir ao problema, quando em seu mencionado livro ele foi encarado com toda a coragem.

O mesmo sistema se pode observar no trabalho do Sr. Pinto Ferreira, Panorama da Sociologia Brasileira. Buscando apoio numa avalanche de autores e em citações em alemão, pretende apresentar "a sociologia como ciência autônoma", "destramando as leis gerais reguladoras da vida social, com base dinâmica dos fatos históricos, como uma síntese dialética dos resultados auferidos pelas ciências sociais particulares".

O Sr. Pinto Ferreira inverte a ciência: a sociologia deixa de ser o que realmente é, auxiliar da história, para transformar a história em auxiliar da sociologia. A sociologia é um corte transversal na história. É um estudo de conjunto da infra-estrutura e principalmente da superestrutura da sociedade em um determinado momento. É, pois, uma ciência estática, por si só capaz de dar uma idéia da sociedade que é, por sua natureza, essencialmente dinâmica. Se a sociologia começa a preocupar-se com o passado e o futuro das sociedades, se começa a estender-se no tempo, deixa de ser sociologia, passa a ser história.

Mas, voltando à Revista: há nela outro trabalho digno de nota, Aspectos do Nacionalismo Brasileiro, do sr. Octavio Ianni. O autor conclui que o nacionalismo é "elemento da ideologia da burguesia industrial brasileira", que é "a camada mais diretamente atingida pela fase

imperialista das economias capitalistas com as qua's o País mantém intercâmbio". Não acreamos que o nacionalismo seja uma "ideologia da burguesia industrial", mas sim, apenas, uma política de alta conveniência para os seus negócios. No momento essa política corresponde igualmente aos interesses da maioria da população brasileira, em particular o proletariado, cujo papel nessa conjuntura, é levar a política nacionalista da burguesia às suas últimas conseqüências, isto é, à expulsão dos imperialistas. O nacionalismo é, afinal, a manifestação ideológica de um determinado estágio das forças produtivas.

Afirmar que o nacionalismo é ideologia da burguesia industrial brasileira é apropriação indébita, é atribuir à burguesia, com exclusividade, um sentimento que está no coração da maioria absoluta do povo brasileiro.

L. B.

TEMPOS NOVOS

O RÉQUIEM PARA O CAPITALISMO

Elena Modrzhinskaia, em "Tempos Novos", publicação soviética, em seu artigo "A Revolução de Outubro e o Progresso Social", diz que há mais de cem anos, Marx e Engels previram a vitória da revolução socialista e esboçaram rápida e genialmente a nova formação econômico-social, socialista.

Desde então se compreende que o Socialismo não é o fim, mas o início do verdadeiro progresso histórico da humanidade, como está convincentemente sendo provado com as vitórias espetaculares da Ciência e Técnica soviéticas.

"Em realidade, somente com o Socialismo — escreveu Lênin em "O Estado e a Revolução" — começa um movimento real e rápido de progresso em todos os aspectos da vida social e individual, um movimento verdadeiramente de massas, no qual toma parte, primeiro, a maioria da população, e a seguir, a população inteira".

A História avança indetentável. queiram ou não os conservadores e reacionários. Justamente por isso, os marxistas não duvidam da vitória das forças

progressistas em todos os continentes.

A convicção cientificamente fundada na inevitabilidade do triunfo final das forças do progresso social em todos os países, permite que os marxistas sejam decididos partidários da coexistência e emulação pacíficas entre o Socialismo e o Capitalismo.

A paz é o melhor terreno para o desenvolvimento da sociedade humana, sob qualquer aspecto, é a convicção dos homens sensatos e honestos.

Significativo foi o discurso de Louis Wirth, ex-presidente da Associação Internacional de Sociologia, no primeiro Congresso dessa entidade, celebrado em 1950, em Zurich. Nêle, o conhecido sociólogo norte-americano reconheceu que todos os homens de boa vontade querem que se aclare não pela força mas pela paz "qual dos dois sistemas antagônicos (Capitalismo x Socialismo — C. F.), que se propõem organizar a sociedade humana, pode assegurar melhor o progresso da civilização; satisfazer as necessidades de nutrir, vestir e alojar os povos; dar pleno impulso a todos os talentos e a todas as capacidades; assegurar o máximo de proteção contra as enfermidades, a pobreza, a ignorância, a tirania, a delinqüência e a exploração; favorecer as facultades criadoras, a ordem, a virtude e o progresso; obter o apoio enérgico e leal de todos os cidadãos; elevar ao seu mais alto grau de perfeição as artes e as ciências; no quadro de uma cooperação pacífica e fecunda; preservar e exaltar as liberdades pelas quais tantas gerações derramaram o seu sangue e sacrificaram os seus bens mais preciosos..." (Boletim Internacional de Ciências Sociais, 1951, vol. III, n.º 2, págs. 213-14).

Não cabe dúvida de que cada passo no caminho da convivência pacífica oferecerá novas provas das grandes vantagens do Socialismo.

Justamente isso atemoriza os inimigos do progresso social e por isso tratam febrilmente de impedir a todo custo o desenvolvimento ascendente da so-

cidade humana. A decantada política de "contenção" e de "libertação" dos países socialistas, as doutrinas de trituração dos movimentos de libertação nacional no Oriente, os planos de guerra termo-nuclear são, em rigor, intentos de deter o progresso social.

Os autores e inspiradores de todos êsses projetos e doutrinas esperam, com sua desmesurada soberbia, deter e até fazer retroceder a História. A História, todavia, avança e aí daquele que cruze o seu caminho!

C. F.

KOMMUNIST

MAR E AS REVOLUÇÕES DE 1848

O número 14 de *Kommunist* (órgão teórico do PCUS), correspondente a outubro de 1957, traz alguns trabalhos de interesse, conforme logo se evidenciava pelos títulos que figuram no índice. Assim é que chamam a atenção trabalhos como o de G. Glezerman sobre "O geral e o particular no desenvolvimento histórico", uma crítica assinada por M. Penkin sobre o problema de conteúdo e forma na arte e um comentário de N. Ter-Akopian sobre o marxismo e as lições dos movimentos revolucionários de 1848-1849.

Neste último artigo, comenta-se o aparecimento do oitavo tomo das obras de K. Marx e F. Engels em russo. Trata êsse tomo precisamente daqueles acontecimentos, que há mais de um século abalaram a Europa. Testemunhas oculares e mesmo, em certa medida e em certos setores, participantes ativos dêles, Marx e Engels souberam estudar a experiência dêsse movimentos e extrair dêles uma série de conclusões importantes, tais como — por ex. — a necessidade da existência de partido independente dos operários, da aliança dêstes com os camponeses, etc.

Realizando, embora, um trabalho de simples divulgação, o autor dêste artigo presta, um serviço à causa da difusão de algumas teses marxistas importantes.

O . P .

Enderêço para a remessa de livros:

NOVOS TEMPOS

Av. Rio Branco, 185 — Sala 509 — Rio

Cartas Abertas

ELOGIO E CRÍTICA

Nova Iguaçu, 16 de dezembro de 1957.

Redação de NOVOS TEMPOS:

"Acho que a Revista está preenchendo seus objetivos e tem apresentado melhoras sensíveis, destacando-se a sua seção de comentários sobre livros e revistas e a publicação de documentos brasileiros.

Sobre esta última, acho que se dá uma preferência aos documentos da Corrente Renovadora, o que, a meu ver, não é justo e ajasta a Revista dos princípios de seu editorial do 1.º número: atitude independente.

Não tenho preconceito algum contra a Corrente. Apenas acho que sempre que possível, ao lado de um documento seu, deveria ser publicado um do PCB, a exemplo do que se fez no 1.º número, no qual apareceu um artigo de Agildo ao lado de um de Prestes.

Tal atitude, longe de parecer de concessões às duas correntes, seria uma atitude de independência em relação às mesmas e facilitaria o confronto de tendências, possibilitando um estudo crítico a respeito dos conceitos emitidos.

Outrossim, a crítica da Revista a um artigo que a mesma não transcreveu, dificilmente dá idéia exata da coisa criticada. Sempre que possível, pois, acho que dever-se-ia transcrever o trabalho e criticá-lo à base disso.

O mesmo tratamento dar-se-ia ao movimento internacional.

Ultimamente, por ocasião do 40.º aniversário da Revolução de Outubro, acho que três documentos deveriam ter merecido a atenção da Revista: as Teses sobre o 40.º aniversário; a declaração dos partidos comunistas dos países socialistas e o artigo de Tito sobre o 40.º aniversário. Um sério estudo crítico sobre esses documentos deveria ter sido feito e ainda está em tempo de o ser...

Abstenho-me de discutir o mérito dos artigos, até o momento publicados pela Revista, alguns dos quais muito bons

Cumpra destacar, entretanto o trabalho de Henri Lefebvre, "O Marxismo e o Pensamento Francês", o mais sério de todos os já publicados no Brasil depois do XX Congresso, no terreno da filosofia marxista. NOVOS TEMPOS está de parabéns (a) AH".

POR QUE A COEXISTÊNCIA PACÍFICA?

Niterói, 2 de dezembro de 1957
A Revista NOVOS TEMPOS

Fala-se muito em paz e em coexistência pacífica entre regimes "diferentes". Stálin, durante toda a sua vida como dirigente máximo do P.C.U.S., do Estado Soviético e do movimento comunista mundial partia para as suas posições políticas, da concepção estratégica de coexistência. É natural que, mesmo elementos de vanguarda, nos dias de hoje, mesmo rompidos com o que de pior houve no stalinismo — os métodos burocráticos, o terror policial, a intriga, a falsificação da história — ainda partam de uma concepção estratégica mundial que se baseia na coexistência pacífica e na paz de compromisso entre os estados operários e o sistema capitalista mundial. Em primeiro lugar é necessário aprofundar como se dá o desenvolvimento do capitalismo no mundo. O "progresso" capitalista é irreversível e seu natural desenvolvimento o leva a uma expansão contínua, sem limites: é algo comparável com a lei física de expansão dos gases. É claro que ao mesmo tempo que se expande, o capitalismo destrói os seus concorrentes, torna-se monopolista, submete o estado operário diretamente aos seus objetivos de expansão e de lucro, se firma em "áreas atrasadas", as quais ele utiliza como fonte de matérias primas e bases estratégicas. Ao mesmo tempo que se expande, agrava as suas contradições internas, cria condições para a sua pró-

pria destruição, organiza o proletariado e agrava até o máximo a FUNDAMENTAL CONTRADIÇÃO entre o trabalho social e a apropriação individual. Nunca é demais lembrar que isso tudo já foi estudado e aprofundado por Marx, Engels, Lênin, Rosa Luxemburgo, Trotski e outros clássicos do marxismo. Digo que nunca é demais lembrá-los porque sinceramente tenho a impressão que não vêm sendo devidamente estudados pelos elementos da vanguarda comunista.

Lênin em "Imperialismo, Etapa Superior do Capitalismo" já caracterizou que o capitalismo já entrou em agonia desde o momento em que se tornou monopolista. E foi com o objetivo da revolução mundial que os bolcheviques dirigiram a Revolução de Outubro. Porque, então, se fala tanto em coexistência pacífica; porque se admite tanto que já se chegou a um clima de Paz; porque se admite que já está superada toda a possibilidade de uma guerra mundial?

— Sinceramente, admito que, mesmo aqueles que hoje se dizem anti-stalinistas, ainda comem o "prato feito" da coexistência pacífica, prato preparado e apimentado por Stálin para engabelar a classe operária e o movimento revolucionário mundial.

— É preciso compreender o que significou e ainda significa a camada burocrática, excrescência do movimento operário, casta aproveitadora da Revolução de Outubro. É necessário compreender quais os interesses dessa camada, quais os seus objetivos, como se formou, isto é, quais as circunstâncias históricas que a geraram, quais as atuais circunstâncias históricas que a levam a uma crise, e qual a sua ideologia; e também como atua sobre o movimento operário e como sofre a influência deste.

— Em primeiro lugar, a burocracia é uma camada social do movimento operário, não é uma classe social, pois não possui os meios de produção. Ao mesmo tempo, fruto de um refluxo do movimento revolucionário no mundo e do isolamento do estado operário soviético, a burocracia achou a sua auto-satisfação. Seus objetivos passaram a ser diferentes dos interesses históricos do proletariado; ao

mesmo tempo que é obrigada a defender o estado operário (árvore sugada pela parasita burocrata), não tem nenhum interesse na extensão do processo revolucionário; quer uma política que, ao mesmo tempo que defenda o estado operário soviético, não prejudique o capitalismo fora das fronteiras soviéticas, isto é, freie o processo revolucionário onde ele aparece, aja objetivamente como um instrumento contra-revolucionário.

— Enquanto, escudados no prestígio da União Soviética, no prestígio da Revolução de Outubro, nas falsificações históricas feitas por eles mesmos, os burocratas controlavam o movimento comunista mundial, ia "tudo azul" para eles. Mas o processo objetivo da revolução mundial escapou-lhes das mãos, principalmente o processo da revolução colonial. Mesmo partidos educados dentro do stalinismo como o iugoslavo e o chinês foram objetivamente levados a romper com a estratégia stalinista. E agora os cordéis que partem de Moscou estão arrebentados ou funcionam defeituosamente; e principalmente depois do XX Congresso do P.C.U.S.

— Ora, o processo revolucionário, apesar de lhe faltar uma direção consciente marxista-leninista de massas (outra "herança" que o stalinismo deu ao movimento operário) prossegue, atacando o imperialismo em suas bases — trata-se da Revolução Colonial. Egito, Síria, Argélia, Ceilão, Chipre, Tunísia, Marrocos, Omã, são exemplos de um processo revolucionário, portanto socialista em sua essência e em suas últimas consequências, apesar das roupagens locais e das aparências contraditórias. Esse processo de massas é irreversível e também se estende à América Latina.

— Pergunta-se: — Como conciliar a expansão natural do imperialismo com o ascenso de massas da Revolução Colonial? — Há possibilidade de "meio termo" nessa contradição? — Há possibilidade de "coexistência" entre o imperialismo e a "Revolução Colonial"? Pode admitir o imperialismo que lhe cortem os braços e as pernas? — E as repercussões da Revolução Colonial no proletariado da Metrópole? — Serão ocasionais o ascenso do movimento pelo direito dos negros nos Estados Unidos, e a fusão das centrais sindicais americanas?

— Pode-se admitir que o pro-

letariado americano, no bojo de uma crise de conjuntura, complicada com a crise geral de estrutura que o capitalismo mundial atravessa, adquira consciência revolucionária e assumo o poder nos Estados Unidos. É uma hipótese. Entretanto, a falta de consciência socialista no operariado americano não nos abre uma perspectiva otimista. O que é mais plausível é que o imperialismo não se deixe dessangrar pela Revolução Colonial e se jogue com desespero à única solução que ele vê para os seus problemas — a guerra mundial. Nunca é demais lembrar Lênin — "O imperialismo traz a guerra, como os ventos a tempestade".

— E o Estado Soviético, mesmo dirigido pela camada burocrática, seria obrigado a intervir, menos em solidariedade à Revolução Colonial, mais para a sua própria defesa. E um processo eminentemente de massas é fatal para a burocracia; seria o seu fim, pois em agonia já está.

— Peço urgentemente que me respondam e me convençam os partidários da tese da "coexistência pacífica entre regimes diferentes".

(a) ALVARO MOURA

L E I A M

LÍDERES SOVIÉTICOS

de OSVALDO PERALVA

À VENDA NAS LIVRARIAS E NA SEDE DE

NOVOS TEMPOS

Documentos Brasileiros

O Relatório Canellas

Sob o título acima ficou conhecido o documento que ora transcrevemos, em suas partes essenciais, divulgado em folheto, na época, por iniciativa de seu signatário.

Antônio Bernardo Canellas era operário gráfico e militante revolucionário. Estava trabalhando em sua profissão, em Paris, quando foi fundado o PCB, em março de 1922. Essa circunstância facilitou sua ida a Moscou, para representar o PCB no IV Congresso da Internacional Comunista.

Dando contas dessa missão, Canellas redigiu o Relatório cujo original caiu em mãos da Polícia. Julgou que, em face disso, não haveria mais razão alguma de segurança a impedir sua divulgação. Não

era admissível mesmo que se negasse ao conhecimento dos trabalhadores aquilo que o próprio inimigo já conhecia.

O Relatório Canellas não foi aceito pelo CC do PCB. Recusando-se a fazer autocrítica, Canellas foi expulso. O mandonismo fazia a sua estréia e com sua verdadeira face: como expressão de subserviência à IC. Fora das fileiras do PCB, Canellas continuou sendo o mesmo lutador infatigável. Principalmente ao seu esforço e combatividade, deveu-se a publicação do panfleto clandestino "5 de Julho" em apoio à Coluna Prestes e que resistiu vitoriosamente à tenaz perseguição da polícia do governo Bernardes.

RELATÓRIO DA DELEGACIA À RÚSSIA

Rio de Janeiro, 1923 (80 pp.)

Resolução redigida por Suvarine e aprovada pela Junta Executiva Ampliada da I. C. em dezembro de 1922

QUESTÕES SUL-AMERICANAS

Resolução sobre o Partido Comunista do Brasil

O Comitê Executivo da Internacional Comunista, depois de ter discutido o relatório do representante do Partido Comunista do Brasil, estabelece que este Partido não é ainda um verdadeiro Partido Comunista. Ele conserva restos da ideologia burguesa, sustentados pela presença de elementos da Maçonaria e influenciados por preconceitos anarquistas, o que explica a estrutura centralizada do Partido e a confusão reinante sobre teoria e a tática comunistas.

No entretanto, é possível fundar no Brasil um bom e forte Partido Comunista. O núcleo deste novo Partido deverá ser formado pelos grupos atualmente existentes.

Segundo as idéias do delegado Canellas, desprende-se que este camarada não está liberto da confusão ideológica reinante no seu Partido.

O Comitê Executivo da Internacional Comunista decide:

1.º) Provisoriamente, o Partido Comunista do Brasil deve ser aceito na Internacional Comunista como Partido simpatizante;

2.º) A Agência de Propaganda para a América do Sul ("Bureau de Propagande pour l'Amérique du Sud") é convidada a trabalhar pela organização do Partido Comunista brasileiro, de acordo (sic) com os camaradas brasileiros."

Abstenho-me de lavrar quaisquer comentários em torno desse documento. Ele é um desses papéis que se condenam a si próprios, tal a dose de insensatez que contém. Note-se ainda que esse documento não me foi oficialmente comunicado em Moskova. Conheci-lhe a existência nas vésperas do meu regresso para o Brasil e só pude obtê-lo por vias indiretas. Tampouco o Secretariado do Partido, aqui, recebeu comunicação de tal resolução. Evidentemente, a organização, aliás tão centralizada, da Internacional, ressentia-se de falhas graves para que tais irregularidades sejam possíveis. Se a minha diligência indireta não tivesse vingado, dar-se-ia o caso verdadeiramente fan-

NOTA: O (sic) é de Canellas. Ele diz adiante que "Agência de Propaganda citada não existia na prática e é um mito que apenas serve para fazer figuração junto ao Executivo." (pág. 58).

tático de nem eu, nem o Presidium do Partido conhecerem ainda a esta data a Resolução tomada pela Internacional acêrca de nós outros e por conseguinte desconhecermos a nossa posição perante a organização internacional do comunismo.

Assim que tomei conhecimento da Resolução que venho de transcrever, redigi a réplica seguinte, que entreguei pessoalmente ao Secretariado do Comintern:

AO PRAESIDIUM DA INTERNACIONAL COMUNISTA

Camaradas.

Ao tomar conhecimento da Resolução tomada pelo Executivo da Internacional Comunista acêrca do Partido Comunista do Brasil, achei conveniente chamar a atenção do Praesidium sôbre os erros de apreciação e os julgamentos injustos que a dita resolução contém. Froponho-vos, pois, modificá-la, porque, se ela permanece tal como está, isso poderia diminuir o prestígio da Internacional no Brasil e criaria dificuldades incriveis ao nosso trabalho futuro de propaganda.

Teria alguma coisa a dizer quanto à maneira sumária pela qual esta questão foi tratada pela Comissão. Limitar-me-ei, todavia, a fazer aqui uma análise crítica da Resolução, assinalando ao Praesidium os pontos que é preciso absolutamente modificar:

A Resolução começa por dizer:

"...depois de haver discutido o relatório do representante do Partido Comunista do Brasil..."

Ora, pude averiguar que o Relatório por mim apresentado ao Executivo Internacional desde o dia 12 de outubro último (1922), não foi lido por nenhum dos camaradas que redigiram a Resolução. Nessas circunstâncias, não se poderia estabelecer coisa alguma com verdadeiro conhecimento de causa. Mas a Comissão não se deteve diante dêste escrúpulo de consciência que a mais rudimentar prudência lhe aconselharia: ela estabelece logo de seguida que "êste Partido não é ainda um verdadeiro Partido Comunista". Avança-se tal coisa com o mesmo ar despreocupado de alguém que faz prognósticos sôbre o tempo provável de amanhã ou a temperatura que reinará esta tarde. E ela acrescenta, para reforçar a sua afirmação, as enormidades seguintes:

"êle (o Partido) conserva alguns restos de ideologia burguesa, sustentados pela presença de elementos da Maçonaria e influenciados por preconceitos anarquistas, o que explica a estrutura centralizada do Partido e a confusão reinante sôbre a teoria e a tática comunistas".

Tantas palavras, quantas tolices. Assinalamo-las uma por uma:

"êle conserva restos da ideologia burguesa..."

Dizer isto de um Partido compôsto quase exclusivamente de operários que militam no sindicalismo revolucionário desde muitos anos, é extremamente injusto. Eis aí uma afirmação que caso fôsse mantida, não seria de natureza a dar aos operários revolucionários do Brasil uma idéia lisonjeira das faculdades de apreciação e da firmeza de julgamento da Comissão Executiva da Internacional Comunista.

"...sustentados (os restos da ideologia burguesa) pela presença de elementos da Maçonaria..."

Isto não é grave, porque os operários revolucionários do Brasil não encontrariam nessa fenomenal apreciação nada mais do que um motivo de hilariedade. Em tudo e por tudo, há no Partido 3 (três) mações, que só nêle entraram no mês de junho último. Sustentar que êsses camaradas entretêm no seio do Partido restos da ideologia burguesa, é lamentavelmente risível. Aliás, êsses três mações não são no Partido figuras do primeiro plano, nem mesmo do segundo. Se de fato fôsse averiguado (coisa que só como hipótese menciono) que êles entretêm dentro do Partido preconceitos burgueses, poder-se-ia excluí-los sem a menor dificuldade.

"...o que explica a estrutura centralizada do Partido..."

Esse ponto é um tanto obscuro, não posso chegar à compreensão do que isso quer significar. Com efeito, nós não temos Comissão Diretora: temos sômente uma Comissão Executiva, composta de três membros. Esta organização centralizada tem por fim tornar mais maleável a ação do Partido.

"...e a confusão reinante sôbre a teoria e a tática comunistas..."

Aí está uma outra enormidade. A Comissão não poderia verificar a existência, dentro do

Partido Comunista do Brasil, de confusão alguma no tocante à interpretação da teoria e da tática comunistas, pela razão de que ela não conhece absolutamente nada a respeito da ação do dito Partido; logo, ela não pode avançar no que se refere ao caráter da nossa tática. Quanto ao que pensamos a respeito da teoria comunista, tenho aqui alguns exemplares do nosso modo de ver. Nenhum membro da Comissão havia lido os artigos que têm sido publicados no nosso órgão: por conseguinte, ela, a Comissão, julgou "a priori" e o seu julgamento nem mesmo teve o mérito de ser o produto de um sentimento de intuição inteligente.

Mais adiante:

"...o núcleo deste novo Partido..."

Vejo nesta frase subentendidos que não são de natureza a nos tranqüilizar.

Há ainda mais. A Comissão disse:

"...segundo as idéias do delegado Canellas, averigua-se que este camarada não está ainda libertado da confusão reinante no seu Partido..."

Começo por fazer observar que a Comissão não possuía e não possui ainda dados que lhe permitam estabelecer de uma maneira tão categórica a existência, no seio do nosso Partido, de uma confusão ideológica qualquer; em seguida nego formalmente à Comissão o direito de dizer seja o que for "segundo as minhas idéias", pela única e mui simples razão de que ela não as conhece. Pode-se julgar das idéias de alguém quando se conhecem os discursos ou os escritos da pessoa em questão. Ora, nem uns nem outros os conhecia a Comissão. Houve, é certo, uma ligeira troca de impressões entre eu e alguns membros da Comissão. Eu me encontrava em face de um certo número de afirmações tendenciosas, uma das quais emitida pela camarada Suvarine; os meus esforços, nessa sessão da Comissão, tiveram pois de se limitar a fazer retificações preliminares e não me sobrou tempo para expôr idéias. Não me recuso todavia a fazer esta exposição seja em que momento fôr. Como não sou orador, preferiria que me fôsse apresentado um questionário sobre o que podeis supôr haver de confuso na ideologia reinante no seio do nosso Partido. Nesse questionário, podereis pedir-me quaisquer esclarecimentos de ordem prática (nossos projetos de ação, nosso regime de imprensa, etc.), aos quais terei muito gôsto em responder na medida dos meus conhecimentos. Estou aqui justamente para isso. Se me vou embora sem ter a ocasião

de expôr o modo de ver dos operários revolucionários do Brasil constituídos em Partido Comunista e, ainda por cima, o Executivo nos tacha de burgueses e de pseudo-comunistas, é certo que nem eu nem os demais comunistas do Brasil ficarão satisfeitos. Não creio que possamos vir ao próximo Congresso, no caso em que êle se realize numa data próxima, porque as delegações desta natureza, para um país tão longínquo quanto o nosso, acarretam gastos e uma perda de tempo que não são compensados pelos resultados obtidos. Por conseguinte, seria de toda a conveniência aproveitar a minha estadia aqui para dissipar toda espécie de malentendidos e estabelecer entre a Internacional e o nosso Partido relações outras que as resultantes de afirmações tendenciosas de camaradas mal informados. Admito que não sejamos ainda uns eruditos da teoria marxista: somos operários que lutamos desde há muitos anos num meio onde predominam a ignorância, o despotismo e uma exploração capitalista sobremodo dura. Mas nós estudamos o marxismo e os artigos do nosso órgão podem dar uma idéia dos nossos progressos neste terreno. Bebemos ensinamentos nas teses da Internacional e, desde 1918, reconhecemos o erro das concepções ideológicas do anarquismo e do sindicalismo revolucionário bastando-se a si mesmo. Pode-se dizer que não sejamos ainda uns doutores em ciências marxistas: mas não se pode, partindo daí, menosprezar as nossas qualidades revolucionárias e assimilar-nos a vulgares sociais-democratas. Aliás, penso que a Internacional não deseja possuir no Brasil um pequeno cenáculo de teóricos, confinados em especulações metafísicas sobre os fenômenos sociais. A Internacional tem todo interesse em possuir no Brasil um Partido revolucionário que goze de prestígio entre as massas e valha algum coisa na vida política do país. Pois bem, sentimo-nos bastante fortes para empreender a execução desses "desiderata". Sustento que os elementos que constituem o Partido Comunista do Brasil tendo, como têm, na sua fé de ofício um passado tão movimentado quanto irreprochável de luta e de propaganda revolucionárias, são qualificados para levar por diante, no Brasil, a propaganda e a ação comunistas. Não pedimos à Internacional nenhum auxílio material: queremos simplesmente conhecer os frutos da experiência dos nossos companheiros de luta dos demais países; expôr-lhes a nossa situação, nossas possibilidades de ação, nossos projetos, escutar suas observações sobre o que estiver errado ou fôr pouco prático nas nossas teorias e na nossa tática. Mas pedimos também que, antes de fazer julgamentos sobre o nosso Partido e os elementos que o compõem, o Executivo procure conhecê-los. Nesse sentido, pro-

ponho-vos o envio, ao Brasil, de um camarada do Partido russo, alemão ou tcheco-eslovaco, ao qual prestaremos todo apoio material e moral a fim de que êle possa capacitar-se "de visu" da nossa verdadeira situação, da tática do nosso Partido e dos elementos que o compõem. Achamos essa solução preferível à de se convidar o "Bureau de Propagande pour l'Amérique du Sud" a realizar entre nós um trabalho que, dadas as disposições manifestadas aqui pelos delegados uruguaio e argentino, poderia produzir resultados negativos. Não conhecemos muito bem a composição desse "Bureau" e, por conseguinte, não podemos julgar acerca da sua imparcialidade e sua competência.

A Resolução que a Comissão vos propôs e que ratificastes sem discussão e sem me haverdes previamente ouvido, provocaria no Brasil uma impressão extremamente penível. Estou certo de que o meu Partido oporia a essa Resolução o "non expedit" mais formal, que poderia ter repercussões deploráveis sobre o prestígio da Internacional na América do Sul. Proponho-vos, pois, de modificar a dita Resolução. O projeto de resolução que passo a delinear seria de natureza, penso eu, a satisfazer tôdas as partes:

RESOLUÇÃO SÔBRE O PARTIDO COMUNISTA DO BRASIL

"A Junta Executiva da Internacional Comunista, não tendo tido ocasião de ouvir o representante do Partido Comunista do Brasil e não possuindo dados que lhe permitam julgar com segurança o caráter da organização deste Partido e da tática que êle emprega, considera que não é possível tomar imediatamente a decisão de admitir este Partido no seio da Internacional Comunista. A Junta Executiva da I.C. quer sobretudo ter a certeza de que nenhum preconceito anarquista predomina mais no seio do P.C. do Brasil e deseja conhecer as disposições deste Partido acerca da Maçonaria. No entanto, o Executivo está dispôsto a assistir com a sua experiência e os seus conselhos o P.C. do Brasil a fim de que continui a melhorar a sua organização, impregnando-a de mais em mais com os princípios da teoria marxista. Neste sentido, o Executivo convida o P.C. do Brasil a tê-lo sempre ao corrente do seu trabalho de propaganda, da sua tática, a fim de facilitar esta tarefa de assistência doutrinária.

"A Junta Executiva da I.C. decide:

1 — Provisoriamente o Partido Comunista do Brasil deve ser aceito na Internacional Comunista como partido simpatizante;

2 — O Praesidium fará as diligências necessárias a fim de que os camaradas brasileiros, na organização cada vez mais aperfeiçoada do seu

Partido, sejam assistidos por um camarada dos partidos russo, alemão ou tcheco-eslovaco, o qual os ajudará com sua experiência e informará o Executivo sobre as teorias e a tática em vigor no seio do Partido Comunista do Brasil".

Asseguro-vos, camaradas, que uma resolução redigida com este espírito seria de natureza não somente a aumentar o prestígio da Internacional, como a encorajar os operários revolucionários do Brasil no seu desejo de aperfeiçoamento doutrinário.

A Resolução que foi aprovada é absolutamente inadmissível. Em cada palavra dessa resolução se revela o "parti pris", o sectarismo e o espírito de vingança ou de incompreensão do camarada que a redigiu. Pode-se dizer que, se isso acontece, a culpa é minha, pôsto que tomei a liberdade de assumir atitudes e exprimir opiniões que estavam em oposição com as da maioria do Congresso e do Executivo. Mas sustento, ao contrário, que todo delegado tem o direito de assumir as atitudes e exprimir as opiniões que bem lhe parecerem, sem por isso incorrer em represália — mesmo de ordem moral — por parte de quem quer que seja. O contrário disso seria retirar aos delegados toda independência de ação e, "ipso facto", atentar contra a soberania dos Congressos mundiais da I.C. Se um delegado expõe opiniões erradas, o dever do Executivo ou de um membro qualquer do Congresso é chamar-lhe a atenção sobre o desvio cometido e convidá-lo — apoiando-se em considerações de ordem doutrinária — a retificar suas opiniões ou modificar suas atitudes. Não deve suceder que, num Congresso da Internacional Comunista, um delegado sinta em torno de si um ambiente que o mova a dizer: "eu gostaria de tomar tal ou qual atitude, de boa vontade exprimiria tal ou qual opinião, mas não o faço porque tenho medo de me comprometer". Esta palavra "comprometer", empregada no sentido que acabo de indicar, deve desaparecer do vocabulário comunista. O fato de exprimir uma opinião não pode ser comprometedor para quem quer que seja. O que pode comprometer e gravemente a ação comunista é o fato de um camarada guardar no seu espírito dúvidas ou opiniões, que poderiam ser dissipadas ou retificadas se êle as expressasse, e ir depois, na surdina, transmitir esta dúvida a outros camaradas.

(Seguiam diversas considerações sobre a situação política no Brasil, a atuação sindical e as tarefas imediatas do P.C. do Brasil).
A réplica terminava com estas palavras:

"...Para a formação marxista dos seus militantes, o Partido já começou a editar um certo

número de brochuras de propaganda marxista. O "Manifesto Comunista" nunca foi publicado em português. O Secretariado do meu Partido anuncia-me que já dispõe dos fundos necessários para fazer a primeira edição desta obra elementar de propaganda comunista. Era-se anarco-sindicalista, nos meios operários do Brasil, não porque se fôssemos contrário ao marxismo, mas sim porque o marxismo nunca tinha sido exposto às massas operárias. Este trabalho, o nosso Partido vai empreender agora. Para que ele produza resultados completos, é preciso que tenhamos a assistência doutrinária e o apoio moral da Internacional. A Resolução que a C.E. da Internacional Comunista tomou a respeito do nosso Partido não é certamente de molde a preencher estas condições. E' por isto que pedimos com insistência a sua modificação num sentido mais fraternal e mais elevado".

Antes de redigir essa réplica eu tinha, na intenção de provocar um esclarecimento completo da questão, procurado o novo secretário do Comintern, o camarada búlgaro Kolaroff. Foi ele que me aconselhou a apresentar minhas objeções por escrito — o que fiz na réplica supracitada — assegurando-me que o Praesidium as examinaria. Não recebi, contudo, nenhuma resposta à minha réplica; por outro lado, eu tinha fixado o meu regresso para aqueles dias próximos. O mecanismo do Comintern é algo rígido e só cede a impulsões repetidas. Para obter uma resposta à minha réplica seria necessário fazer representações aqui e acolá, insistir, enfim, passar pelas atribulações conhecidas pelos pobres mortais que se viram algumas vezes na dolorosa contingência de meter requerimentos na Prefeitura ou na Repartição de Águas".

"E' certo que a América do Sul pouco lugar ocupa nas cogitações dos dirigentes do Comintern, por causa da situação relativamente independente deste Continente perante os problemas da Europa Central, que são os problemas predominantes na fase histórica que atravessamos. E ainda nesse pequenino lugar que eles reservam à América do Sul nas linhas gerais do seu programa, a parte do Brasil quase não se percebe.

Em parte, este conceito insignificante em que somos tidos se justifica por motivo da nossa situação de país caracteristicamente semicolonial, manobrado pelo capitalismo estrangeiro, talvez menos livre, economicamente — e quase também politicamente — falando que qualquer **Dominion** inglês, sem uma evolução política cristalizada, sem um movimento sindical digno de nota, sem tradições social-democratas que o tornassem conhecido nos meios socialistas europeus, etc.. Mas se, por um lado, essas circunstâncias nos desfavore-

recem, pelo outro facilitaríamos um trabalho eventual de penetração comunista. A questão está em saber o seguinte: será melhor, para a propaganda comunista, um terreno infestado pela erva daninha do socialismo reformista e do anarquismo metafísico, ou um terreno quase virgem, onde nenhuma dessas tendências conseguiu ainda firmar-se?

Para a formação de um forte Partido Comunista no Brasil as resistências a vencer, no terreno ideológico, são relativamente fracas, porque a mentalidade anarquista, entre os operários mais instruídos, onde não é inexistente, é ainda mui superficial e confusa, não tendo ainda chegado a uma cristalização semelhante, por exemplo, à do operariado espanhol ou argentino. As maiores dificuldades que se apresentam para a organização de um grande partido comunista no Brasil são quase exclusivamente de ordem material. Nós somos um Partido absolutamente novo; não herdamos, como sucedeu em muitos países, o aparelhamento administrativo dos velhos partidos social-democratas. As nossas dificuldades consistem em pôr de pé uma organização administrativa eficiente; em agrupar e manter o quadro necessário de funcionários e de propagandistas profissionais; em realizar uma ligação efetiva entre os numerosos elementos revolucionários disseminados através desses 8 milhões de quilômetros quadrados de território e, ao mesmo tempo, promover a organização em sindicatos de resistência de um proletariado que, na sua totalidade, ignora absolutamente o que seja socialismo (1).

"A Internacional andou errada em depreciar sem exame mais aprofundado os elementos constitutivos do Partido Comunista do Brasil. E a maneira de a convenceremos do seu erro é continuarmos a estudar, agir e á melhorar a nossa organização, que justiça nos será feita mais dia menos dia. Pouco nos devem interessar as questões de prestígio: o interesse da propaganda comunista deve ser a nossa razão suprema. **QUE OS DIRIGENTES DA INTERNACIONAL FAÇAM O MESMO** e tudo ficará, por natureza, resolvido a contento de todos (2).

ANTÔNIO BERNARDO CANELLAS.

1) Seguirá uma série de considerações em torno do item 2 da Resolução sobre o P.C. do Brasil.

2) Após referir-se às vicissitudes do seu Relatório, dá como redação definitiva e ordenada do Relatório a que imprimiu e constitui o volume em causa.

Sôbre o 40.º Aniversário da Revolução de Outubro

LUIZ CARLOS PRESTES

(Transcrito de "Voz Operária", de 9-11-57)

É com justificado entusiasmo e alegria que os trabalhadores do mundo inteiro e junto com eles os povos que lutam pela emancipação nacional do jugo imperialista festejam este 7 de novembro, que assinala o 40.º aniversário da Grande Revolução Socialista de Outubro. Celebramos este 40.º aniversário da vitória do proletariado russo num momento em que as mudanças profundas que se deram na situação internacional, em consequência do desenvolvimento da revolução socialista que levou ao surgimento do sistema socialista mundial, constituem a mais brilhante confirmação do triunfo das idéias de Lênin, genial continuador dos fundadores do socialismo científico, Carlos Marx e Frederico Engels.

Ao comemorarmos este 40.º aniversário da Grande Revolução Socialista é por isto natural que seja para Vladimir Ilitch Lênin que se voltem nossos pensamentos e nossos mais profundos sentimentos, plenos de amor, de admiração e de gratidão. Saudamos com entusiasmo a classe operária e os trabalhadores da União Soviética e exaltamos o grande Partido Comunista da União Soviética que soube conduzi-los à vitória de Outubro de 1917 e nas grandes lutas que se seguiram para que construíssem o socialismo e fizessem da grande pátria socialista o que hoje é e o que hoje vale para todos nós e para os trabalhadores do mundo inteiro, para todos os seres humanos que honrada e humanamente aspiram à paz e ao progresso da sociedade.

No desenvolvimento da sociedade humana a Grande Revolução Socialista de Outubro representa um marco histórico. Pela primeira vez uma classe nova apresentou-se na arena histórica decidida a exercer sua hegemonia na direção da vida de toda a sociedade. Já não se tratava apenas, como acontecera com todas as revoluções anteriores, de transferir o Poder de uma classe exploradora a outra igualmente exploradora, mas de realizar a aspiração secular dos trabalhadores, acabar para sempre com a exploração do homem pelo homem e assegurar a emancipação nacional

de todos os povos explorados e oprimidos. A Grande Revolução Socialista foi o resultado inevitável do desenvolvimento do sistema mundial do capitalismo, da exacerbação extrema de todas as suas contradições. A conjugação de todas as contradições do imperialismo e seu extremo aguçamento no vasto império dos czares fizeram da Rússia o elo mais vulnerável da cadeia imperialista e conferiram-lhe desde o início do século XX a qualidade de centro do movimento revolucionário internacional.

★

Graças à vitória de Outubro, à construção do socialismo na União Soviética e à derrota do nazismo na segunda guerra mundial — a Grande Guerra Patriótica, como dizem os povos soviéticos — o mundo mudou radicalmente nestes 40 anos. O socialismo saiu dos limites de um só país e converteu-se em sistema mundial. O capitalismo foi impotente para impedir esse desenvolvimento, que mudou qualitativamente a situação internacional e modificou por completo a correlação de forças entre o socialismo e o capitalismo. A maior parte da população do mundo marcha hoje sob as bandeiras do socialismo — já o construiu a URSS, constroem-no as democracias populares da Europa e Ásia ou estão luta-se sob o capitalismo pelo direito de construí-lo. Na consciência dos homens o socialismo, na verdade, já é incomparavelmente mais forte que o capitalismo. Sua influência na vida política, ideológica e intelectual de todos os povos garante sua vitória no terreno da emulação pacífica e da luta de idéias, mas é igualmente evidente que o socialismo é invencível em todos os terrenos, entrou numa fase de desenvolvimento em que o capitalismo já não pode nem pensar em derrotá-lo em combate aberto.

Aí temos, camaradas, a girar em torno da Terra o primeiro satélite artificial, façanha da ciência soviética e demonstração cabal e irrefutável do ritmo acelerado com que crescem as forças produtivas do mundo socialista. Em 40 anos, o

grande Partido Comunista fundado por Lênin realizou à frente do povo a obra gigantesca de dar nascimento à nova civilização, construída no fundamental antes da segunda guerra mundial, e realiza agora a passagem gradual ao comunismo. Livres da dominação dos latifundiários e capitalistas, os povos soviéticos venceram tôdas as dificuldades e hoje já colocam com segurança a tarefa fundamental de alcançar e sobrepassar aos países capitalistas mais avançados na produção por habitante. É o ritmo de desenvolvimento das forças produtivas o fato que melhor revela a superioridade do socialismo sobre o capitalismo. No fim do primeiro decênio do após-guerra, em 1956, a produção industrial do país era 3,5 vezes maior do que em 1940 e o volume global da produção da indústria em 1957 supera 33 vezes ao de 1913, deixando muito atrás, no ritmo de crescimento, a todos os países capitalistas inclusive aos Estados Unidos. De 1929 a 1956 o volume global da produção industrial aumentou em 2.175%, enquanto que nos Estados Unidos, durante os mesmos anos, aumentou apenas de 139%.

Com o surgimento do sistema socialista mundial em desenvolvimento agravou-se a crise geral do capitalismo e aprofundaram-se tôdas as contradições do imperialismo. A vitória de 1917 da primeira revolução proletária triunfante sacudiu os alicerces da estrutura colonial do imperialismo e estimulou a luta de libertação nacional de todos os povos oprimidos. A Revolução de Outubro injetou uma força imensa, invencível, às idéias da igualdade e da liberdade, convertendo-as, como reconhece um publicista yanque, no novo evangelho dos povos nacionalmente oprimidos. Com a Revolução de Outubro dissipou-se o mito racista da superioridade do homem branco, do colonizador europeu ou norte-americano sobre os povos colonizados ou dependentes. E, posteriormente, a vitória sobre o nazismo e o militarismo japonês na segunda guerra mundial trouxe a grande revolução chinesa que abriu no sistema colonial do imperialismo uma enorme brecha. A isto somou-se a constituição da Índia como Estado independente, da Birmânia, da Indonésia, do Egito, da Síria, do Líbano, do Sudão e de outros países. Na última década 1.200 milhões de pessoas libertaram-se do jugo colonial e semicolonial. É todo o sistema colonial do imperialismo que estala e se desagrega. Consolida-se e se fortalece a frente anticolonialista dos países do socialismo, dos povos da Ásia e da África e dos trabalhadores de todos os países do mundo capitalista. A marcha da história é inexorável e está pôsto na ordem do dia o problema da supressão completa do vergonhoso sistema colonialista. A era de seu

desaparecimento foi aberta pela Grande Revolução Socialista de Outubro.

Enumerei alguns fatos apenas. Procurei chamar a atenção para algumas das características da situação que atravessamos, para as condições do mundo em que celebramos o 40.º aniversário da Revolução de Outubro, marco inicial de uma nova era na história universal.

Como foi possível em tão curto período na secular história da sociedade humana, em apenas 40 anos, em menos de meio século, tão grande avanço na transição do sistema social capitalista ao socialista? Isto não pode ser, naturalmente, um ato automático, resultante da ação fatal de forças cegas do desenvolvimento social. É uma transição inconcebível sem a luta pertinaz e enérgica da classe operária e das massas trabalhadoras, sem a conquista do Poder político pelo proletariado, sem vencer a resistência dos exploradores. A imortal doutrina leninista é o facho luminoso, a estrela guia, que ilumina a luta de toda a humanidade progressista por sua emancipação. Foi seguindo o caminho do leninismo que o movimento da classe operária dos países capitalistas saiu do pântano do oportunismo da II Internacional. Foi impulsionado pelas idéias do leninismo que o movimento de libertação nacional se expandiu e se expande dia a dia pelos países coloniais e dependentes. O leninismo conjuga o movimento de libertação nacional das nações oprimidas e o movimento da classe operária das metrópoles numa única e poderosa torrente de luta contra o imperialismo. E por mais que façam os imperialistas não poderão impedir que a influência da doutrina leninista seja cada dia maior e mais profunda em todos os âmbitos da Terra.

O leninismo, síntese da experiência revolucionária de vários países na época do imperialismo, é hoje um seguro farol para os trabalhadores de todos os países. Tomando em conta plenamente as particularidades dos diversos países e povos, estabelece ao mesmo tempo os princípios fundamentais aplicáveis à luta revolucionária nos vários países do mundo contemporâneo. O marxismo não é um dogma, seus princípios revolucionários fundamentais se enriquecem constantemente no próprio curso de sua aplicação às complexas condições históricas e na base de novas experiências. É uma ciência criadora e militante. Só aqueles que permanecem fiéis ao marxismo-leninismo e são capazes de desenvolvê-lo e aplicá-lo criadoramente aos problemas da atualidade estarão em condições de vencer tôdas as dificuldades e de superar os revezes temporários. Neste sentido, são de enorme oportunidade e merecem cuidadoso estudo e atenta reflexão as seguintes palavras das notáveis teses sobre "O 40.º

aniversário da Grande Revolução Socialista de Outubro" publicadas pelo CC do Partido Comunista da União Soviética:

"Os elementos revisionistas afirmam que não existe um marxismo que corresponda à época atual e que esse marxismo ainda deve ser criado por alguém. Estas afirmações mascaram-se frequentemente com uma suposta "preocupação" pelo desenvolvimento do marxismo, mas no fundo obedecem a fins muito diferentes, distantes do marxismo. A história demonstrou que o marxismo da época atual obteve e obtém grandes vitórias históricas sem precedentes, e os verdadeiros lutadores do socialismo em todos os países orgulham-se legitimamente disto. O marxismo da presente época é o marxismo desenvolvido criadoramente por Lênin e comprovado e enriquecido pela experiência da Grande Revolução Socialista de Outubro e da edificação do socialismo e do comunismo na URSS, pela experiência da Grande Revolução Chinesa e da edificação do socialismo em todos os países nos quais a classe operária tem o Poder, é o marxismo que desenvolvem dia a dia o P.C.U.S. e todos os partidos comunistas e operários irmãos que lutam contra o imperialismo, contra o jugo do capital.

"Um notável exemplo do desenvolvimento criador do marxismo-leninismo são os documentos e as resoluções do XX Congresso do P.C.U.S., que oferecem um programa para a luta pela paz e pela edificação do comunismo na URSS. As resoluções do XX Congresso têm uma importância enorme para todo o movimento comunista e operário internacional.

"Ao espírito da teoria marxista são profundamente estranhos qualquer dogmatismo, a tendência a tirar conclusões práticas não da análise dos fatos e processos que se dão na vida mas de teses teóricas aprendidas de memória: a tendência a fazer do marxismo — doutrina eternamente viva e em constante desenvolvimento — um amontoado de dogmas mortos e petrificados. O espírito conservador, a falta de desejo ou a incapacidade de ver as novas condições, a nova situação e os malabarismos com fórmulas anquilosadas, sem relação com a vida real, levam inevitavelmente à bancarrota política".

Soubemos por acaso ver as novas condições do mundo, a nova situação em que nos encontramos? Não é verdade que nos agarramos a fórmulas envelhecidas e que pretendemos por muitos anos orientar nossa atividade prática partindo de teses teóricas aprendidas de cor? Que nos esquecemos das particularidades de nosso país e pensamos que seria possível avançar no caminho do socialismo com a simples transposição mecânica do caminho trilhado pelo proletariado russo? Ora, não pode haver dúvida de que o futuro dos

povos nacionalmente oprimidos, como o de todos os povos sob o jugo do capitalismo, está no socialismo. Mas os povos que lutam por sua emancipação nacional, em seu avanço para o socialismo, não podem deixar de ter em conta suas próprias peculiaridades características, pois, encontram-se em determinadas condições sociais especificamente suas. Os princípios fundamentais do marxismo-leninismo, no entanto, são inteiramente aplicáveis, quer aos povos dos países socialmente mais adiantados, como aos povos atrasados e nacionalmente oprimidos. Marchamos por caminhos que têm alguns aspectos fundamentais idênticos, mas cujas formas concretas são diferentes. Ou, como ensinava Lênin: "... A unidade da tática internacional do movimento operário comunista de todos os países não exige a supressão das particularidades nacionais (a qual constitui na atualidade um sonho absurdo), mas uma tal aplicação dos princípios fundamentais do comunismo (Poder dos soviets e ditadura do proletariado) que faça variar como for necessário estes princípios em suas aplicações parciais, que os adapte, que os aplique acertadamente às particularidades nacionais e políticas de cada Estado. Investigar, estudar, descobrir, adivinhar, compreender o que há de nacionalmente particular, nacionalmente específico na maneira pela qual cada país aborda concretamente a solução de um mesmo problema internacional: o triunfo sobre o oportunismo e o doutrinário da esquerda no seio do movimento operário, a derrubada da burguesia, a ditadura do proletariado..." E Lênin que preocupava-se especialmente com as peculiaridades dos países do Oriente, insiste que as revoluções naqueles países, de população numerosa e profundamente diferenciada pela diversidade das condições sociais, forneceriam mais peculiaridades que a revolução russa.

Foi sob a influência direta da Grande Revolução de Outubro que nasceu nosso Partido. Foi através de Lênin e dos continuadores de sua obra na União Soviética e no mundo inteiro que nós, comunistas brasileiros, conhecemos o marxismo. Isto significa que o movimento revolucionário da classe operária brasileira, desde seu nascimento, regeu-se pelo leninismo. Apoiando-se inalteravelmente na doutrina leninista, os comunistas do Brasil fundaram seu Partido e fixaram os princípios de sua atividade em plena concordância com os princípios leninistas. Mas, como já dizíamos em nosso IV Congresso, "val uma grande distância entre conhecer o marxismo-leninismo, desejar aplicá-lo a uma realidade concreta determinada, e efetivamente realizar essa aplicação." As numerosas derrotas que já sofremos e, muito particularmente, os numerosos e sérios erros que cometemos na última década já

mostraram com muita força que não basta voltarmos para a União Soviética e para o estudo da doutrina do proletariado, para o estudo do marxismo-leninismo, para que consigamos avançar no caminho de sua justa aplicação à nossa própria realidade brasileira, Lênin e os comunistas russos conseguiram dirigir a Revolução na Rússia não somente por que conhecessem os ensinamentos de Marx, mas porque souberam compreender os fatos reais do mundo e também porque conheciam as características específicas do país e do povo com o qual realizavam sua luta revolucionária e seu trabalho. Só assim pôde Lênin enriquecer o marxismo. Sua grande obra sobre "O desenvolvimento do capitalismo na Rússia" revela essa preocupação pelo conhecimento da realidade concreta e das peculiaridades do desenvolvimento da sociedade russa. E, em 1907, no prefácio da 2.^a edição da mesma obra, mostrava Lênin o erro daqueles que ao invés de examinar a realidade concreta como ponto de partida para encontrar a solução de qualquer problema cifravam-se a desenvolver logicamente os princípios gerais do marxismo. Após afirmar que "a revolução na Rússia é necessariamente uma revolução burguesa", escreve Lênin no referido prefácio:

"...Esta tese do marxismo é absolutamente irrefutável. Não se deve jamais olvidá-la. É necessário sempre aplicá-la a todos os problemas econômicos e políticos da revolução russa.

"Mas é preciso saber aplicá-la. A análise concreta da situação e dos interesses das diferentes classes deve servir à definição do sentido exato desta verdade aplicada a tal ou qual problema. O modo de raciocinar contrário, que se encontra muito comumente na ala direita da social-democracia com Plekhanov à frente, quer dizer, a tendência a procurar a resposta às questões concretas no simples desenvolvimento lógico de uma verdade geral sobre o caráter essencial de nossa revolução, leva ao aviltamento do marxismo, ao achincalhe do materialismo dialético. A propósito daqueles que deduzem, por exemplo, de uma verdade geral sobre o caráter desta revolução, o papel dirigente da "burguesia" na revolução ou a necessidade para os socialistas de apoiar os liberais Marx teria sem dúvida usado estas palavras tomadas a Heine e que ele já citara uma vez: "Semeei dentes de dragão e colhi pulgas".

Não estará nisto justamente, nesta maneira errônea de raciocinar, que parte da teoria e dos princípios gerais e não da análise aprofundada da realidade concreta para se chegar à solução de cada problema, uma das causas principais de nossos erros e insucessos? Continuamos, na verdade, ainda longe de dominar a ciência, de combinar a verdade geral e universal do marxismo-

-leninismo com a prática concreta do movimento da classe operária e da vida política em nosso país. A doença do dogmatismo de que sofremos todos, os dirigentes e militantes do Partido, determinou uma série de erros nos terrenos político, orgânico e ideológico.

O maior mal que afetou e afeta o nosso Partido e muito especialmente sua direção foi e é o subjetivismo, a nenhuma preocupação pelo estudo detalhado da realidade brasileira, realidade econômica, política e social. Sem dúvida, o subjetivismo é em nossas fileiras um velho mal que se prende ao processo de formação de nosso Partido e à forte influência de uma ideologia estranha à classe operária de que não soubemos nem fomos capazes ainda de nos desfazer, mas esse mal agravou-se seriamente na última década. Com a passagem do Partido para a ilegalidade em 1947-48, afastamo-nos da vida política do país, e, na prática, deixamos de ser uma força política interessada em transformar a realidade. Sem levar em conta a realidade, a situação objetiva concreta, a verdadeira correlação das forças de classe no país, o nível político do proletariado e das demais classes e camadas sociais, sem nos preocuparmos com aquilo que era efetivamente possível realizar, passamos a levantar consignas revolucionárias avançadas, entramos pelo caminho do uso de uma fraseologia ultra-revolucionária e, de fato, reduzimos a tática do Partido à agitação e ao desencadeamento de lutas, através das quais supúnhamos possível, por meio da propaganda ganhar as massas para as lutas decisivas, para as transformações revolucionárias.

É compreensível que, enquanto assim procedíamos, fazendo esforços desesperados e indo aos maiores sacrifícios, sem que grandes resultados fossem alcançados — ao contrário, assustando as massas e contribuindo para separar cada vez mais os comunistas das massas — ao nosso lado, sem que fôssemos capazes de observá-lo fluía o movimento real, o processo em curso em nosso país, um processo objetivo, que se desenvolvia espontaneamente porque nele não nos integrávamos para encaminhá-lo, para transformá-lo e acelerá-lo de acordo com os interesses da classe operária e do povo brasileiro.

Diante dos esforços do imperialismo norte-americano no sentido de intensificar a dominação dos monopólios imperialistas em nosso país, no sentido de arrastá-lo aos preparativos de guerra, de submetê-lo politicamente e de transformá-lo em colônia, julgávamos possível a imediata transformação revolucionária, e imediata substituição do regime político e pensávamos que para tanto bastaria convencer as massas da verdade do dilema — guerra ou paz, colonização completa ou total independência do país. Efetivamente,

fechávamos os olhos à realidade do momento, tanto a mundial como a nacional. Dentro do país, não sabíamos ver que nem mesmo a classe operária poderia ser convencida da noite para o dia da necessidade de transformações radicais, fechávamos os olhos ao processo real em desenvolvimento no país, não sabíamos ver como, apesar da dominação imperialista e dos restos feudais, desenvolvia-se o capitalismo, crescia o proletariado e a burguesia nacional, agravavam-se as contradições com o imperialismo norte-americano e, nesta situação, surgiam condições para a unificação de amplas forças políticas e inclusive, para o aparecimento de um governo que, apoiado em tais forças, pudesse realizar uma política de resistência às pretensões dos imperialistas ianques, democrático e progressista. No quadro mundial, no conjunto das relações internacionais, não víamos que os acontecimentos se desenvolviam no sentido do reforçamento cada vez maior das forças socialistas e que o imperialismo tornava-se cada vez menos capaz de realizar seus objetivos, de impedir que o socialismo se transformasse em sistema mundial e que os povos coloniais e dependentes triunfassem em sua luta pela emancipação nacional.

Falávamos, por isto, de um processo de colonização crescente do Brasil pelo imperialismo norte-americano quando os fatos desmentiam tais afirmações. Por mais lento que seja — e na verdade não foi dos mais lentos nos últimos dez a quinze anos — o processo de desenvolvimento da economia nacional é um fato incontestável. E com o desenvolvimento da indústria nacional cresce o proletariado e eleva-se sua consciência de classe, aumenta a força da burguesia nacional, desenvolve-se o sentimento nacional e aprofundam-se as contradições com o opressor norte-americano. Apesar da pressão imperialista, o Brasil se afirma como nação soberana que defende seu petróleo do assalto da Standard Oil, resiste à pressão do Departamento de Estado que quer soldados brasileiros para a guerra na Coréia, derrota nas urnas os candidatos apoiados pelos monopólios norte-americanos, como aconteceu em 1950 com a eleição de Vargas e em 1955 com a do sr. Kubitschek e impede pela força das armas a instauração no país de uma ditadura a serviço do imperialismo ianque, como sucedeu em 11 de novembro de 1955.

Ao mesmo tempo que o imperialismo norte-americano tudo faz no sentido de acentuar a dominação econômica, política e militar do país, cresce no Brasil uma poderosa força nacional, democrática e progressista que impede e barra qualquer processo de colonização. Aumenta a influência da burguesia nacional no governo, nas forças armadas e no processo de desenvolvimento

da economia nacional. Simultaneamente, cresce a força e eleva-se a consciência da classe operária que se organiza sindicalmente e começa a unir suas forças, ao mesmo tempo que une a luta por suas reivindicações imediatas com a luta em defesa da soberania nacional, da democracia e pelo progresso do país. A intelectualidade manifesta seu sentimento patriótico, a luta pela independência nacional ganha os meios estudantis e, ao mesmo tempo, desenvolve-se a cultura nacional em luta com as tentativas do imperialismo norte-americano no sentido do cosmopolitismo e da colonização. Surge o cinema nacional, desenvolve-se a música brasileira, surgem manifestações nacionalistas em todos os setores artísticos e culturais.

Incapazes de ver a realidade e de aplicar com acerto a verdade universal do marxismo-leninismo às condições específicas de nosso país, caímos na prática em posições sectárias e esquerdistas, consequência prática de posições dogmáticas, da tentativa de aplicar a doutrina, tomada como verdade absoluta e eterna, e a experiência de outros países, sem espírito crítico, à realidade brasileira. Partindo da constatação justa de que o Brasil é um país semicolonial e semifeudal, que em sua etapa atual a revolução brasileira é uma revolução democrática popular de caráter anti-imperialista e agrário antifeudal, víamos a realização da revolução a curto prazo, opúnhamos como única saída às tentativas de colonização total pelo imperialismo a realização imediata da revolução, sem qualquer exame da realidade nacional, da efetiva correlação das forças sociais, do nível político da classe operária e das demais classes e camadas sociais.

É certo que só a emancipação econômica do jugo imperialista e a liquidação das sobrevivências feudais abrirão o caminho para o socialismo e, portanto, para a justa solução dos problemas brasileiros. Mas, de outro lado, é perfeitamente possível, mesmo dentro do atual regime, a conquista de um governo capaz de realizar, sob a pressão das massas, uma política externa independente de paz, e uma política interna democrática e progressista. Além disto, devemos compreender que semelhante política é hoje possível, enquanto que a solução revolucionária só é por enquanto aceitável para os comunistas. Insistir na solução revolucionária, como imediata, será, portanto, separar o Partido das massas, inclusive da classe operária, cair no sectarismo, no doutrinismo de esquerda, na fraseologia ultra-revolucionária, fugir da participação na vida política do país, não lutar praticamente pela justa transformação da realidade presente. Na verdade, a luta por uma política externa independente é, nas atuais condições do mundo e de nosso país,

a premissa para que se possa conquistar e completa independência, a autonomia econômica do Brasil.

Paralelamente, apresentávamos como único caminho para a revolução brasileira o da derrubada violenta do governo. Copiávamos, assim, o caminho da revolução russa, sem levar em conta o novo da situação atual e o específico da situação brasileira. Quer dizer, não soubemos elaborar, através de uma análise independente da realidade brasileira, à luz do marxismo-leninismo, o caminho do avanço, de aproximação e de luta pela emancipação econômica do Brasil e pelo socialismo. Não soubemos aplicar os princípios gerais do marxismo-leninismo, com a necessária e indispensável independência de julgamento, às condições específicas de nosso país. Se bem que o regime político em nosso país continue no fundamental um regime de latifundiários e grandes capitalistas ligados ao imperialismo, nos governos têm sido cada vez maior a participação da burguesia nacional, que chega a constituir um cada vez mais poderoso setor nacionalista com influência em todos os Poderes — o Legislativo, o Executivo e o Judiciário. Impulsionar esse setor para que imponha sua posição no governo contra os interesses do imperialismo norte-americano e seus agentes internos é avançar no processo revolucionário. Lutar pela derrubada do governo atual é, na prática, nos colocarmos contra os interesses da burguesia nacional, nossa provável e possível aliada, no entanto, na atual etapa da revolução brasileira.

Por isto, nas condições específicas do Brasil de hoje, será falso e mesmo errôneo não apresentar como a saída mais conveniente à classe operária e ao povo a saída pacífica, o encaminhamento da solução dos problemas brasileiros através da pressão de massas, através da conquista de um governo que realize uma política externa independente e uma política interna democrática e progressista. Na verdade, copiando, sem qualquer espírito crítico, a solução russa de 1917, confundíamos a natureza revolucionária das mudanças radicais com a violência, com a inevitabilidade do emprêgo da força, quando Engels já ensinara, em sua exposição sintética do materialismo histórico, que isto depende da correlação de forças entre o novo e o velho em cada momento histórico: "...o pôsto do real que agoniza — diz Engels — é ocupado por uma realidade nova e vital: pacificamente, se o caduco é bastante razoável para resignar-se a desaparecer sem luta; pela força, se se rebela contra esta necessidade."

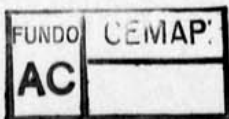
Como revolucionários, não podemos abandonar por um minuto sequer nosso objetivo revolucionário, nossa meta final, a substituição do re-

gime de latifundiários e grandes capitalistas por um novo regime efetivamente democrático e popular. Mas a revolução não se realiza quando se quer e sim quando existem as condições revolucionárias. Até lá devemos acumular forças, atravessar um período evolutivo mais ou menos longo que deve servir para desenvolver a consciência, a força e a capacidade combativa da classe operária. Nesse período deixará, porém, o Partido da classe operária de atuar como força política interessada em intervir no poder? Nesse desinteresse pela vida política, inclusive pelas eleições, nos últimos dez anos, cheira a anarquismo e lembra por isto o que escrevia Engels em carta a Cuno e na qual, após mostrar a diferença entre as posições de Marx e Bakunine afirmava que os operários são políticos por natureza:

"A diferença entre os dois pontos de vista é fundamental: a abolição do Estado sem uma revolução social prévia é um absurdo; a abolição do capital é precisamente a revolução social e implica uma mudança em todo o modo de produção. Mas como para Bakunine o Estado representa o mal principal, não se deve fazer nada que possa manter o Estado, tanto se é uma república, como uma monarquia ou qualquer outra forma de Estado. Daí, a necessidade de **abster-se por completo de toda política**. Qualquer atividade política, sobretudo a participação nas eleições, é uma traição aos princípios. É necessário fazer propaganda, desacreditar o Estado, organizar-se; e quando se tenha conquistado a todos os operários, isto é, a maioria, liquidam-se todos os organismos estatais, suprime-se o Estado e substitui-se-o pela organização Internacional. Este grande ato, que marca o começo do reino milenar, chama-se **liquidação social**.

"Tudo isto soa como muito radical, e é tão simples que pode ser aprendido de cor em cinco minutos. Esta a razão pela qual a teoria bakunista tenha encontrado tão depressa uma acolhida favorável na Itália e na Espanha entre os jovens advogados e doutores e outros doutrinários. Mas as massas operárias jamais aceitarão a idéia de que os assuntos públicos de seus respectivos países não sejam igualmente seus próprios assuntos; os operários são **políticos** por natureza, e quem lhes propuser abandonar a política ver-se-á, cedo ou tarde, abandonado por eles. Pregar aos operários a abstenção política em todas as circunstâncias equivale e pô-los nas mãos dos curas e dos republicanos burgueses."

Efetivamente, a classe operária não se educa apenas através das lutas por suas reivindicações imediatas, mas também e principalmente participando da atividade política, da vida do país, procurando intervir no processo político em desenvolvimento, conhecendo com exatidão a rea-



lidade e fazendo esforços para transformá-la, visando sempre tornar mais próxima a "meta final" revolucionária. Na época da segunda guerra mundial, por exemplo, era dever da classe operária e principalmente de seu Partido de vanguarda, dever internacionalista, lutar pela mudança da política do governo e, se necessário, pela mudança do próprio governo, a fim de que o Brasil fôsse colocado ao lado das nações que lutavam contra o nazismo. Nas condições atuais do mundo, nosso dever internacionalista consiste em lutar por um governo que realize uma política exterior de paz e, internamente de defesa da soberania nacional, das liberdades democráticas e progressistas. Abandonar tais objetivos em nome da luta por mudanças radicais, pela substituição do atual regime político, é ilusão, traduz desconhecimento da realidade e só pode contribuir para separar o Partido das massas e facilitar a ação das forças reacionárias ligadas aos monopólios norte-americanos.

A falsa compreensão que tínhamos da realidade brasileira e os erros que cometemos na elaboração da tática levaram-nos a uma errônea compreensão da **frente única**. Esta, ao invés de ter um caráter político, de visar a constituição de um determinado governo possível de ser conquistado nas condições reais da atualidade mundial e brasileira, e era feita em torno de pequenas reivindicações e visava exclusivamente unificar as massas para educá-las na prática e convencê-las da necessidade da luta pela derrubada do governo e do regime. Ultimamente, já não nos abstinhamos de participar de eleições, como aconteceu em 1950, mas ao participar nas eleições não visávamos interferir no processo político e participar ativamente da conquista de um governo possível que signifique um passo adiante no processo democrático e que nos aproxime de nossa meta final revolucionária. Participávamos em geral das campanhas eleitorais com o objetivo de conseguir facilidades para o movimento operário, patriótico e comunista e visando convencer as massas da necessidade de pôr abaixo o regime. Visávamos sempre objetivos remotos e inatingíveis no momento e esperávamos poder passar, de salto, da frente única limitada para a frente única capaz de realizar as transformações radicais, a frente democrática de libertação nacional. Ora, devemos participar das eleições a fim de nos inserirmos no processo democrático real, único hoje possível no país, visando alcançar os objetivos possíveis e não imediatamente, os objetivos mais remotos da mudança de regime. A análise da realidade atual, mundial e nacional, coloca-nos diante da possibilidade de participar de um amplo movimento democrático e nacionalista capaz de mudar a política do atual governo ou de conseguir um novo governo de orientação progressista, nacionalista, e democrática, conseguir esse

governo através de eleições ou de pressão de massas, ou ainda, através da resistência organizada das forças democráticas e patrióticas, no caso de uma inevitável crise de governo, como a de 11 de novembro, provocada pela intervenção imperialista nos negócios internos de nosso país.

A conquista de um semelhante governo é possível através da constituição da frente única democrática e nacionalista se essa frente única souber levantar as justas reivindicações da classe operária, das massas camponesas, da intelectualidade e pequena burguesia urbana, da burguesia nacional e dos setores latifundiários que têm contradições com os monopólios imperialistas. Será um governo democrático e nacionalista que poderá fazer uma política externa independente e que fará avançar a democracia no país. É claro que, a medida que fizer avançar a democracia, terá o governo de encarar a realização de transformações revolucionárias. O governo de coalizão democrática e nacionalista não será, assim, idêntico ao governo democrático de libertação nacional, mas entre eles não existe uma muralha chinesa, já que um leva ao outro. E isto, porque à medida que o governo se orientar no sentido de uma política exterior e interior efetivamente democrática e nacionalista, crescerão a resistência e a pressão dos imperialistas norte-americanos e dos círculos reacionários a eles ligados e, nestas condições, semelhante governo só poderá subsistir se apoiar-se no proletariado e nas grandes massas trabalhadoras, particularmente nos camponeses, que constituem a maioria da população do país.

O surgimento de semelhante governo de coalizão democrática e nacionalista colocará de maneira concreta o problema das relações da classe operária com a burguesia nacional. Participando do governo ou simplesmente apoiando-o, o proletariado marchará junto com a burguesia nacional e ao mesmo tempo lutará contra as vacilações da burguesia, contra seus recuos, suas capitulações ao imperialismo. É claro que semelhante luta deve ser travada de maneira adequada, com habilidade, levando-se sempre em conta a realidade objetiva de cada momento, sem oportunismo mas igualmente sem pressa pequeno-burguesa, e visando sempre ampliar e consolidar a unidade. Trata-se da luta contra um aliado e não da luta contra o inimigo, da luta para atrair e ganhar para as posições revolucionárias da classe operária e não da luta para afastar.

É claro que a instituição de um governo de coalizão democrática e nacionalista determinará um inevitável e inexorável aprofundamento da contradição principal entre o povo brasileiro, de um lado, e o imperialismo ianque e seus agentes no país, de outro lado, acelerará, portanto, o processo de libertação nacional, aguçará a luta con-

tra o imperialismo, reforçará e acelerará o processo de formação da aliança operário-camponeza e intensificará a luta contra as sobrevivências feudais e o latifúndio. Aproximar-nos-emos, assim, da meta final, das mudanças qualitativas, da substituição revolucionária do regime e, com isto, das conseqüentes transformações radicais que abrirão o caminho para o socialismo.

Insistindo sôbre alguns aspectos dos problemas táticos que hoje enfrentamos, nos numerosos e graves erros que nesse terreno cometemos nos últimos anos, desejo evidentemente chamar a atenção para a necessidade de estudarmos aprofundadamente o caminho da revolução em nosso país. Não estará nisto justamente nossa melhor e mais acertada homenagem à grande data que festejamos e às grandes vitórias alcançadas pelo marxismo-leninismo nos últimos quarenta anos?

Nosso dever de comunistas, de internacionalistas e patriotas, consiste em acelerar o processo revolucionário em nosso país, em tornar cada vez mais próxima a emancipação nacional do jugo imperialista e abrir o caminho para o socialismo no vasto território de nossa Pátria. Mas a demora ou a rapidez de nosso avanço, o número e a gravidade dos erros que cometermos, nossa capacidade em superar as dificuldades, tudo isto depende, em grande parte, da capacidade de nosso Partido, sobretudo da capacidade de seus quadros dirigentes em saber combinar as verdades universais do marxismo-leninismo com a prática concreta. O marxismo-leninismo é um guia, um guia cuja exatidão já foi provada pela vitória de 1917 e pelos grandes êxitos do socialismo nos quarenta anos desde então decorridos. Mas êsse guia será para nós completamente inútil, se não soubermos utilizá-lo para analisar as condições reais em que vivemos. Na solução dos diversos problemas colocados pela vida diante de nós, não podemos partir dos princípios gerais ou de teses teóricas, por mais justas que sejam. São as circunstâncias e os fatos que nos cercam que devem constituir o nosso ponto de partida. Para isso, como nos aconselha Lênin, precisamos investigar, estudar, descobrir, adivinhar, compreender nossa própria realidade, o que há de especificamente nacional em nosso povo e em nosso país. A experiência universal é sempre útil e necessária, mas não daremos um passo adiante se quisermos basear nossa atividade na simples conclusão de experiências alheias. Precisamos aprender a elaborar nossas próprias conclusões diante de cada problema, de cada situação nova e onde quer que estejamos em nosso vasto país, utilizando o marxismo-leninismo como nosso guia, mas baseando-nos em nossas próprias forças, materiais e intelectuais, e partindo sempre do conhecimento aprofundado da realidade que enfrentamos.

Para contribuirmos, como é nosso dever, para levar nosso país pelo caminho do socialismo devemos fortalecer e ampliar a organização política da classe operária, nosso Partido, chamado a dirigir todo o povo na luta por sua salvação. Mas compreendamos que para fortalecer o Partido precisamos, antes e acima de tudo, intensificar em suas fileiras o estudo da realidade concreta, a análise da situação mundial e nacional, a investigação aprofundada da realidade brasileira, econômica, social e política, o estudo da história de nosso povo e da experiência de nossa própria atividade, o estudo enfim da lógica da revolução em nosso país. É claro, no entanto, que a situação do país não mudará por si mesma, automaticamente. Para alcançar as mudanças que almejamos — mudanças necessárias e inevitáveis, que decorrem do aprofundamento das contradições no próprio processo do desenvolvimento do capitalismo — é necessário o trabalho revolucionário, a atividade consciente do Partido, "o cérebro, a honra e a consciência de nossa época", na expressão de Lênin.

Falemos menos de revolução, acabemos definitivamente em nossas fileiras com a fraseologia ultra-revolucionária, e façamos o possível para compreender o processo real que se desenvolve em nosso país, o que pensa e o que quer o nosso povo. Se ainda agora, não é pequeno o número de comunistas que se surpreende com as possibilidades legais, cada dia maiores para nossa atividade, com que nos defrontamos, a que se deve isto senão a uma séria incompreensão da correlação de forças no mundo inteiro, cada vez mais favorável ao socialismo, e à incapacidade de avaliarmos a força latente do processo democrático em desenvolvimento no Brasil? No Brasil de hoje, no momento histórico em que vivemos, ser revolucionário, querer apressar a marcha de nosso povo para o socialismo, contribuir efetivamente para a preservação da paz, não é apresentar-se diante do povo como quem traz uma faca entre os dentes e que em nome de uma teoria morta, negação do marxismo, supõe possível transformar da noite para o dia em realidade seus sonhos revolucionários. Ser revolucionário é lutar efetivamente pelos interesses do povo, participar ativamente do processo político em desenvolvimento, conhecer a realidade viva, nela saber inserir-se para transformá-la segundo os interesses da classe operária, do povo brasileiro e do progresso da nação.

Será, assim, que prestaremos nossa melhor homenagem aos povos soviéticos e ao grande Partido Comunista da União Soviética que os dirige e que assinalaremos de maneira indelével na vida de nosso Partido este 40º aniversário da Grande Revolução Socialista de de Outubro.

Notas e Comentários

PEQUIM: AS CEM FLORES

De um ano para cá muito se tem comentado a respeito da tese chinesa conhecida sob a poética designação de "cem flores", embora seu conteúdo continuasse quase totalmente ignorado, aqui. Essa tese foi exposta no "Diário do Povo", de Pequim, de 13 de junho do ano passado. Tratava-se de um discurso de Lu Ting-Yi sobre a política do P. C. Chinês no domínio da literatura, da arte e da ciência, discurso esse proferido ante uma reunião de cientistas, escritores e artistas no salão Huai Jen Tang, em 26 de maio daquele ano. Lu Ting-Yi é chefe do Departamento de Propaganda do C. C. do P. C. Chinês. Eis aqui um resumo de suas teses:

1) Liberdade de pensamento no trabalho de literatura e arte e de pesquisa científica, liberdade de debate, de trabalho criador e de crítica, liberdade de expressar opinião, manter opinião e ter reserva sobre uma opinião.

Uma vez, há 2.000 anos, na China, houve no campo acadêmico um clima que se podia definir como sendo o de deixar "que as diversas escolas de pensamento contendam". Foi a era de ouro do desenvolvimento acadêmico em nosso país.

2) Devemos exercer a ditadura sobre os contra-revolucionários. Mas entre o povo deve haver democracia e liberdade.

Que desabrochem todas as flores na literatura e na arte e que as diferentes escolas do pensamento se defrontem no trabalho científico. Agora que a ditadura de democracia popular foi estabelecida e está sendo consolidada, podemos adotar a política de deixar "que as diversas escolas de pensamento contendam", para que progreda o trabalho acadêmico.

A divergência ideológica no seio do povo — materialismo ou idealismo — existirá enquanto houver classes e existirá mesmo depois que se eliminarem as classes e se formar a sociedade comunista. Será uma luta prolongada.

3) a — Distinguir entre a luta ideológica no seio do povo e a luta contra os contra-revolucionários. b — A idéia de tentar resolver problemas ideológicos por meios administrativos não pode produzir efeito algum.

No seio do povo deve haver liberdade para a propagação tanto do materialismo quanto do idealismo, com a só condição de que os propagadores do idealismo não sejam contra-revolucionários. Deve existir a liberdade de debate. Somente através do debate aberto, poderá o pensamento materialista vencer gradualmente o pensamento idealista.

Deve haver também liberdade para a expressão de diferentes opiniões, debate, crítica e réplica à crítica em questões de arte e em questões de caráter acadêmico ou técnico.

Criaram-se já tais condições no país que o C. C. do P. C. Chinês lançou a palavra de ordem: "Que as flores de todas as estações desabrochem juntas, e que as diversas escolas de pensamento contendam."

O fim desta política é mobilizar todos os elementos ativos para que deem o melhor possível à literatura e à arte chinesas e tornar a China capaz de alcançar no terreno científico os mais altos níveis do mundo.

Estas condições são as seguintes:

a) a transformação socialista no país conquistou uma vitória decisiva em todos os aspectos; o sistema de exploração será eliminado nessas áreas dentro de poucos anos; todos os antigos exploradores serão reeducados de modo a converter-se em trabalhadores que vivam de seu próprio trabalho. A China se transformará em breve num país socialista sem classes exploradoras.

b) houve modificações fundamentais na ideologia política dos intelectuais e transformações ainda mais básicas estão se dando. Se nos dois últimos anos, muitos intelectuais não sabiam o mal causado pelo idealismo burguês à causa do socialismo, hoje já fizeram a este respeito grande progresso.

c) os inimigos, especialmente os de dentro do país, foram grandemente enfraquecidos. A unidade política e ideológica do povo em todo o país se fortaleceu bastante.

Nos últimos anos se efetuou dentro do Partido uma séria luta contra o sectarismo nos campos da literatura, da arte e da ciência.

4) As ciências naturais, inclusive a medicina, não têm caráter de classe; elas têm suas próprias leis de desenvolvimento. Somente que, sob maus sistemas sociais, elas se desenvolvem

lentamente; sob os bons sistemas, rapidamente. Assim, seria errôneo dizer que "a medicina tradicional chinesa é feudal; que a medicina ocidental é capitalista; que a teoria de Pavlov é socialista, bem como a teoria de Mitchurin, ao passo que a teoria da hereditariedade de Mendel-Morgan seria capitalista".

O P. C. exige dos trabalhadores da literatura e da arte apenas uma coisa: servir ao povo.

5) Consideramos o realismo socialista como o melhor método de criação, mas não, de modo algum, como o único. Para servir ao povo, o autor pode usar o método que julgar melhor para criar e para confrontá-lo com outros. Assim, a literatura e a arte devem cantar a nova sociedade, seu caráter positivo, e criticar a velha sociedade, seu caráter negativo; enaltecer o progresso e criticar o que fica para trás. Por isso, os temas devem ser muito amplos. O sectarismo traz o perigo de provocar a estagnação no campo da filosofia e das ciências sociais.

6) Os cientistas e artistas que trabalhem honestamente devem receber só apoio e não estar sujeitos a ataques, em nosso sistema social. É um trabalho muito difícil galgar o cume da ciência e da arte. É impossível pensar com independência e efetuar um trabalho complexo e criador sem cometer equívocos. A crítica a tais equívocos deve ser bem intencionada, calma e raciocinada, com cabeça fria, de modo a considerar bem a questão, partindo sempre da unidade para alcançar a unidade. Devem-se tomar medidas para ajudar a corrigir esses erros.

GRUPO DE MÉDICOS DISCUSSÃO DE TESES

Os médicos que se constituíram no Grupo de Estudos Marxistas no Distrito Federal, sob os auspícios de NOVOS TEMPOS, iniciou seus estudos discutindo e debatendo o "ANTEPROJETO DE TESES" elaborado por incumbência da Comissão Carioca da Corrente Renovadora do Movimento Marxista Brasileiro e publicado no n.º 3 desta Revista. Nesta primeira reunião foram discutidos os Itens I e II, que se referem, respectivamente, às questões ideológicas e aos problemas organizativos.

Com aprovação de emendas e exclusão de palavras e frases, foi dada a seguinte nova redação:

I — Questões ideológicas

1 — (Este parágrafo não sofreu modificações).

2 — Não constituímos fração,

dissidência ou ala de qualquer partido. Constituímos uma organização legal, de massas e independente.

3 — (Sem modificações)

4 — Idem.

5 — Idem.

II — Problemas organizativos
(Houve alteração na ordem dos parágrafos, além das emendas e supressões).

1 — São membros da Corrente todos os que se disponham a contribuir política e materialmente na luta pelo socialismo e participem de uma de suas organizações.

2 — Os membros das organizações são iguais em direitos e deveres e se organizam democraticamente, na base do voto secreto, proporcional e, sempre que possível, direto.

3 — Todo membro da Corrente tem o direito de participar ativamente da elaboração poli-

7) Estudo do marxismo-leninismo em base voluntária. Adquirir conhecimentos em vasta escala, estudar criticamente o passado e o presente, a China e os países estrangeiros, os amigos e os inimigos. Sem a orientação das teorias científicas marxistas-leninistas não se poderia pensar nas vitórias da revolução chinesa nem nos rápidos progressos em todos os campos, inclusive no da ciência e da cultura.

Em relação a isso, é preciso notar que:

a) O dogmatismo é o grande inimigo do marxismo-leninismo. O dogmatismo quase pôs a perder nossa revolução durante o período da revolução democrática chinesa.

b) Muitos dos legados culturais chineses devem ser estudados seriamente e aceitos criticamente: selecionar com cuidado, defender e desenvolver todos os fatores benéficos e ao mesmo tempo criticar honestamente os erros e limitações.

c) Aprender com o povo — é um dever dos escritores, artistas e cientistas.

d) Devemos cultivar o auto-respeito nacional, mas não devemos recusar-nos a aprender com o estrangeiro. Devemos aprender com a URSS, com as democracias populares e com todos os demais países, utilizando o método não da aprendizagem doutrinária, da adoção mecânica, mas da adaptação à situação real do país. Cada democracia popular tem seus próprios méritos e devemos aprender com elas. Devemos aprender também com os inimigos, não seus sistemas reacionários, mas o que têm de valioso no seu método de administrar, na ciência e na técnica.

tica e da solução dos problemas orgânicos.

4 — Todos os cargos são eletivos. Os mandatos podem ser cassados a qualquer momento pelos eleitores, na forma que se convier nas normas orgânicas.

5 — A Corrente mantém uma disciplina democrática. A minoria se subordina à maioria mas tem o direito de defender seus pontos-de-vista periódica, interna e publicamente. Os círculos ou grupos básicos subordinam-se às organizações dirigentes constituídas por seus delegados democraticamente eleitos, mantendo, porém, plena autonomia em sua esfera específica de ação.

6 — Em nossa organização podem coexistir tendências, às quais é lícito defender seus pontos-de-vista.

7 — A organização do Distrito Federal manterá laços federa-

tivos com as congêneres dos Estados, visando à união política e orgânica com a maior brevidade.

A IV INTERNACIONAL E A REVOLUÇÃO DE OUTUBRO

Datada de 7 de novembro de 1957, e assinada pelo Bureau Político da Seção Brasileira da IV Internacional, foi-nos enviada pelo representante de NOVOS TEMPOS em São Paulo uma proclamação mimeografada, da qual extraímos os seguintes trechos:

"O 40.º aniversário da Revolução de Outubro se comemora num momento de grandes lutas das massas contra o capitalismo e o stalinismo e sob o impacto de notáveis progressos técnicos da economia planificada da URSS.

Apesar dos erros e traições das direções reformistas e stalinistas, os 40 anos que nos separam da revolução de outubro assinalam grandes vitórias das massas, que abalaram profundamente o sistema capitalista, em escala mundial.

A revolução chinesa, a derrubada do capitalismo nos países da Europa Oriental, o impulso da revolução colonial na Ásia, África e América Latina, criaram novas condições, que caracterizam um período final de crise do capitalismo.

Hoje, o regime capitalista só domina uma parcela do globo e ainda aí o seu domínio é instável. Na realidade, ele só conta seguramente com a metrópole imperialista, onde as lutas das massas estão longe de ter atingido um nível mais elevado.

Por outro lado, a URSS de 1957 não é mais o jovem Estado Socialista dos primeiros anos após a Revolução. As relações econômicas instituídas por Outubro — e não o regime burocrático stalinista — comprovaram espetacularmente a sua superioridade, num dos fenômenos mais grandiosos de desenvolvimento das forças produtivas. De um país atrasado, cuja economia agrícola era marcada por resquícios semifeudais e cuja indústria apresentava um desenvolvimento incipiente e contraditório, a URSS se transformou numa grande potência econômica moderníssima e de uma agricultura em pleno processo

de transformação social e de modernização técnica.

A burocracia foi e continua sendo um freio para o desenvolvimento político e econômico da URSS. Os êxitos técnicos e o fabuloso progresso econômico da União Soviética, bem como as vitórias da revolução em outros países do mundo, não se obtiveram graças ao regime stalinista, mas apesar dele.

É a superioridade das relações econômicas instituídas por Outubro, e o impulso revolucionário das massas do mundo inteiro, que explicam as derrotas infligidas ao capitalismo, nos últimos 40 anos.

O stalinismo só foi um entrave nessas lutas, e é o responsável por toda uma série de derrotas (Alemanha, Espanha, etc.), sem as quais hoje, talvez, o regime capitalista já teria sido completamente liquidado.

A burocracia stalinista sufocou a democracia proletária na URSS (soviets, conselhos operários, sindicatos), asfixiou toda iniciativa política das massas soviéticas e eliminou a velha guarda revolucionária.

Ela legitimou monstruosas diferenças de salários entre os dirigentes e o proletariado, pôs em prática uma política econômica que não visava ao bem estar das massas mas aos interesses da própria burocracia, e transformou o Estado soviético em um instrumento de opressão política e econômica.

Por sua vez, o capitalismo, debilitado, só tem como perspectiva a preparação de uma guerra contra-revolucionária, única saída possível para a situação também de crise em que se acha irremediavelmente mergulhado."

A URSS NA AFRO-ASIÁTICA

CAIRO, 28 de dezembro (FP) — A mais retumbante das intervenções das diferentes delegações na tribuna da Conferência de Solidariedade Afro-Asiática foi certamente a do chefe da delegação russa, sr. Ráchidov Charaf Ráchidovitch, ao oferecer a todos os países representados na conferência, um incondicional auxílio financeiro, econômico e técnico do bloco soviético. Essa intervenção constitui hoje o assunto de todas as conversações entre as delegações. A embaixada soviética do Cairo ofereceu ontem à noite uma recepção, na qual só-

mente foram admitidos os jornalistas dos países afro-asiáticos, com exclusão de todos os outros, para expôr minuciosamente o sentido das propostas de assistência soviética. Em sua exposição, o porta-voz da delegação fez brilhar a esperança de um futuro paradisíaco para as nações afro-asiáticas sub-desenvolvidas. Recordando que a União Soviética conseguira, no período de quarenta anos, aumentar trinta vezes a sua capacidade de produção, afirmou o porta-voz da delegação, sob os aplausos da assistência: "Hoje, as nações da África e da Ásia estão em posição muito melhor do que a posição em que a União Soviética se encontrava há quarenta anos. Os países capitalistas altamente desenvolvidos não têm mais, agora, nem o monopólio do equipamento, nem o das máquinas, do crédito ou da experiência científica e técnica". Esclareceu depois o chefe da delegação soviética a natureza do auxílio que Moscou poderia dar imediatamente aos países afro-asiáticos, salientando: "Podemos construir em vosso território uma usina ou um sistema de transportes, um centro de pesquisa ou uma universidade, um hospital ou um instituto cultural. Podemos enviar-vos os nossos especialistas para estudar os vossos problemas e podeis enviar os vossos especialistas às nossas empresas e aos nossos centros de pesquisas. Podemos enviar os nossos professores para ensinar em vossos estabelecimentos de educação ou podeis enviar os vossos estudantes aos nossos institutos. Fazei o que vos parecer melhor em vosso interesse. Dizei-nos quais as vossas necessidades e estaremos prontos a dar qualquer assistência, seja por intermédio de créditos, auxílio técnico ou qualquer outro meio. O nosso único limite é o das possibilidades econômicas da União Soviética. Não procuramos vantagem alguma. Não queremos lucros, nem privilégios nem participação na administração, nem concessões, nem matérias-primas. Não vos pedimos que participeis de bloco algum, que mudeis o vosso governo ou modifiqueis a vossa política interna ou externa. Vimos auxiliar-vos como um irmão auxilia outro irmão, sem interesse algum. Sabemos pela experiência própria quanto é difícil sair da pobreza.

A nossa única condição é au-

xiliar-vos sem condição alguma". Calorosas aclamações interromperam neste ponto o relator soviético, impedindo-o, durante vários minutos, de retomar a palavra. Essa declaração foi saudada por tôdas as delegações como um grande momento da Conferência de Solidariedade Afro-Asiática. Único país europeu que participa da conferência do Continente Negro e do Continente Amarelo, a União Soviética preparou tamanho êxito que, na opinião de todos os observadores, dificilmente pode ser esquecido. Ao descer da tribuna, o porta-voz da delegação soviética foi imediatamente cercado pelos chefes das delegações presentes, que lhe apresentaram felicitações e agradecimentos. Algumas delegações tomaram a iniciativa de fazer circular um projeto de resolução que seria submetida à assembléia geral da Conferência, manifestando o reconhecimento dos países da África e da Ásia à União Soviética, pela assistência já prestada e pela prometida. Essa proposta constitui objeto de múltiplas conferências entre as 45 delegações.

(Transcrito dos jornais).

NEUTRALIDADE

Os povos desejam a paz. E exprimem êsse desejo de paz com a adesão em massa à política de neutralidade. Tal é o resultado claro e inofismável de um inquérito estatístico de opinião pública que auscultou as populações da Suécia, Áustria, Bélgica, Noruega, Itália, França, Alemanha, Austrália, Holanda e Brasil. E' significativo que o inquérito tenha sido realizado por uma organização americana, a "International Research Associates Inc.", em cooperação com um jornal que não brima pelo pacifismo, como o "New York Herald Tribune". Os resultados da pesquisa foram dados a público no Brasil pelo "Correio da Manhã" (29-12-57).

Diante do fato de que tais resultados estão sendo divulgados no mundo inteiro, pouco interessa averiguar com que intenções êle foi feito. Houve honestidade na elaboração dos quadros percentuais. E a publicidade que lhes está sendo dada

não deixa de ser um desafio e uma advertência aos círculos interessados numa hecatombe atômica.

O resultado é tanto mais expressivo se tomarmos em conta que foram feitas perguntas que poderiam insinuar uma preferência para a guerra, como o mal menor, apesar de tudo. Uma pergunta como esta — "Acha que a ocupação por parte de um país como a Rússia é preferível à guerra? é uma interpelação que tem um travo anti-soviético e é intimidativa em certas circunstâncias. Mesmo assim, inclusive nos países do Pacto do Atlântico, a esmagadora maioria das respostas foi pela paz.

O Brasil foi o único país latino-americano objeto da investigação. E o inquérito somente se realizou no Rio e em São Paulo. Essa limitação, entretanto, não diminui a importância e a repercussão dos resultados obtidos. A extensão do questionário a outros pontos importantes do país somente reforçaria e confirmaria, é evidente, o resultado global obtido: 61% abertamente pela neutralidade, 17% "não sabem" ainda e 22% pela guerra (e isto mesmo diante da eventualidade de uma ocupação russa, pois a pergunta foi a mesma no Brasil e na Alemanha...). Os índices estatísticos pouco diferem, apesar as diferenças de classe social e grau de instrução.

O inquérito certamente não teve a amplitude dos plebiscitos que foram, em seu tempo, as campanhas de assinaturas do Apelo de Estocolmo e por um Pacto de Paz. Mas leva sobre êles uma dupla vantagem: o controle estatístico mais rigoroso e o registro das opiniões contrárias.

Cumprê assinalar, também, que o inquérito de iniciativa norte-americana submeteu a um ridículo atroz as manifestações do estreito sectarismo e do antiamericanismo incondicional que "denunciaram" a pesquisa como "espionagem ianque" e "propaganda de guerra", através de órgãos que se autoqualificam de populares.

Foi dada aos povos mais uma oportunidade de se manifestarem sobre o mais agudo problema de nossos dias. A resposta

não foi escamoteada. Ela veio dar razão aos que propugnam por uma política de neutralidade ativa para o Brasil, como a forma concreta de realizar uma política externa realmente independente e de paz. Êste é o desejo das massas.

I . A .

JOSE' OLYMPIO, EDITOR PROGRESSISTA

Uma notícia auspiciosa para a cultura brasileira acaba de ser publicada pela imprensa — o lançamento n.º 2.000 da Editôra José Olympio.

Num país onde as editôras têm vida curta, quase sempre devido ao descaso que os poderes públicos lhes dão, essa notícia representa um verdadeiro recorde.

E' bem verdade que a empresa editorial dirigida por José Olympio sempre se distinguiu pela seriedade das suas edições, pela escolha cuidadosa dos seus editados, valorizando a cultura nacional.

Se um romancista, poeta, ou ensaísta, tem talento e sua obra representa uma contribuição ao enriquecimento das nossas letras ou da nossa ciência, encontra sempre em José Olympio um editor entusiasta e uma amigo dedicado. E não foi por acaso que se construiu êsse monumento de cultura que se chama a coleção dos Documentos Brasileiros, sabido que êle dá preferência a tudo que signifique divulgação da cultura brasileira.

Da Editôra saíram as mais audaciosas edições do País. Não se acovarda em espalhar por todos os recantos do Brasil lançamentos que ao editor rotineiro pareceriam um risco oneroso. Estão aí, esgotando-se continuamente, milhares de volumes dos romances de Graciliano Ramos, José Lins do Rêgo, Raquel de Queiroz, Manuel Bandeira, poesias de Carlos Drummond de Andrade, e a estréia sputnik de Mario Palmério, demonstrando o seu raro tino editorial.

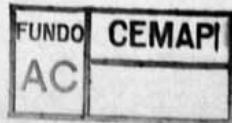
Também, em nenhuma época da nossa formação, um editor representou um marco tão importante da cultura brasileira como a que ocupa êsse bravo paulista da Editôra José Olympio.

M . C .

João de

Dante Lora

14-11-90



NOVOS TEMPOS

Redação e Administração:

Av. Rio Branco, 185 — Sala 509
RIO DE JANEIRO, DF — BRASIL

Diretor: OSVALDO PERALVA

Conselho de Redação:

ARMANDO LOPES DA CUNHA.
BENITO PAPI, ERNESTO LUIZ
MAIA, EROS MARTINS TEIXEIRA,
HORÁCIO MACEDO, LEONCIO
BASBAUM, ROBERTO MORENA e
WILSON LOPES DOS SANTOS

Representantes:

CARLETO FERRER FAVALLI
Rua São Bento, 405 - 16.º andar
sala 1625 — São Paulo, S.P.

DULPHE PINHEIRO MACHADO
FILHO

Rua Antenor Lemos, 22 - ap. 1
Pôrto Alegre, RGS

RAIMUNDO SCHAUN
Rua Padre Vieira - Ed. Santa Cruz,
6.º andar — Sala 605
Salvador, Bahia

Preço de cada exemplar: Cr\$ 20,00
Assinatura anual:
Para o Brasil: Cr\$ 240,00
Para o Exterior: Cr\$ 500,00

NOVOS TEMPOS é uma revista marxista sem vinculação orgânica com qualquer entidade política.

Os artigos assinados são de responsabilidade exclusiva de seus autores.

A transcrição de documentos não implica no endosso, por parte da revista, dos conceitos neles emitidos.

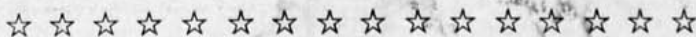
Capa de Fernando P.

Composto e impresso nas oficinas da
Companhia Brasileira de Artes Gráficas,
rua Riachuelo, 128 — Rio de Janeiro



ÍNDICE

	Pág.
Editorial — NOSSOS VOTOS PARA 1958	Capa
Juvenal Carvalho da Silva — ALGUMAS QUESTÕES SÓBRE O MOVIMENTO SINDICAL	1
Eurico Mendes — O MOVIMENTO REVOLUCIONÁ- RIO BRASILEIRO NA ENCRUZILHADA	5
H. Schmittke — AS SOCIEDADES EM COMANDITA NA RDA	11
Maurício Cello — CONSIDERAÇÕES SÓBRE A TÁ- TICA DO MOVIMENTO RENOVADOR	15
Eros Martins Teixeira — ORGANIZAR PARA O ES- TUDO E A AÇÃO	16
Calvino Filho — HOVE DEGENERESCÊNCIA DO PARTIDO, DA BUROCRACIA, DO ESTADO, RE- GIME OU SISTEMA SOVIÉTICOS?	21
Carréra Guerra — BRASIL: PAZ E AMIZADE EN- TRE OS POVOS	30
Garcia Ramos, E. M., Onaldo Freire Diniz — LIVROS DO MÊS	33
Z. C., L. B., C. F., O. P. — REVISTA DAS REVISTAS	36
CARTAS ABERTAS	38
Documentos Brasileiros — O RELATÓRIO CANEL- LAS	40
Luiz Carlos Prestes — SÓBRE O 40.º ANIVERSÁRIO DA REVOLUÇÃO DE OUTUBRO	45
NOTAS E COMENTÁRIOS	53



ÚLTIMAS EDIÇÕES DE "CONQUISTA"

LUIZ EDMUNDO

O RIO DE JANEIRO NO TEMPO DOS VICE-REIS, 4. ^a edição, 3 vols.	210,00
A CÔRTE DE D. JOÃO NO RIO DE JANEIRO, 2. ^a edição, 3 vols.	210,00
O RIO DE JANEIRO DO MEU TEMPO, 2. ^a edição, 5 vols.	350,00
RECORDAÇÕES DO RIO ANTIGO, 2. ^a edição	70,00
(Todos os volumes profusamente ilustrados)	

MINISTRO EDUARDO ESPINOLA

A FAMÍLIA NO DIREITO CIVIL BRASILEIRO, enc.	350,00
DOS CONTRATOS NOMINADOS NO DIREITO CIVIL BRASILEIRO, 2. ^a edição, enc.	350,00
POSSE, PROPRIEDADE, CONDOMÍNIO, DIREITOS AUTORAIS, enc.	350,00

B. CALHEIROS BOMFIM

JURISPRUDÊNCIA DO CONTRATO DE TRABALHO	200,00
JURISPRUDÊNCIA DO PROCESSO TRABALHISTA	250,00
DICIONÁRIO DE DECISÕES TRABALHISTAS (1956)	200,00

J. C. DE MELO E SOUSA

FOLCLORE DA MATEMÁTICA	100,00
MEU ANEL DE SETE PEDRAS (folclore)	80,00

IVETE CAMARGOS

DIREITO ADMINISTRATIVO (para concursos)	60,00
DIREITO CONSTITUCIONAL (para concursos)	60,00
DIREITO CIVIL (para concursos)	50,00
DIREITO PENAL (para concursos)	30,00
ESTATUTO DOS FUNCIONÁRIOS PÚBLICOS CIVIS DA UNIÃO (com toda a legislação posterior)	60,00

VALMIRO RODRIGUES VIDAL

CURIOSIDADES, 2. ^o vol., 2. ^a edição	70,00
CURIOSIDADES, 4. ^o vol.	60,00
CURIOSIDADES, 5. ^o vol.	70,00
CURIOSIDADES, 6. ^o vol.	70,00
EXTRANUMERÁRIOS (toda a legislação sobre o assunto)	80,00

ALVARO MOREIRA DA SILVA

DO MONTEPIO E PENSÕES DOS MILITARES (toda a legislação sobre o assunto)	150,00
---	--------

OTTO ALCIDES OHLWEILER

A ENERGIA ATÔMICA NA PAZ E NA GUERRA	50,00
--	-------

ABGUAR BASTOS

SOMANLU, O VIAJANTE DA ESTRÉLA (novela)	100,00
---	--------

MALBA TAHAN

A SOMBRA DO ARCO-ÍRIS, 3 vols. ...	150,00
O HOMEM QUE CALCULAVA	70,00
MINHA VIDA QUERIDA	50,00
MAKTUB (estava escrito!)	50,00
CÉU DE ALLAH	50,00
MIL HISTÓRIAS SEM FIM, 1. ^o vol. ...	50,00
MIL HISTÓRIAS SEM FIM, 2. ^o vol. ...	50,00
LENDAS DO CÉU E DA TERRA	50,00
LENDAS DO POVO DE DEUS	50,00
LENDAS DO DESERTO	50,00

JURACI SILVEIRA

LER E BRINCAR (Cartilha), 7. ^a edição	25,00
--	-------

HELOISA RAPOSO LAGE

A CARTILHA QUE EU QUERIA (Histórias e Cantigas), 10. ^a edição	25,00
--	-------

NAZIR CARDOSO

LEITURA INTERMEDIÁRIA	20,00
ENSINO SUPLETIVO — Preliminar ...	35,00
ENSINO SUPLETIVO — Básico, 1. ^o ano.	50,00

MARIA HELENA, EPONINA e ELLEN PORTILHO

TRECHOS PARA DITADOS (5. ^a Série e Admissão. Principais dificuldades ortográficas)	26,00
---	-------

IRENE DE ALBUQUERQUE

JOGOS E RECREAÇÕES MATEMÁTICAS, 2. ^a edição	80,00
--	-------

CÉLIA CÔRTEZ ABDON

PRIMEIROS PASSOS NA LINGUAGEM, 2. ^a edição	60,00
---	-------

LUCY SERRANO VEREZA

LINGUAGEM PARA A QUARTA SÉRIE	60,00
-------------------------------	-------

AD. FERRÈRE

EDUCAÇÃO DA INFÂNCIA ABANDONADA	25,00
---------------------------------------	-------

JOAQUIM DE SALES

DICIONÁRIO DE ELEMENTOS GREGOS	35,00
--------------------------------------	-------

A. TENÓRIO D'ALBUQUERQUE

A ARTE DE ESCREVER	50,00
ANÁLISE LÉXICA E SINTÁTICA	40,00
CORREÇÃO DE FRASES	40,00
DICIONÁRIO DE LINGUAGEM, 2. ^a ed.	60,00
GEOGRAFIA DO BRASIL	60,00

Atende-se pelo Reembolso Postal para todo o Brasil. Pedidos a

CONQUISTA

AVENIDA 28 DE SETEMBRO, 174 — RIO DE JANEIRO